



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

FÁBIO BANDEIRA DE MELLO VASCONCELOS

JORNALISMO ESPORTIVO: COMO A MÍDIA TRANSFORMA ATLETAS EM HERÓIS
E VILÕES

JOÃO PESSOA
2017

FÁBIO BANDEIRA DE MELLO VASCONCELOS

JORNALISMO ESPORTIVO: COMO A MÍDIA TRANSFORMA ATLETAS EM HERÓIS
OU VILÕES

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (Mestrado Profissional) para a obtenção do título de Mestre.

JOÃO PESSOA
2017

Catálogo na Publicação
Seção de Catalogação e Classificação

V331j Vasconcelos, Fábio Bandeira de Mello.
 Jornalismo esportivo: como a mídia transforma atletas em
 heróis ou vilões / Fábio Bandeira de Mello Vasconcelos. - João
 Pessoa, 2017.
 172 f. : il.

 Orientador: Valdecir Becker.
 Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA

 1. Jornalismo esportivo. 2. Mitologia no esporte. 3. Práticas
 jornalísticas - Mitos. I. Título.

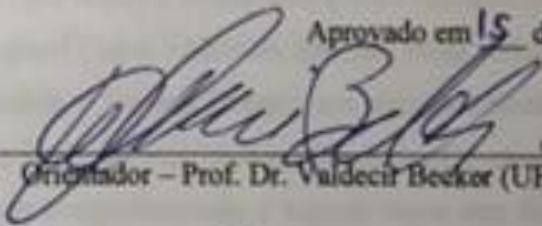
UFPB/BC

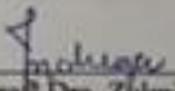
FÁBIO BANDEIRA DE MELLO VASCONCELOS

**JORNALISMO ESPORTIVO: COMO A MÍDIA TRANSFORMA ATLETAS EM HERÓIS
OU VILÕES**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (Mestrado Profissional) para a obtenção do título de Mestre.

Aprovado em 15 de Agosto de 2019


Orientador – Prof. Dr. Valdecir Becker (UFPB)


Examinadora – Prof. Dra. Zulmira Nóbrega (UFPB)


Examinador – Prof. Dr. Marcos Nicolau (UFPB)

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa tem como principal embasamento teórico a Jornada do Herói, de Joseph Campbell. De certa forma, com suas devidas limitações comparativas, todo o processo de construção desse material, assim como o ciclo do Mestrado, tem uma relação intrínseca com o objeto de estudo. E eu, neste caso, no papel de “herói” dessa batalha chamada Mestrado e dissertação, passei por situações e enredos que Campbell descreveu décadas atrás e que se assemelham a registros e histórias mitológicas e contemporâneas. Neste espaço não cabe aqui indicar como foi a jornada, mas sim agradecer as pessoas que contribuíram e participaram - às vezes silenciosamente - dela.

E foram muitos mentores: meus pais e meus irmãos com o apoio e suporte incondicional ao longo desse tempo. Meus professores da academia, em especial, Valdecir Becker (orientador), Sandra Moura, Zulmira Nóbrega e Fernando Firmino, pelas orientações pontuais e assertivas. Leandro Vieira, pela inspiração como profissional, amigo, chefe, e que faz com que eu deseje sempre evoluir mais.

Aos meus vários “heróis” e companheiros do mestrado, que sempre com carisma, palavras e trabalhos fizeram com que eu ficasse mais forte e inspirado. Destaque para Mayara Chaves que também funcionou como “Arauto”, ajudando e me convencendo a encarar essa jornada. Aos “Pícaros” que deram a leveza para que eu continuasse até o fim: Eduardo Moura e todos do CDEM, Janhavi Caran e Marcela Estevam pelas nadadas e corridas; meus sócios: Júnior Cruz, João Cleiton e Simone Donata; aos amigos Franciny Rocha, Maria Luciana, Raquel Soares, Juliana Paulo, Rivany Malloni, Demetrius Cavalcanti e Rafael Carvalho. Além de Isabelle França pelo companheirismo e suporte nessa reta final, inclusive, na leitura de algumas análises.

À “Sombra” chamada tempo. Que foi bastante cruel comigo, mas, de fato, sem vilão, o herói não existe. Essa jornada, felizmente, abre portas para muitas outras que estarão por vir.

“Você nunca sabe que resultados virão da sua ação. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados” (Mahatma Gandhi).

RESUMO

As coberturas jornalísticas esportivas, muitas vezes, recebem em sua linguagem um percurso de múltiplas abordagens e técnicas diferenciadas nas quais competições, atletas e times em confronto, ao serem descritas pelos veículos de comunicação, ganham adjetivações e contextos que tornam os jogos e seus personagens parte de uma espetacularização midiática. Dentro dessa prática jornalística, os atletas são configurados para se tornarem o protagonista do espetáculo, em uma relação de figura de herói ou de vilão, com “poderes” ou características que as distinguem dos demais humanos e que provocam e reforçam maior interesse pelo público. O objetivo desta dissertação é analisar o processo de apropriação de elementos não jornalísticos, como por exemplo, narrativas mais literárias, adjetivadas e contextos mitológicos, dentro da prática do Jornalismo Esportivo com o intuito de atrair e envolver mais leitores, telespectadores e ouvintes. Para atingir o objetivo foi realizado um trabalho referencial sobre Mitologia, a Jornada do Herói, Jornalismo Esportivo na ótica da linguagem, da técnica e do consumo de notícias, além de elucidar essa situação em três estudos de casos brasileiros diferentes que, após determinados acontecimentos, tiveram pela imprensa uma transformação na forma que eram noticiados: A morte do piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna (1994), a agressão ao maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima por um extremista religioso na Maratona da Olimpíada da Grécia (2004) e a derrota por 7x1 da Seleção Brasileira de Futebol para Alemanha, na Copa do Mundo no Brasil (2014).

Palavras Chaves: Jornalismo Esportivo, Mitologia, Herói e Vilão, Ayrton Senna, Vanderlei Cordeiro de Lima, Seleção Brasileira.

ABSTRACT

Sports news coverage often receive in their language a course of multiple approaches and different techniques in which competitions, athletes and teams in confrontation, while been described in the media, gain adjectives and contexts to make games and their characters become a media spectacle. Within this journalistic practice, athletes are recreated outside the athletes ball to become heroes or villains, with “powers” or characteristics that distinguish them from other humans and that, somehow, provoke and reinforce a greater interest by the public. The purpose of this dissertation is to understand the process of appropriation of non journalistic elements, such as more literary narratives, adjectives and mythological contexts, within sports Journalism practice in order to attract and involve more readers, viewers and listeners. In addition, the Hero’s Journey, Sports Journalism from the standpoint of language, technique and news consumption, in addition to elucidate this situation in three different Brazilian case studies that, after an episode A season of Formula 1 driver Ayrton Senna (1994), a runner-up of marathon runner Vanderlei Cordeiro de Lima who was attacked by a religious extremist in the 2004 Olympics and the 7x1 loss by the Brazilian National Team to Germany at the 2014 World Cup in Brazil.

Keywords: Sports Journalism. Mythology. Spectatorization. Hero. Villain.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Assembleia dos principais deuses gregos no Monte Olimpo	25
Figura 02 - Capa da revista Sports Illustrated	65
Figura 03 - Capa da revista Época Negócios	68
Figura 04 - Capa da revista Time	69
Figura 05 - Manchete do portal GloboEsporte.com	70
Figura 06 - Capas de revistas com Armstrong Sports Illustrated	71
Figura 07 - Capas dos jornais Daily News e New York Post	72
Figura 08 - Capas com Ayrton Senna	74
Figura 09 - Capas dos jornais do O Globo após falecimento de Senna	76
Figura 10 - Anúncio em homenagem ao Senna	77
Figura 11 - O Globo 2/5/94	78
Figura 12 - Capa o Globo 3/5/94	80
Figura 13 - Globo edição do dia 5/5/94	82
Figura 14 - O último herói brasileiro	84
Figura 15 - Caderno de Esporte O Globo 28/5/94	89
Figura 16 - Folha 2/5/94	91
Figura 17 - Folha 3/5/94	93
Figura 18 - Folha 5/5/94	95
Figura 19 - Folha 6/5/94	96
Figura 20 - Folha 7/5/94	97
Figura 21 - Folha 8/5/94	98
Figura 22 - Folha 9/5/94 interna	99
Figura 23 - Folha 15/5/94	102
Figura 24 - O Globo 30/8/04	108
Figura 25 - O Globo 30/8/04 Esporte	109
Figura 26 - O Globo 31/08/04	110
Figura 27 - O Globo 1/9/04	111
Figura 28 - O Globo 2/9/04	113
Figura 29 - O Globo 3/9/04	114
Figura 30 - O Globo 8/9/04	115
Figura 31 - O Globo 9/9/04	116

Figura 32 - O Globo 17-18/5/04	119
Figura 33 - Folha 30/8/04	121
Figura 34 - Folha 31/8/04	122
Figura 35 - Folha 1/9/04	123
Figura 36 - Folha 2/9/04	125
Figura 37 - Folha 14/9	125
Figura 38 - Folha 17/9/04	126
Figura 39 - Folha 27/9/04	128
Figura 40 - Erros do Felipão	132
Figura 41 - O Globo 9/7/14	134
Figura 42 - Globo 10/7	135
Figura 43 - Globo 10/7/14	136
Figura 44 - Globo 15/7/14	138
Figura 45 - Globo 21/7/14	140
Figura 46 - Folha 27/7	141
Figura 47 - Folha 9/7/14	144
Figura 48 - Folha esporte 9/7	145
Figura 49 - Folha 10/7/14	146
Figura 50 - Folha Copa 10/7/14	146
Figura 51 - Folha 11/7/14	147
Figura 52 - Folha 18/7/14	150
Figura 53 - Folha 24/7/14	152
Figura 54 - Folha 25/7/14	153
Figura 55 - Folha 27/7/14	154
Figura 56 - Folha 30/7	155
Figura 57 - Folha 31/7	156
Figura 58 - Folha 3/8/14	157
Figura 59 - Folha 7/8/14	158
Figura 60 - Folha 8/8/14	159

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Percurso metodológico	12
2	MITOLOGIA	16
2.1	O mito como linguagem e expressão cultural	19
2.1.2	A mitologia como influência da sociedade contemporânea	21
2.1.3	Mitologia no esporte	23
2.1.4	Mitos nas práticas jornalísticas	25
2.2	O mito do herói	27
2.2.1	Arquétipos	28
2.2.2	Os estágios da jornada do herói	30
2.2.2.1	<i>Partida</i>	30
2.2.2.2	<i>Iniciação</i>	31
2.2.2.3	<i>Regresso</i>	32
2.3	Vilões, inimigos e rivais: a sua relevância	34
3	JORNALISMO ESPORTIVO	36
3.1	A evolução nas coberturas esportivas	38
3.2	A força do Rádio no esporte	42
3.3	A cobertura pelo impresso	44
3.4	Um fator fundamental ao esporte: a TV	47
3.5	Internet: uma nova forma de pensar em jornalismo	48
3.6	O jornalista dentro do esporte	51
4	ESPORTE, JORNALISMO E MITOLOGIA	52
4.1	Linguagem: um mergulho pela Narratologia	52
4.1.1	Veículos de comunicação, jornalista e fonte: o papel da narrativa	55
4.1.2	Elementos narrativos e mitológicos nas coberturas esportivas	58

4.2	Consumo de notícias: Discursos de espetacularização e <i>celebrificação</i>	59
4.2.1	Processo de midiatização no esporte	61
4.3	Técnica: a Jornada do herói e do vilão atual	63
5	ANÁLISES MIDIÁTICAS	70
5.1	Ayrton Senna	73
5.1.1	Jornal O Globo	78
5.1.2	Jornal Folha de São Paulo	90
5.1.3	Jornada do Herói - Senna	104
5.2	Vanderlei Cordeiro de Lima	105
5.2.1	Jornal O Globo	108
5.2.2	Folha de São Paulo	120
5.2.3	Jornada do Herói – Vanderlei	128
5.3	Seleção brasileira	129
5.3.1	Jornal O Globo	133
5.3.2	Folha de São Paulo	144
5.3.3	Jornada do Herói - Seleção Brasileira	160
6	CONCLUSÃO	162
	REFERÊNCIAS	167

1 INTRODUÇÃO

Confronto, superação, ascensão, vitória. Esses elementos, de modo geral, são bastante apreciados pela nossa sociedade e estão presentes em diversos contextos que cercam a nossa civilização hoje e em tempos mais antigos. Na época dos gladiadores, dentro do Coliseu, em 90 d.C., eram usadas para descrever e empolgar um público conduzido pela política do “pão e circo”. Na mitologia, berço cultural da nossa civilização, são esses elementos os preferidos nas narrativas de construção das histórias, dos seres mitológicos e para explicações religiosas ou do próprio universo. Ao aprofundarmos no contexto atual é possível verificar essas ligações em diferentes frentes, como nos enredos de filmes de aventura e de guerra, nas quais o confronto, a superação, a ascensão e a vitória são frequentemente contextualizados.

O esporte também é outro que se alimenta da construção de narrativas que utilizam essas quatro variações. Inclusive, hoje, o esporte é um dos grandes impulsionadores mundiais do entretenimento e de negócios, criando um público fiel que consome essa atividade, seja para praticar ou assistir e que incentiva para a ida de milhares de pessoas aos estádios, torneios e competições. Um dos grandes agentes por disseminar essa paixão, sem sombra de dúvida, são os veículos de comunicação. A televisão, o rádio, o jornal e a internet são (e foram) impulsionadores para atração do público relacionado ao esporte, criando um agendamento e programação nas pessoas sobre o que ainda está por vir, sobre o que acontece e também realizando um resgate histórico daquilo que já aconteceu. Isso gera um processo de retroalimentação, no qual ambos – eventos esportivos e mídia - aproveitam um ao outro para terem mais público e melhores publicidades.

Na disseminação da informação, no âmbito da cobertura esportiva, embora seja do ofício do Jornalismo a isenção ao se observar o fato, nota-se que as crônicas e análises, muitas vezes, carregam um grau de dramaticidade que desvia o jornalista de sua premissa profissional. A emoção constatada em algumas dessas críticas representa, segundo Schmitz (2001, p. 13-29), algo “inerente ao processo gerador de informação”. Dessa forma, observa-se nas coberturas jornalísticas da mídia, a colocação de lutadores, jogadores de futebol, pilotos, corredores e atletas em geral como guerreiros, heróis ou vilões, no encontro do imaginário para o real e do real para o imaginário. Isso faz com que os atletas ganhem *status* de seres com superpoderes, geralmente associados à força física, destreza, coragem ou inteligência. Esse contexto permite a espetacularização e a supervalorização dos feitos e resultados alcançados, fazendo com que

passee a existir uma relação bem próxima entre o protagonista do espetáculo, que é a figura do herói diante do seu público.

É bem verdade que a personificação de pessoas como heróis esportivos procede desde os tempos mais remotos da civilização, muito antes mesmo de Gutenberg sonhar com a prensa móvel. Essa construção de imagem acentuada data desde a criação dos Jogos Olímpicos na Grécia Antiga, por volta de 2.500 a.C, nas quais os vencedores eram homenageados com estátuas e recebidos como heróis por seus conterrâneos. Para Barreau e Morne (1991), o espetáculo esportivo é mais que uma ocasião para sonhos individuais (tratam-se de jogos coletivos ou individuais que, de certa maneira, são um enfrentamento). Ao término das disputas deve-se anunciar o melhor, sendo que para os autores, o melhor é aquele que consegue a vitória. O espetáculo esportivo é a história de uma vitória.

A percepção é que os fatos narrados pelos veículos de comunicação na transformação de atletas em ídolos ou vilões nacionais aplicam-se perfeitamente à jornada do herói descrita na teoria de Campbell (1993) e em teorias que trazem um resgate mitológico ou da cultura de massa, comum entre os autores Barthes (1999), Morin (1977) e Rubio (2004). Geralmente existe uma estrutura heroica e valores como o confronto, a luta, a ascensão e o domínio estão presentes. No campo do imaginário, o herói é feito de antíteses, de queda e busca de ascensão. Em período de Copa de Mundo e Olimpíadas, isso fica ainda mais evidente com a exploração do atleta pelos veículos de comunicação para o reacendimento do patriotismo e o sentimento de defensor do país.

Por isso, a proposta desta dissertação é analisar o processo de apropriação de elementos não jornalísticos, como por exemplo, narrativas mais literárias e adjetivadas, dentro da prática do Jornalismo Esportivo. Este trabalho aprofunda questões da linguagem, da técnica e do consumo das notícias na produção de heróis e vilões enquanto construção midiática, destacando os elementos que constituem a mitologia, seus deuses, além de apresentar uma análise do Jornalismo Esportivo e da cobertura midiática do esporte brasileiro em determinados momentos, com suas consequências e reflexões.

1.1 Percurso metodológico

Esta dissertação concentra-se, primeiramente, no estudo bibliográfico voltado à mitologia, tendo o mito como linguagem e expressão cultural. Nesse aspecto há também um detalhamento sobre a construção da jornada do herói, dos seus significados e da relação entre

eles e os povos. Há o recorte para a mitologia grega e ele se dá pela sua herança cultural, linguagem e, principalmente, no esporte da civilização ocidental. A Grécia foi o berço dos Jogos Olímpicos, assim como, no mesmo local, surgiram pormenores das vidas e aventuras de deuses, heróis, vilões e outras criaturas mitológicas, como os poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia* (ambos atribuídos a Homero), destacando a influência de deuses e de outros seres nessa construção do imaginário e do social. Para esse momento de abordagem mitológica foi feito um resgate teórico de conceitos apontados por autores como Greeley (1962), Eliade (1978), Durant (1997), Vernant (2006) e Bulfinch (2006) que deram base para entender a influência dos mitos nos dias de hoje, sendo eles como heróis ou vilões.

A contextualização e a transformação do agente principal da atualidade na mudança de *status* do atleta e/ou na espetacularização dos eventos esportivos - o Jornalismo Esportivo - também possui dentro da presente pesquisa seu espaço apropriado para que seja compreendido a sua evolução, o seu fenômeno e as técnicas utilizadas pelos jornalistas que se diferem da cobertura de outras editorias. Assim, autores como Nelson Rodrigues (1993), Ozório Cruz (2001), Paulo Vinícius Coelho (2004), entre outros, tiveram um peso de contribuição teórica para delinear essa linha da pesquisa. Ainda neste capítulo houve a necessidade de aprofundar como cada mídia - rádio, impressos, TV e internet - vem atuando para a fortificação da construção de personagens no esporte, assim como, cada uma delas constrói - de fato - essa percepção ao público.

Além disso, como objeto de recorte da pesquisa, a dissertação intercede em analisar a cobertura jornalística brasileira diante de três momentos vividos com personalidades distintas do esporte nacional: o clamor colocado no falecimento do ex-piloto de Fórmula 1, Ayrton Senna, e a transformação do mesmo em um mito nacional (em 1994); a participação do ex-maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima nas Olimpíadas da Grécia que, após estar na liderança da Maratona de 42km e ser bloqueado de correr por um extremista religioso, conseguiu completar a prova em 3º lugar e alcançou *status* de herói (em 2004); e o desempenho abaixo das expectativas da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo disputada no Brasil, que transformou “guerreiros” em verdadeiros “vilões” após as derrotas contra a Alemanha e Holanda, que eliminaram a chance do país canarinho de conquistar o hexacampeonato jogando no próprio país (em 2014).

Dentro desta perspectiva, para essa dissertação, são feitas as análises do conteúdo através de leitura de dois veículos de comunicação impressos de relevância no cenário brasileiro, Jornal O Globo e Folha de São Paulo, que abordaram os temas acima expostos em

reportagens especiais, capas, notícias, comentários e imagens. No trabalho é feito um recorte em trinta dias de análises de cada veículo após o marco dessas três situações – computando a cobertura jornalística um dia após: a morte do Ayrton Senna, a maratona na Grécia e a derrota da seleção brasileira para a Alemanha. Nesse processo são estudadas a interface e a escolha das editorias montadas, tendo como referência a mensagem transmitida ao leitor, utilizando-se dos princípios da personificação dos atletas e dos contextos para transmitir o conteúdo.

O objetivo da dissertação é entender por que e como a mídia transforma atletas esportivos em heróis e vilões. Para exemplificarmos rapidamente, todos os “personagens” dessa análise estão conectados em sua grande parte com o trajeto descrito por Campbell (1993) como a Jornada do Herói, na qual se inicia em um estado atual, e depois de um fato marcante se recebe a chamada para aventura, há a assistência, a partida, a experiência, a crise, o resultado e o retorno. Outro fator importante de se verificar é que todo herói precisa de um rival (e vice-versa). Assim como o piloto de corrida Alain Prost foi ao Ayrton Senna, o padre extremista ao maratonista e a Alemanha ao Brasil. Não por acaso, os três momentos escolhidos abrangem espaços temporais de dez anos de diferença, justamente, para serem comparadas, após a análise dos três fatos, as semelhanças e as diferenças do papel da mídia esportiva brasileira - ao longo das últimas duas décadas - ao criar, com influências narrativas, personagens dentro do esporte.

Como uma forma de recorte para identificar elementos mitológicos, da Jornada do Herói e da narratologia na construção desses personagens pela imprensa foi analisado um espaço temporal de 30 dias após acontecimentos envolvendo os casos estudados nos dois principais jornais de circulação no Brasil: Folha de São Paulo e O Globo. O período temporal definido em 30 dias tem como justificativa analisar com mais profundidade a construção de cada um dos personagens já citados ao longo desse tempo - entendendo que os elementos presentes na Jornada do Herói são divulgados em edições distintas, fazendo com que ídolos ou vilões necessitem de etapas.

A escolha dos dois jornais se deve por algumas razões. Inicialmente, por gozarem de grande notoriedade, credibilidade e serem referências jornalísticas. O outro motivo está em ambos veículos possuírem acervos completos das edições do jornal impresso no formato digital através de um sistema de assinatura. Com isso, a pesquisa não seria prejudicada pela ausência de algum exemplar. O terceiro motivo se deve a facilidade de verificação do conteúdo por todas os leitores desta dissertação, já que mídias com programas esportivos na rádio e televisão - de períodos mais antigos - estão disponíveis apenas em arquivos de acervo nas próprias emissoras, que necessitam de autorização prévia dos grupos midiáticos. E no caso de sites e blogs da

internet, a análise do Ayrton Senna, que teve sua pesquisa centrada no ano de 1994, seria prejudicada pela ausência de veículos e coberturas com uma frequência mais completa nesse período.

A partir dessa delimitação da dissertação, surgem as questões que movimentam este estudo. Entre as perguntas que envolvem a pesquisa, as mais importantes são: Até que ponto a mitologia grega e a jornada do herói influenciam e estão presentes dentro do Jornalismo e do nosso cotidiano? Quais passos da jornada do herói estão presentes nas coberturas esportivas? Em que momentos elas aparecem? De que forma a imprensa, através dos discursos da espetacularização midiática busca a transformação de atletas em vilões e heróis? Há diferenças nas estratégias dos veículos de comunicação nas coberturas esportivas do Brasil nas últimas décadas?

Essa dissertação trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória. A tipificação de trabalho é considerada institucional, pois é realizada em um programa de pós -graduação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Em relação aos procedimentos de coleta é realizada, prioritariamente, uma pesquisa documental. De maneira secundária, as estratégias metodológicas que dão suporte à pesquisa contemplam pesquisas teóricas e históricas sobre Jornalismo Esportivo, Mitologia e a análise sobre as coberturas jornalísticas dos três momentos esportivos escolhidos.

O trabalho está estruturado em cinco capítulos distintos, mas que, ao mesmo tempo, se conectam com a proposta. O primeiro capítulo trata das reflexões sobre a Mitologia, onde são explicitadas as suas características como linguagem e expressão cultural. Dentro desse capítulo é destacado como a mitologia sempre influenciou a construção de heróis e vilões na religião, vida política, econômica, social, no consumo e em várias categorias de entretenimento da sociedade. Ainda nessa parte da dissertação é destacado o funcionamento da Jornada do Herói, descrita por Campbell, mas que se assemelha em diferentes tribos mitológicas e situações atuais. No capítulo seguinte é debatido o Jornalismo Esportivo, dando ênfase ao cenário das coberturas esportivas brasileiras e os discursos de espetacularização e midiaticização adotada pela imprensa. Dentro desse contexto há um mergulho de como cada plataforma de mídia - rádio, impresso, TV e internet - vem atuando nas coberturas esportivas no Brasil. No capítulo seguinte é feita uma correlação entre os três fatores que predominam essa pesquisa: Jornalismo, Esporte e Mitologia – verificando a influência dos mitos para cultura ocidental e os elementos para a construção de deuses e heróis, principalmente no cenário dos Jogos Olímpicos e na relação da construção da linguagem dentro do Jornalismo. Busca-se, neste tópico, estabelecer uma relação

entre o campo esportivo e o campo midiático que reforce a ideia de midiatização do esporte. O intuito é discutir o esporte como componente social que é cooptado pela imprensa. Para isso, se propõe neste capítulo uma análise sobre a transposição que as condições estéticas e narrativas do esporte podem se espelhar dentro das dinâmicas do Jornalismo na construção de celebridades e dos critérios de noticiabilidade adotados pelos veículos de comunicação e da narratologia.

No capítulo cinco da dissertação é possível verificar as análises das coberturas midiáticas esportivas escolhidas, sendo indicado nessa ordem: a morte de Ayrton Senna em 1994, o terceiro lugar do maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima nas Olimpíadas de 2004 e a derrota da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo realizada no Brasil em 2014. Neste capítulo é feito o registro das aparições em 30 dias de coberturas que cada uma das histórias dos personagens centrais se apresenta no Jornal O Globo e no Jornal Folha de S. Paulo - dois dos principais veículos de comunicação do país - analisando o conteúdo, além daquilo descrito pelo Campbell como a Jornada do Herói, destacando os elementos que contribuíram e influenciaram para se criar uma imagem associada à mitologia. E no último capítulo, trata-se da conclusão e dos apontamentos mais importantes averiguados em todo o processo dessa pesquisa.

2 MITOLOGIA

Um olhar ao passado; a descrição e narrativa de histórias populares ou religiosas de outrora; uma explicação simbólica - e até fantástica - de algo difícil de relatar; modelos e paradigmas de comportamento. Os ingredientes primários para a formação dos mitos, sejam eles em qual contexto ou época, geralmente possuem essas características. E quando atribuímos esses elementos ao longo da evolução humana, notamos os mitos de forma ainda mais presente em diferentes civilizações e momentos. Primeiro de forma oral e, depois, por escrita, os indivíduos sempre narraram suas vidas desde a antiguidade. Para Moyers (apud CAMPBELL, 2009), os mitos são a busca do ser humano pela verdade, sentido e significado através dos tempos. Seria uma tentativa da humanidade de compreender sua história. De acordo com Mircea Eliade (1978), nas sociedades arcaicas, o mito representava uma história verdadeira possuindo um caráter sagrado, exemplar e significativo.

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma

ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. (ELIADE, 1978, p. 11)

Assim, o mito passa a servir como um modelo exemplar das atividades humanas, por apresentar uma narrativa que descreve questões sagradas. Vernant (1992), ao analisar o mito e sua relação com a sociedade em que está inserido, destaca inicialmente uma diferenciação entre *mythos* e *logos*. Segundo o autor, ambos, inicialmente, não se opunham; contudo, entre os séculos oitavo e quarto a.C., começou a se fazer o distanciamento entre o pensamento mítico e o pensamento lógico. Um dos fatores para que isso tenha acontecido foi a contribuição da palavra escrita, que inaugura uma nova forma de pensamento. “A escrita passa a ser um estágio mais avançado do pensamento, pois a organização do discurso escrito é paralela a uma análise mais cerrada, um ordenamento mais estrito da matéria conceitual” (VERNANT, 1992, p. 173), desenvolvendo um processo de racionalização do real:

Na e pela literatura escrita instaura-se esse tipo de discurso onde o *logos* não é mais somente a palavra, onde ele assumiu o valor de racionalidade demonstrativa e se contrapõe nesse plano, tanto pela forma como pelo fundo, à palavra do *mythos*. [...] Desse ponto de vista, tudo que dava à palavra falada seu poder de impacto, sua eficiência sobre outrem, se acha dali em diante rebaixado à classe do *mythos*, do fabuloso, do maravilhoso, como se o discurso só pudesse ganhar na ordem do verdadeiro e do inteligível, perdendo ao mesmo tempo na ordem do agradável, do emocionante e do dramático. (VERNANT, 2006, p.174)

E os mitos, aderindo dessas narrativas, funcionaram muito bem para explicar as divindades, os heróis ou elementos da natureza, difundidas pela cultura popular, folclórica e pelas tradições. Uma das formas de conhecer e entender o passado era através das histórias contadas pelos poetas-rapsodos, pessoas mais experientes que narravam as fábulas de determinada cultura. “O mito era, pois, incontestável e inquestionável” (CHAUÍ, 2005, p.35). Jung (2008), também corrobora com essa definição, e indica que os mitos surgiram com os primeiros contadores de histórias, que compartilhavam seus sonhos e emoções, provocando a imaginação dos ouvintes. Para Campbell (2009), os mitos se tornaram um pontapé inicial do ser humano para desvendar e caracterizar diversos aspectos: “As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito” (CAMPBELL, 2009, p. 15).

A mitologia, então, passa a ser o estudo dos mitos, e para Campbell, se divide em dois formatos: onde o indivíduo se relaciona com a natureza, ou seja, com o mundo natural do qual

faz parte, e também a mitologia sociológica, que se relaciona com a sociedade, sendo aquela que dá suporte e valida a ordem social. Dentro desse contexto, Campbell considera que os mitos passam a ter quatro funções (CAMPBELL, 2009, p. 32):

- ***Função cosmológica:*** E existe a preocupação em explicar a origem e como funciona o universo e o mundo em si.
- ***Função mística:*** mostrar as maravilhas e os mistérios do universo.
- ***Função sociológica:*** quando o mito favorece e qualifica determinada ordem e aspecto social.
- ***Função pedagógica:*** os mitos passam a ser usados como um modo de vida humana para diferentes momentos e circunstâncias.

“Gregos, romanos, nórdicos, ameríndios. Cada povo vivenciava sua experiência mitológica partindo do princípio de que qualquer agrupamento humano que se mantenha coeso por muito tempo cria sua mitologia” (SUPERINTERESSANTE, 2010, p.3). Apesar de toda uma característica ao passado designado à mitologia, a humanidade continua criando mitos. Um dos motivos para explicar esse comportamento pode ser alçado dentro da Teoria do Inconsciente Coletivo, do psiquiatra Carl Gustav Jung, que é uma espécie de herança psicológica comum a toda humanidade, independentemente do tempo ou lugar. Jung explica que o inconsciente não possui apenas elementos pessoais, mas é formado pelos arquétipos, ou seja, componentes da impessoalidade. Esses arquétipos, como indica Lévy, estão atrelados em todas as culturas e civilizações.

Um arquétipo funciona como nosso programa básico, se expressando por meio de símbolos que se manifestam nos sonhos e nos mitos de todas as culturas. Os mitos são metáforas da nossa realidade interna mais profunda, revelam a natureza da alma. (LÉVY, 2010, p. 2)

Dentro desse contexto, ao comparar mitologias de diferentes lugares e tempos, verificasse semelhanças e até histórias narradas iguais, mesmo que diversas dessas civilizações nunca tiverem tido contato ou interação ao longo de suas histórias.

Grande parte dos leitores já deve ter ouvido a explicação simbólica da criação do homem, que teria sido feito com barro, água e sal. No livro de Gênesis, comum às religiões judaica, cristã e muçulmana, é dito: — E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seu nariz o fôlego da vida, e o homem se tornou ser vivo. Esse mesmo mito é encontrado nas culturas grega,

asiáticas, ioruba e de vários índios americanos. Aliás, um estudo antropológico sobre uma antiga tribo de índios americanos, os *winnebagos* – que ocuparam a região dos Grandes Lagos, no nordeste dos EUA, é uma das mais impressionantes constatações de como os mitos são partilhados pelas mais diversas culturas (MOURÃO, 2010, p. 64).

Esses arquétipos, descritos por Jung, Levy e Mourão, são os pilares para as novas acepções do termo mito. Tais associações podem explicar como os mitos acabam influenciando tanto as pessoas, apesar do tempo, assim como os ídolos atuais acabam sendo criados. O herói hoje, por exemplo, passa a ser a representação atualizada dos deuses antigos, que eram dotados, sobretudo, de características humanas, mais capazes de fazer coisas incríveis por um objetivo. “A universalidade desses padrões é que possibilita compartilhar a experiência de contar e ouvir histórias” (VOGLER, 2009, p.70).

2.1 O mito como linguagem e expressão cultural

Constatou-se, no tópico anterior, que a elaboração mítica, apesar de toda a dimensão do passado, tem se transformado na evolução do pensamento humano. Diversos elementos que formaram os mitos continuam, de forma explícita ou não, para a elaboração de várias ficções modernas, como influenciadores de consumo, para a retração simbólica de pessoas reais ou para soluções sobrenaturais de problemas que a consciência humana não consegue resolver.

Apesar de não necessariamente se tratar da sobrevivência da mentalidade antiga, muitos comportamentos míticos em nossa sociedade moderna ainda saltam aos nossos olhos. Tais estruturas míticas acabam sendo mais presentes nas imagens e nos comportamentos que são impostos às pessoas através da mídia. Barthes (2006) propõe o modelo de mito, segundo o qual, o mito é um sistema de comunicação, uma mensagem.

O mito é uma fala. Naturalmente, não é uma fala qualquer. São necessárias condições especiais para que a linguagem se transforme em mito, vê-lo-emos em breve. Mas o que se deve estabelecer solidamente desde o início é que o mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem. Eis por que não poderia ser um objeto, um conceito, ou uma ideia: ele é um modo de significação, uma forma. Será necessário, mais tarde, impor a esta forma limites históricos, condições de funcionamento, reinvestir nela a sociedade: isso não impede que seja necessário descrevê-la de início como forma. Seria, portanto, totalmente ilusório pretender fazer uma discriminação substancial entre os objetos místicos: já que o mito é uma fala, tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. O mito não se define pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como a profere: o mito tem limites

formais, mas não substanciais. Logo, tudo pode ser mito? Sim, julgo que sim, pois o universo é infinitamente sugestivo. Cada objeto do mundo pode passar por uma existência fechada, muda, a um estado oral, aberto à apropriação da sociedade, pois nenhuma lei, natural ou não, pode impedir-nos de falar de coisas. (BARTHES, 2006, p.131).

A partir deste fragmento, Barthes, ao mesmo tempo em que indica que o mito é uma fala, o considera uma mensagem, ou seja, algo que possa ser julgado por um discurso. E estas mensagens podem estar relacionadas às mais variadas formas de associação, como à infância, à maturidade, à velhice e à morte, assim como à cultura, à sociedade, à ciência, e às mais diferentes áreas. A maioria das palavras, por exemplo, que dão nome às ciências, têm origem em discursos e influências gregas: física; geografia; biologia; zoologia; história etc. Também vêm, do grego, palavras como ética, política e democracia, que estão relacionadas ao convívio do ser humano em sociedade. A influência da mitologia está longe de se encerrar nesses pontos. A cultura, o consumo e o entretenimento são espaços que bebem da fonte de conhecimentos gerados pelas mitologias antigas. Scholes e Kellogg (1977) reforçam a tese de que a narrativa e o mito se apropriam da vivência das histórias contadas.

Frequentemente assume a forma narrativa heroica, poética, a que chamamos epopeia. Há, por detrás da epopeia, toda uma variedade de formas narrativas tais como o mito sacro, a lenda quase histórica e a ficção folclórica, que se uniram na narrativa tradicional em um amálgama de mito, história e ficção. (SCHOLES; KELLOGG, 1977, p.7)

Nos próximos tópicos, serão exemplificadas algumas áreas e influências que a mitologia tem exercido nos dias atuais de forma direta ou indireta. Essa contextualização acaba sendo relevante para a pesquisa para embasar a influência que a mitologia apresenta no contexto atual, e que o Jornalismo Esportivo, através de seus recursos, também utiliza em sua rotina de atuação. Nota-se que, além do Jornalismo, toda a sociedade se volta a reciclar elementos que são diluídos e recriados para circular por diferentes plataformas e fronteiras – entre os conceitos narrativos mitológicos e modernos – sendo, muitas vezes, híbridos nos mais diversos contextos. Figueiredo (2010) indica que este entrecruzamento, a partir da interação do mito, da escrita e da arte literária com as demais tecnologias narrativas disponíveis promove um fortalecimento da comunicação em ser convergente.

Textos e imagens deslizam-se de um suporte sobre outro, intensificando-se o intercâmbio entre os diferentes meios, o que ocasiona mudanças de significado dos objetos que se deslocam, exigindo mudanças nos protocolos de leitura. As

narrativas migram dos livros para o cinema, do cinema para os livros, dos jogos eletrônicos para o cinema e destes para os jogos eletrônicos, para dar alguns exemplos. (FIGUEIREDO, 2010, p.62)

2.1.2 A mitologia como influência da sociedade contemporânea

Umas das fortes influências da mitologia na atualidade está presente na sociedade de consumo. Essas dimensões são observadas em produções literárias e cinematográficas, na construção de marcas, na incitação ao consumo, no fortalecimento de estratégias para conquistar clientes, na criação do enredo de games e até dentro de diversos estudos e disciplinas, como Astrologia, Biologia e Democracia. Nos personagens das histórias em quadrinhos e nos filmes, por exemplo, em seu cerne há diálogos e contextos dos heróis mitológicos ou folclóricos. As histórias relatadas através de personagens como Super-Homem, Homem Aranha, Mickey, Rambo e outros passam a encarnar o bem e a justiça, assumindo a nossa proteção imaginária. Um dos maiores exemplos dessa contextualização é do próprio Super-Homem. O personagem dos quadrinhos tornou-se popular devido a sua dupla identidade e por ter todo o seu poderio heroico em sua construção. “[...] oriundo de um planeta destruído por sua catástrofe, e dotado de poderes prodigiosos, ele vive na Terra sob a aparência modesta de um jornalista, Clark Kent; Clark se mostra tímido, apagado, dominado por sua colega Miriam Lane” (ELIADE, 1991, p.159).

Outro personagem norte-americano, mas que possui sua raiz toda baseada na mitologia de povos antigos é a Mulher Maravilha. Inspirada nas amazonas, guerreiras da mitologia grega, elas são conhecidas por sua coragem e determinação. Atualmente, o termo — amazonas, inclusive, se refere às mulheres que praticam esportes montadas em um cavalo, como equitação, salto e hipismo. Um clássico dos quadrinhos que virou uma popular franquia de filmes, o universo do X-Men, na qual humanos possuem poderes mutantes, um dos integrantes mais conhecidos possui o nome de Ciclope, que é capaz de projetar energia a partir de seus olhos. O nome, novamente, é de origem grega, para definir um ser mitológico específico, assim como é colocado abaixo por Thomas Bulfinch, ao comentar o retorno de Ulisses ao reino de Ítaca.

Chegaram, em seguida, ao País dos Ciclopes, gigantes que habitavam uma ilha de que eram os únicos possuidores. — Ciclope quer dizer — olho redondo, e aqueles gigantes eram assim chamados porque tinham um só olho, colocado no meio da testa. Moravam em cavernas e alimentavam-se com o que a ilha

produzia e com os produtos de seus rebanhos, pois eram pastores (BULFINCH, 2006, p. 230).

A maior bilheteria do cinema mundial, que ultrapassou o faturamento de 2,7 bilhões de dólares, o filme *Avatar*, lançado em 2009 pela 20th Century Fox, é outra demonstração de exploração a mitologia. No enredo, os avatares tratam-se de manifestações corporais baseadas nas entidades da mitologia hindu, enquanto Pandora, o nome do lugar onde moram esses indivíduos, está relacionada a mitologia grega, sendo criada por Zeus como punição aos homens, por terem roubado dos céus o segredo do fogo. Já no contexto de construção de marca e do apelo ao consumo com inspiração do passado, um exemplo está na escolha do nome de alguns automóveis e também das próprias marcas. O Ford Ka e o Renault Clio têm seus nomes inspirados, respectivamente, em deuses da mitologia egípcia. Ka designava as forças essenciais que criam e mantêm a vida no Egito Antigo, enquanto Clio é tida como a musa romana ligada à preservação da história. Dentro do contexto de vestuário e esportivo, as marcas como Olympikus e Nike também possuem referências mitológicas, A primeira está atrelada às 12 divindades gregas do Monte Olimpo, enquanto a segunda se inspira na deusa grega da vitória, Nice, representada por uma mulher alada.

O nosso calendário e a escolha dos nomes dos planetas que compõem o Sistema Solar também possuem uma forte influência de diversas mitologias do passado, seja através dos dias da semana, dos meses do ano e na definição dos planetas. O mês de janeiro é uma homenagem ao deus Jano, porteiro do céu, protetor de entradas e saídas, que comandava os ciclos do tempo e o reinício das eras. Já o mês de fevereiro vem do latim *februa*, rito de purificação realizado pelos antigos romanos. O mês de março tem como inspiração Marte, deus romano da guerra. Abril é uma referência a *aprilis ou Afrodite*, a deusa grega do amor e da beleza, já que no hemisfério norte é o mês que inicia a primavera. O mês de maio traz como referência Maia, mãe de Mercúrio – deus do comércio e da luta. Junho é inspirado em Juno, rainha dos deuses romanos, protetora das mulheres e do casamento. Já em julho e agosto, possuem inspirações em imperadores Romanos como Júlio César e Augusto, respectivamente.

A influência da mitologia romana e grega também contribuiu para batizar o nome dos planetas. O planeta Mercúrio tem em sua homenagem o nome do deus do comércio, da venda e do lucro (associado ao deus grego Hermes). O deus romano da guerra inspirou, além de um mês no calendário, o nome do planeta Marte, o quarto a partir do sol. Júpiter, o mais importante deus romano, também concedeu seu nome a um astro da galáxia – aliás, o maior dos planetas. Saturno era o deus romano da agricultura e é outro exemplo de denominação romana no sistema

solar e a influência passada nos dias de hoje. Já Urano e Netuno são representados por nomes de deuses gregos, sendo respectivamente do céu e dos mares. Mas nenhum espaço atual bebeu mais da fonte e das influências do mundo mitológicos do que os games. Assim como os filmes, em todas as franquias de consoles existem diversos títulos que fazem um resgate fiel ou fantasioso de mitos antigos, geralmente atrelada a Jornada do Herói de Campbell. Jogos como *God Of War*, *Final Fantasy*, *Legend Of Zelda* e *World of Warcraft* são apenas alguns exemplos das centenas de títulos disponíveis no mercado envolvendo temas mitológicos que se transformaram em sucessos mundiais.

O mito, sem dúvida, é afetado hoje devido a diversos fatores da globalização ocidental e cada vez mais busca explicar, a partir de si, como a realidade se apresenta. Assim, o mito não fica preso à história, lá no passado, mas continua a dizer como é o mundo hoje. Alguns exemplos foram descritos, mas ainda são inúmeros e as comparações se apoderam de elementos e seres mitológicos para expandir seu poder de consumo. Goff (2009), no livro *Heróis e maravilhas da Idade Média*, destaca que o imaginário popular, no período medieval, criou heróis e histórias destinadas a estimular sonhos e representações imagéticas através da sublimação das realidades sociais. “O imaginário transborda o território da representação e é levado adiante pela fantasia [...]. Trata-se de uma história da criação e do uso das imagens que fazem uma sociedade agir e pensar, visto que resultam da mentalidade, da sensibilidade e da cultura que as impregnam e animam” (GOFF, 2009, p.189).

2.1.3 Mitologia no esporte

A esfera esportiva é outra que sofre influência da mitologia, seja nas modalidades praticadas ou diante dos eventos esportivos mais importantes. A Olimpíada, maior evento do mundo, tem em seu cerne a tradição grega em homenagear os deuses através das disputas dos humanos. O nome, inclusive, é uma referência direta ao monte Olimpo, morada das divindades mais importantes do Panteão Grego.

Os Jogos Olímpicos antigos eram festivais sagrados, nos quais os atletas competiam para servir aos deuses; por outro lado, as Olimpíadas Modernas nasceram sem vínculo religioso, idealizada por Pierre de Coubertin seguidor da teoria darwinista, e que teve início na Inglaterra logo após a Revolução Industrial, surgindo como um evento laico e sem nenhuma relação com a divindade. (HELAL, 1990, p. 35)

Muitos dos esportes praticados nos Jogos Olímpicos antigos são encontrados hoje dentro das Olimpíadas, funcionando como resgate à tradição, além de terem papel de acolhimento com o público pelo interesse do mesmo. Um deles recebeu seu nome inspirado em uma cidade que ao mesmo tempo é um famoso mito, Maratona, e que ficou caracterizada como a corrida de 42,195 km, uma das provas mais nobres de todos os Jogos Olímpicos. O nome Maratona surgiu em homenagem à antiga lenda grega do soldado ateniense Fidípides, um mensageiro do exército de Atenas, que teria corrido cerca de 40 km entre o campo de batalha da cidade de Maratona até Atenas para anunciar aos cidadãos da cidade a vitória dos exércitos atenienses contra os persas e, logo em seguida, após cumprir sua missão, teria morrido por exaustão. Apesar da Maratona ter se transformado uma das mais tradicionais provas, as corridas de longa distância, segundo documentos mais antigos, já eram disputadas séculos antes da civilização grega, no Antigo Egito. O faraó Taharqa, da XXV dinastia, e que viveu séculos antes do episódio entre atenienses e persas, criou uma corrida de longa distância (aproximadamente 100 km) com o intuito de manter o preparo físico de seu exército. A distância dessa corrida, que hoje é considerada uma ultramaratona, é revivida no Egito com o nome de “Pharaonic 100km”.

Para coroar os vencedores dentro das Olimpíadas, uma outra herança mitológica grega é contemplada: o louro. O item é inspirado na história do deus Apolo, que após receber uma flecha do Cupido, passou a perseguir Dafne, que tinha horror à ideia de amá-lo. Como forma de fugir do deus Apolo, e com a ajuda do rio-deus, ela se transformou em um pé de louro. Apolo, então, prometeu usar as folhas como coroa, o que é feito até hoje nas competições.

Figura 01 - Assembleia dos principais deuses gregos no Monte Olimpo



Fonte: Loggia di Psiche, 1518-19, de Rafael y su escuela, en la Villa Farnesina.
 Legenda: O nome Olimpíada traz uma referência a morada dos Deuses.

Diversos nomes de clubes e times de futebol espalhados pelo mundo também tiveram seus nomes escolhidos no intuito de homenagear deuses antigos ou dar simples referências. Ajax, um dos mais tradicionais clubes de futebol da Holanda, foi um herói grego da Guerra de Tróia. Hércules é conhecido por sua força na Grécia e também nomeia um time em Alicante, na Espanha. E no Chile, o time de futebol Colo Colo tem o nome de um guerreiro da mitologia mapuche, povo indígena do país.

2.1.4 Mitos nas práticas jornalísticas

Da perspectiva sociológica, Luhmann (2005, p. 15) nos lembra que “aquilo que sabemos sobre nossa realidade ou mesmo o mundo no qual vivemos, o sabemos pelos meios de comunicação”. Por isso, falar em Jornalismo e a sua relação com a mitologia é necessário extrema cautela, já que a linha entre o real e a ficção é tênue, na qual o discurso jornalístico está concebido em uma perspectiva representacional. Bird e Dardenne (1988) são exemplo de autores que fundamentam as comparações entre narrativa mitológica e jornalismo. Os autores avaliam que os mitos nas sociedades arcaicas foram substituídos e preenchidos pelas notícias contemporâneas, uma vez que elas (a) codificam as informações sob a forma de histórias; (b) se referem ao particular para representar o universal; (c) atribuem significados simbólicos aos

fatos; (d) explicam a nossa condição no mundo; (e) normalizam valores; e (f) unificam as pessoas em torno de uma matriz comunal de sentidos.

Outro pensador, Lule (2001; 2005), também aborda as proximidades de mito e notícia pois (a) tratam de eventos reais; (b) contam histórias de interesse público voltadas para a coletividade; (c) repetem ritualmente as mesmas temáticas; (d) informam e orientam a sociedade. Lule acredita que as notícias são herdeiras legítimas dos mitos; ao contar e recontar as narrativas culturais que sempre acompanharam a humanidade, elas partilham crenças, medos e angústias, ajudam o homem a dar sentido ao seu tempo. Motta (2000) realça que o cotidiano é habitado pela identificação ou não da massa perante os “heróis” midiáticos. Ele defende a hipótese da recriação do real pelo jornalismo, que estrutura as notícias através da disseminação de significados ligados aos mitos do passado e que ainda se fazem presentes no mundo.

No contexto da produção da narrativa jornalística com um tom mais literário podemos notar uma abrangente possibilidade de áreas em que estas são geradas, mas que utilizam como formato, preferencialmente, os livros-reportagens, biografias, documentários, crônicas, reportagens especiais ou perfis. O emprego desse artifício narrativo teria implicações no envolvimento do público e na compreensão facilitada de determinados eventos ou acontecimentos. Desta forma, a construção midiática passa a ser uma possibilidade de alavanca atual para a revitalização dos mitos do passado com os atos de personagens heroicos, associados às provas esportivas realizadas pelos atletas e astros da música, por exemplo. Eles são recriados e retrabalhados para atender as massas como figuras endeusadas e heróis de nosso inconsciente, informação que pode ser perpetuada pela indústria cultural no processo jornalístico de mitificar ou desmistificar estes personagens eleitos.

A construção de valores simbólicos é facilmente observada também nos modernos *reality shows*, produtos midiáticos os quais os participantes muitas vezes se vestem de personagens, simulando *personas* que podem ser protagonistas e antagonistas, costuradas em uma edição que produz um “real artificial” para estruturação dos personagens. Vale ressaltar que, no discurso jornalístico, o selecionado para tal papel de protagonista, pode ser eliminado da função ou substituído rapidamente, fazendo com que o veículo de comunicação eleja outro para assumir a responsabilidade. Este tema de envolvimento da mitologia com o jornalismo será mais aprofundado no capítulo quatro da dissertação, na qual veremos elementos que ampliam a visão de conjuntos entre as duas áreas com o esporte.

Agora, nesse viés ainda da mitologia, faz-se necessário aprofundar aspectos do Mito do Herói. Baseado em estudos da mitologia e do inconsciente de Carl Jung, Campbell estruturou

um pensamento que se mostra satisfatório na concordância de outros autores acadêmicos, como o de Henderson (2008): os heróis percorrem uma mesma jornada de vida, que pode ser encontrada em todo tipo de história ou religião, mesmo quando não existem feitos extraordinários. Mediante seus argumentos, ele aponta que a simbologia universal dos mitos explica a sociedade através dos tempos, onde podemos identificar a figura do herói:

[...] nascimento humilde e milagroso; provas de sua força sobre humana; ascensão rápida ao poder; notoriedade; sua luta triunfal contra as forças do mal; sua falibilidade ante a tentação do orgulho e seu declínio, seja por motivo de traição ou por um ato de sacrifício ‘heroico’, onde sempre morre. (HENDERSON, 2008, p.110)

Algo bastante explorado dentro da cultura de várias sociedades e que vamos nos aprofundar no próximo tópico.

2.2 O mito do herói

Considerado um dos mais importantes livros do século XX relacionado à mitologia, O Herói de Mil Faces, de Joseph Campbell, lançado originalmente em 1949, nos Estados Unidos e baseado em estudos do psicanalista Carl Jung sobre os arquétipos e o inconsciente coletivo, relaciona que qualquer história que conta a saga de heróis ou pessoas de destaque reconhecido possui contextos comuns. Dessa forma, seja o enredo de um filme, as fábulas, os mitos mais longínquos, de Cristo, Buda ou outros, todos percorrem histórias que possuem semelhanças bem apuradas na construção de suas narrativas. Segundo Campbell, essa condução parecida pode ser chamada de “a jornada do herói mitológico”, e serve de base e indicativo para a estruturação de qualquer história que tenham mocinhos e bandidos, ou melhor, heróis e vilões.

Para Campbell (2009, p. 26), o herói “[...] é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas”. No mito do herói, por exemplo, os arquétipos recorrentes, ou seja, o conjunto de “imagens primordiais” originadas da repetição progressiva de uma mesma experiência durante muitas gerações, estão desde a saída do herói para a aventura, o arauto que o incentiva, o velho sábio que orienta seu caminho, os guardiões de entradas que precisam ser atravessadas, os companheiros de viagem que se transformam, os vilões e os brincalhões. Esse herói teria duas tarefas. Em primeiro lugar, deve se retirar da “cena mundana” e iniciar sua jornada para combater os “[...] demônios infantis de sua cultura local”. A sua segunda tarefa seria retornar

ao seu meio e ensinar o que aprendeu. Henderson (2008) indica que o mito do herói “aparece também nos sonhos” e é dotado de grande poder de sedução dramática.

Ouvimos repetidamente a mesma história do herói de nascimento humilde, mas milagroso, provas de sua força sobre-humana precoce, sua ascensão rápida ao poder e à notoriedade, sua luta triunfante contra as forças do mal, sua falibilidade ante a tentação do orgulho e seu declínio, por motivo de traição ou por um ato de sacrifício “heroico”, no qual sempre morre. (JUNG, 2008, p. 142 apud HENDERSON, 2008)

A essa constância de história, Campbell deu o nome de monomito, ou do mito único. Nesse conceito, de monomito, a aventura do herói costuma seguir um padrão único: um afastamento do mundo, uma penetração em alguma fonte de poder e um retorno que enriquece a vida. Pelos rituais de passagem, essas etapas seriam representadas pela separação, iniciação e retorno. Assim, os mitos lidariam de forma semelhante com o seu próprio amadurecimento, a chegada à sua idade adulta, a maturidade e a morte.

Dentre os muitos arquétipos presentes na mitologia, o do herói é aquele que representa a busca do ser humano por “[...] identidade e totalidade do ego” (VOGLER, 2009, p. 76). Uma outra semelhança entre os heróis é que eles são movidos por impulsos que acabam sendo universais como a vontade de ser compreendido, de ajustar o que está errado e de ser amado.

Segundo Campbell (2009), existem dois tipos de heróis. O primeiro é aquele que se prepara “responsavelmente e intencionalmente para realizar a proeza.” A segunda espécie é o herói que é lançado à aventura” – não era sua intenção, mas de repente se vê enfrentando os maiores desafios. “É o tipo de aventura em que o herói não tem ideia do que está fazendo, mas de repente se surpreende num mundo transformado” (CAMPBELL, 2009, p. 137). Para Vogler (2009), estes são cheios de dúvidas e hesitações, passivos, que precisam ser motivados ou empurrados por forças externas para se lançarem na aventura. Por fim, qualquer que seja o tipo de herói, este seria uma pessoa disposta a sacrificar suas próprias necessidades em benefício de outros.

2.2.1 Arquétipos

Para exemplificarmos da melhor forma a compreensão dos arquétipos descritos na Jornada do Herói, é preciso deixar claro sua relevância e significado. Dentro dessa visão, percebe-se que os arquétipos estão presentes nos mitos, lendas e contos de fadas. São eles que dão o verdadeiro significado para as histórias que passamos de geração em geração. Os

arquétipos da Morte, do Herói e do Fora de Lei, por exemplo, são figuras populares e parecidas em qualquer sociedade, independentemente do local que se vive, da religião que se tem ou da sua própria crença. Em todo o mundo e em diferentes épocas da história humana, esses arquétipos aparecem sob distintas roupagens. As diferenças decorrem do ambiente e das condições históricas, como explica Jung.

O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou o das formigas para se organizarem em colônias [...]. É preciso que eu esclareça, aqui, a relação entre instinto e arquétipo. Chamamos instinto aos impulsos fisiológicos percebidos pelos sentidos. Mas, ao mesmo tempo, estes instintos podem também manifestar-se como fantasias e revelar, muitas vezes, a sua presença apenas através de imagens simbólicas. São estas as manifestações que chamo de arquétipos. A sua origem não é conhecida; e eles se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo - mesmo onde não é possível explicar sua transmissão por descendência direta ou por “fecundações cruzadas” resultantes da migração. (JUNG, 1964, p.69)

Na Jornada do Herói, de Campbell, é possível identificar pelo menos seis importantes arquétipos comuns durante essa trajetória, que vamos destacar a seguir:

Herói: o espectador tem grande identificação, principalmente, pelo fato dele se sacrificar ou lutar geralmente pelo bem coletivo. Vale ressaltar que podem haver vários interesses distintos, como por exemplo o Anti-Herói, que se sacrifica não por bondade, mas por motivações próprias.

Arauto: É aquilo ou aquele que dá o ponto de partida, que faz o chamado à aventura ao herói. Esse anúncio pode ser feito de diferentes formas, assim como o arauto pode ser personagens, como o Mentor e o Vilão ou simplesmente objeto como uma carta.

Mentor: aparece dentro dos contextos geralmente na forma de um ser mais velho, uma figura mais experiente, que traz a motivação necessária para o herói em sua jornada ou fornece dons e ferramentas para que ele obtenha sucesso nessa caminhada.

Guardião de Limiar: Trata-se geralmente de um obstáculo inicial para o início da jornada do herói. São personagens ou situações que buscam impedir que o herói vá a aventura e se mantenha em seu espaço rotineiro.

Camaleão: geralmente possui uma personalidade dúbia, na qual não se percebe com certeza se está do lado do bem ou do mal. O Camaleão, por exemplo, pode ser o personagem que se apresenta como aliado e se revela inimigo no final ou o inimigo que salva o Herói em algum momento.

Sombra: normalmente é o vilão da história e deseja a destruição do Herói. Esse vilão pode ser apresentado como outro personagem ou até mesmo como a personificação de medos e traumas internos.

Pícaro: este personagem funciona dentro da história como alívio cômico, que suaviza toda a tensão ou seriedade contada. Ele funciona também para quebrar o orgulho ou refazer pensamentos fixos do Herói.

2.2.2. Os estágios da jornada do herói

Para uma melhor compreensão do pensamento formulado por Campbell sobre os estágios da Jornada do Herói é importante desmembrar seus rituais de passagem. Como destacado no tópico anterior, o Monomito em seu nível básico é dividido em três estágios: *Partida*, *Iniciação* e *Retorno*. No primeiro estágio temos o começo da jornada do Herói. Geralmente ele se vê em seu mundo comum, mas de alguma maneira esse mundo não o completa, e logo acontecerá algum incidente que revelará um mundo novo, um novo caminho, que fará o Herói ser impelido à aventura. No segundo nível, a *Iniciação*, o Herói passa por uma série de provações e acontecimentos extraordinários que levarão a novos conhecimentos e à aventura em si. Nesse estágio, há a confrontação com uma figura antagônica, que submete o aventureiro a uma série de provas, mas que permitem a evolução do herói. E, finalmente, no terceiro estágio, o protagonista retorna para o seu mundo comum trazendo o conhecimento, os poderes e as recompensas que adquiriu durante seu período de provas. Aqui, ele se encontra finalmente livre para viver. Esses três estágios ainda são subdivididos em vários níveis onde todos os arquétipos relacionados são explorados e descrevem a aventura heroica, como de forma sucinta serão indicados a seguir.

2.2.2.1 *Partida*

No estágio da Partida há cinco subdivisões: O chamado à aventura; A negativa ao chamado; A ajuda sobrenatural; A passagem pelo primeiro umbral; O ventre da baleia.

a) O Chamado à aventura

Geralmente, um novo mundo (que está fora de seu conhecimento) é mostrado ao herói por um erro, acidente ou algo inesperado. O herói se vê diante de um novo destino. É

exatamente nesse estágio que um arauto indica esse novo caminho. Segundo Campbell, para o herói não é uma decisão fácil aceitar o chamado que recebe.

b) A negativa ao chamado

Dentro desse ponto, o herói muitas vezes nega o chamado de forma temporária desviando sua atenção da aventura. Essa hesitação temporária pode ser vista como um processo de entendimento para liberação das amarras ao mundo já conhecido.

c) A ajuda sobrenatural

Este estágio só acontece para aqueles que aceitaram o chamado. Nele há o encontro com uma figura protetora - o mentor - que proporciona amuletos ou conselhos para protegê-lo das forças do mal que enfrentará nos próximos estágios.

d) A passagem pelo primeiro limiar

O “guardião do limiar” é o defensor da terra estranha à qual o herói está prestes a adentrar – além desses limites estão “as trevas, o desconhecido e o perigo” (CAMPBELL, 2009, p. 82). Nesse sentido, o guardião possui dois sentidos: o de proteger e o de destruir. O guardião protege dos perigos da jornada ao tentar evitar a passagem do herói, ao mesmo tempo que busca impedir que o objetivo final seja alcançado.

e) O ventre da baleia

Seja a entrada em um templo ou o mergulho no ventre de uma fera, esse estágio representa a renovação do herói. Ou seja, o herói é tragado pelo desconhecido e dá a impressão de morto. No entanto, o herói renasce transformado, para seu novo destino.

2.2.2.2 Iniciação

Dentro das provas e vitórias da Iniciação existem seis subdivisões: O caminho de provocações; O encontro com a deusa; A mulher como tentação; A reconciliação com o pai; A apoteose; A última graça.

a) O caminho de provocações

Nesta etapa, o herói já ultrapassou o primeiro limiar e está no mundo especial. Aqui, segundo Campbell (2009), ele deve sobreviver a uma sucessão de provas. “Essa é a fase favorita do mito-aventura. Ela produziu uma literatura mundial plena de testes e proações miraculosas” (p.102). O herói terá que matar dragões, superar barreiras surpreendentes – repetidas vezes. Ele terá vitórias preliminares e será ajudado pelos conselhos do mentor, amuletos e agentes secretos do “auxiliar sobrenatural”.

b) O encontro com a deusa

Na mitologia e para Campbell, a mulher representa “a totalidade do que pode ser aprendido. O herói é aquele que aprende” (Ibid., p. 117). Depois de ter vencido seus adversários, ele parte para uma nova etapa, que costuma ser representada pelo dom do amor, como um casamento místico da alma-herói triunfante com a rainha-deusa do mundo.

c) A mulher como tentação

Esse estágio funciona também como provas de convicções aos ideais do herói. O princípio feminino aparece em forma de provocação. Caso o herói seja capaz de aguentar a tentação de uma paixão fulminante ou dos prazeres da carne, ele se mostra digno de continuar o seu caminho.

d) A sintonia com o pai

Uma figura que pode ser entendida como paterna ou antagônica submete o herói a uma série de testes, que visam avaliar a preparação do herói para lidar com os dons oferecidos pela jornada.

e) A apoteose

Esse estágio representa a conclusão da tarefa do herói. Há a superação da dualidade “amor e ódio” e a compreensão superior. “No momento em que o paraíso é desfeito, a forma divina é encontrada e lembrada e a sabedoria, recuperada” (Ibid., p. 147).

f) A bênção última

Nesse último estágio, geralmente, se obtém algum tipo de poder especial. Eles são oferecidos ou liberados para aqueles que se mostram dignos a receber, assim como os heróis. Encontra-se, por exemplo, em Zeus a energia milagrosa dos relâmpagos e em Viracocha, a fertilidade da chuva.

2.2.2.3 Regresso

No terceiro e último estágio há seis subdivisões: A negativa ao regresso; A fuga mágica; O resgate do mundo exterior; A passagem pelo umbral de regresso; A posse dos dois mundos; Liberdade para viver.

a) A negativa ao regresso

Completa sua missão, o herói regressa a sua comunidade original, de forma a repassar os conhecimentos adquiridos, dividir o prêmio de sua provação. Muitas vezes, porém, ocorre a recusa, seja por alguns permanecerem na esfera superior à que completaram, pelo isolamento

do mundo para outros, ou por aqueles que não acreditam ser possível transferir esse novo saber para sua comunidade original.

b) A fuga mágica

A fuga pode acontecer de duas formas. Em uma, o herói leva o elixir que restaura a sociedade apoiado pela bênção da deusa ou do deus. Noutra, se ele obteve o troféu sem o consentimento do guardião, enfrentará uma perseguição marcada por obstruções e evasões mágicas.

c) O resgate do mundo exterior

No estágio final da aventura, se o herói estiver sendo retardado na sua volta ao mundo comum, ele poderá ser resgatado por divindades ou forças externas. O objetivo é que ele volte com a bênção ou o elixir para a sociedade de onde partiu no começo da aventura.

d) A passagem pelo limiar do retorno

O desafio nesse estágio é aceitar o mundo físico em suas limitações. “O reino dos deuses é uma dimensão esquecida do mundo que conhecemos. E a exploração dessa dimensão, voluntária ou relutante, resume todo o sentido da façanha do herói” (CAMPBELL, 2007, p.213). O problema do herói que retorna é aceitar como real a banalidade da vida. Sua tentação é de ficar no mundo místico. Mas, para sua aventura ser completa, ele precisa sobreviver ao impacto do retorno.

e) Posse de dois mundos

O herói ganhou “a liberdade de ir e vir” de um mundo para outro; sua mente tem o conhecimento do mundo espiritual e físico, sem que as concepções de um mundo atrapalhem o outro.

f) A natureza e a bênção última

Campbell (2007) resume: “Ele não confunde a aparente imutabilidade do tempo com a permanência do Ser, nem tem temor do momento seguinte (ou da ‘outra coisa’), como algo capaz de destruir o permanente com sua mudança.” (CAMPBELL, 2007, p. 215). O herói liberta-se da ansiedade física pelo resultado de suas ações e assim se encontra livre para viver. Além do limiar, o herói inicia uma jornada por um mundo de forças desconhecidas, provas e ajudas mágicas. Quando chega ao final da aventura, ele obtém seu triunfo, que pode ser representado pela união sexual com a deusa-mãe (casamento sagrado), pelo reconhecimento do pai (sintonia com o pai), pela sua própria divinização (apoteose). A tarefa final é o retorno com o elixir que restaura o mundo.

2.3 Vilões, inimigos e rivais: a sua relevância

Em toda a jornada do herói, intrinsecamente e em algum momento - ou em vários deles - deve existir a figura de um rival, um vilão a ser combatido. Para Campbell (2007), trata-se da sombra. Os heróis surgem, muitas vezes, da necessidade do enfrentamento a esse determinado mal, adversário, vilão ou inimigo. A palavra vilão, inclusive tem uma característica singular. Etimologicamente está atrelado a palavra *villanus*, que no latim significa habitante de uma vila, área rural ou lugar de produção agrícola no Império Romano. Naquele período, os vilões não eram considerados nem escravos, pois não pertenciam a um senhor, e também não eram homens livres, pois estavam vinculados a um lote de terra que não era de sua propriedade. No caso, os vilões, em troca de proteção e permissão para trabalhar a terra, prestavam serviços aos senhores feudais. Pelo fato de não ser nobre, o termo “vilão” começou a ser utilizado para se referir às pessoas que não praticam atos de nobreza, são indignos ou inimigos da sociedade por aplicarem roubos e crimes. Além de vilão, outra palavra bastante utilizada nesse contexto é o inimigo, que no dicionário de língua portuguesa Michaelis possui a seguinte definição:

i.ni.mi.go adj (lat *inimicu*) 1 Que não é amigo. 2 Adverso, contrário, hostil. 3 Indisposto, malquistado. 4 Adversário. sup abs sint: inimicíssimo. sm 1 Pessoa que tem inimizade a alguém. 2 Nação, tropa, gente com quem se está em guerra. 3 O diabo, o demônio. 4 O que tem aversão a certas coisas. 5 Rapaz inquieto, travesso, turbulento. I. jurado: inimigo declarado ou manifesto. I. alugado: pessoa a quem se mata por ordem de outrem. Sin arc: inimigo. (MICHAELIS ONLINE)

O inimigo é o adversário, o oponente, um vilão com o qual se luta. Esses, através das suas imagens e simbologias passam a ter papel importante e uma presença no imaginário das pessoas. Umberto Eco (2014), no seu livro *A História da Feiura*, induz o inimigo como aquele que nos choca, que não corresponde aos critérios de aceitação e, assim, começa a ser reconfigurado em um papel de demonização, muitas vezes, até com características satânicas. Neste processo se passa a repudiar características e hábitos de um determinado indivíduo ou *persona*. E isso não é de hoje. Na Antiguidade, o inimigo geralmente relatado era o outro, o estrangeiro, o diferente. Suas feições, comportamentos e traços não correspondiam aos critérios determinados pelas diferentes civilizações. Os gregos, por exemplo, indicavam como bárbaros todos aqueles que não falavam grego. Através das artes, esses “estrangeiros” eram representados com barbas incultas e narizes achatados (ECO, 2014, p. 185). Na Idade Média, a

Igreja, com o intuito de manter seu domínio pela população, personificou Lúcifer como a encarnação do mal, que representava a maldade, os pecados e os sofrimentos do mundo.

Há também os vilões sociais como Osama Bin Laden, Saddam Hussein que, fora da visão muçulmana, foram considerados inimigos declarados por seus atos de atentados e de mortes em massa principalmente no ocidente. Há também os construídos etimologicamente por algum fato específico na política, na economia ou no esporte. Esse aspecto poderia ser exemplificado de rivais em uma partida de futebol, e que fez de vilão nacional, por exemplo, o goleiro Barbosa após sofrer um gol defensável na final da Copa do Mundo de 1950 e o Brasil perder para o Uruguai no episódio que ficou conhecido como Maracanazo.

Independente da esfera, aquele que é considerado inimigo ou vilão - por ser diferente ou cometer atos “não nobres” só existe de fato porque há um “eu” ou uma convenção social, que reconhece esse outro como inimigo a partir de uma série de estranhezas, rupturas, de validações de signos e ideologias próprias ou coletivas de uma sociedade. De acordo com Ponzio (2013, p. 175): “[...] tudo o que faz parte da realidade material pode tornar-se signo, e adquire tal valor somente na dimensão histórico-social”.

Ou seja, aquele que chamamos de inimigo, só é inimigo porque é um signo ideológico, E “[...] todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.)” (BAKHTIN, 2010, p.32). A alterar o contexto, o vilão pode ser até visto como herói e vice-versa. Tudo isso estará atrelado a valoração que se dá a partir tanto da singularidade de quem olha em uma determinada realidade. O entretenimento, o esporte e a política são três bons exemplos para entender essa relação de olhares e percepções, já que a determinação de quem serão os mocinhos ou os vilões nessas áreas passa pelo nível de percepção e pelo conjunto de signos recebidos da vivência de cada pessoa. Bakhtin reforça essa questão ao indicar que “a avaliação de uma mesma pessoa [...] pode ter diferentes entonações reais de acordo com o centro real concreto de valores em determinadas circunstâncias” (2010, p. 126).

3 JORNALISMO ESPORTIVO

Ao nos aprofundarmos na discussão sobre o Jornalismo Esportivo, uma forma de pontuá-la é recorrer ao Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte (2007):

Uma atividade especializada de Jornalismo na qual são transmitidas informações, opiniões (interpretações e críticas) e análises do esporte em qualquer aspecto de sua abrangência sociocultural. O jornalismo esportivo é exercido por jornalistas com conhecimento em esportes em geral ou em aspectos esportivos. [...] A cobertura jornalística esportiva, na sua maioria, é setorizada, podendo incidir sobre clubes, modalidades, entidades dirigentes ou outros aspectos esportivos importantes (TUBINO; TUBINO; GARRIDO, 2007, p.719).

Joana Carvalho (apud PENA, 2005, p. 81), por exemplo, comenta:

O jornalismo esportivo é o responsável por divulgar tudo o que acontece em relação ao esporte. O que vai desde o conceito de esporte como ferramenta de inclusão social até os noticiários especializados em modalidades esportivas de alto rendimento, onde estão condicionados aspectos como entretenimento e profissionalismo. Todo assunto de interesse da sociedade que envolva esporte é objeto do jornalismo esportivo.

Dentro do viés dessa área é notório, entretanto, uma diferenciação e ruptura com outras áreas de coberturas jornalísticas, pelo poder de espetacularização que o esporte pode proporcionar. Amaral (1969) já indicava que há uma fundamentação diferenciada, “[...] o esporte é, sobretudo, entretenimento”. Por isso, a seção de esportes, se comparada às demais no jornal, “goza de bom grau de independência”. Esta autonomia colabora para a aceitação de inúmeros pontos de vista e proporciona que o Jornalismo Esportivo tenha formas próprias para narrar, ser apresentado e ter exposto seu conteúdo.

Quando falamos da mídia “jornal impresso”, geralmente, o esporte é localizado nas últimas páginas, que são consideradas primeiras, as mais privilegiadas do conteúdo jornalístico pela forma de dobra. Já na televisão, o esporte é uma das poucas áreas que possuem espaço cativo de apresentações, com diversos programas especializados. Pelo rádio, durante os finais de semana ou em dias de jogos, as transmissões esportivas centralizam a programação de diversas emissoras, não apenas na duração de jogos, mas anteriormente ou posteriormente. A internet também se destaca nesse viés, tendo inúmeros sites especializados que ganham cada vez mais audiência. De forma geral, dentro da cobertura midiática, o esporte vai além do jogo em si, indo muito mais a fundo em sua temporalidade, uma vez que há a preparação para a

partida (pré-agenda) e também as repercussões, com comentários, análises, e demais observações do pós-agenda. Fausto Neto (2001) indica que o agendamento na esfera das mídias ocorre pela consequência de inúmeras e complexas “transações”, que se desenrolam entre os campos sociais, “envolvendo vários interesses, diferentes agendas e uma multiplicidade de significações, de natureza simbólica”.

O Jornalismo Esportivo, de fato, já enfrentou diversas mudanças na forma como é escrito e exposto. Os primeiros registros da imprensa no Brasil, por exemplo, mostram a caracterização do esporte tipicamente como algo descritivo, simplesmente narrado por um contexto informativo. Posteriormente, a partir da década de 1920, há uma reformulação na forma de narrar o esporte, na qual, os cronistas têm papel fundamental nessa transformação. O Jornalismo nesse período volta-se a um tom mais literário, ao mesmo tempo que também recebe abordagens extras sobre os atletas em contextos fora da partida. A imprensa passa a dividir seu espaço “esportivo” não só pelo esporte em si, mas pela vida pessoal dos atletas e em notícias pouco relevantes do ponto de vista esportivo, mas que chamam a atenção do público. Essa imersão à crônica e também aos aspectos pessoais dos atletas se mantiveram nos dias atuais, mas pela evolução tecnológica nas coberturas esportivas, há novamente uma passagem para um Jornalismo mais informativo, entretanto, ainda sempre nutrido de aspectos literários e também de dezenas de curiosidades sociais, principalmente, dos atletas com mais destaque. Conquistas de medalhas em esportes menos populares tentam dividir espaço, por exemplo, com notícias voltadas para o novo corte de cabelo ou as paixões do jogador de futebol Neymar. Claro, isso tem uma justificativa: há uma criação de espetáculo maior do que a partida, onde existe a procura ainda mais ampliada por informações dos personagens principais. Rodrigues (1993) indicava em suas crônicas esse desligamento da imprensa com o fato – e ao mesmo tempo a aproximação do futebol com a vida real – na busca midiática de transformar até a mais simples pelada em um conto shakespeariano.

Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola. [. . .] Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais: - a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que mais procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. (RODRIGUES, 1993, p. 104)

A partida, o campeonato ou a vitória em um jogo não são os únicos objetos do jornalismo esportivo nesse modelo. O que passa a interessar e ser explorado também é o que ela pode trazer de curioso, inusitado e engraçado. Por isso, enquanto valor de notícia, os acontecimentos esportivos são cada vez mais enquadrados na categoria de notícias brandas ou

leves de interesse humano. Essa condição reforça também a justificativa dos acontecimentos serem tratados com relativa liberdade de linguagem e de formatação, como se fossem dotados de uma certa singularidade, o que acaba diferenciando a forma exposta na cobertura dessa mídia, com recursos de linguagens mais adjetivados e mais literários. Para Maffesoli (2003), a comunicação encarna a própria ideia do imaginário, uma vez que dá “nova potência a um dos mais sólidos arcaísmos”:

O desejo de estar em relação com o outro, de participar, de interagir, de vibrar com o grupo do qual se faz parte em torno de uma atmosfera simbólica comum. Nesse ambiente de comunhão, a informação atua não só no sentido de transmitir conteúdos utilitários, mas também no de promover a sensação do estar junto e de compartilhar cotidianamente, mesmo que sem um propósito definido. O imaginário é a partilha com os outros de um pedacinho do mundo. (MAFFESOLI, 2003, p. 16)

Assumir uma dimensão mais literária ou imaginária do jornalismo não significa, no entanto, rebaixá-la ou desvalorizá-la; apenas abre uma via de estudo que desloca o centro de atenção da cobertura de um jogo para estimular, por meio das narrativas jornalísticas, a fabulação inventiva e transformadora. Como ressalva Eliade, “o simbolismo acrescenta um novo valor a um objeto ou a uma ação, sem por isso prejudicar seus valores próprios e imediatos” (ELIADE, 1991, p. 178). A partir do que foi exposto até aqui, o próximo tópico apresenta uma explanação sobre como esse fenômeno de conteúdo diferenciado dentro do esporte aconteceu no Brasil e como se deu a evolução nas coberturas esportivas dos diferentes meios comunicacionais.

3.1 A evolução nas coberturas esportivas

De acordo com Tubino, Tubino e Garrido (2007), o Jornalismo Esportivo começou na Europa quando, em 1852, na Inglaterra, foi publicado o *Sportman*, o primeiro diário esportivo. No mesmo período, outros países europeus, também ganharam publicações esportivas. Entretanto, diferente do que acontece hoje, onde o futebol tem predominância, não havia práticas esportivas majoritárias, o que permitiu uma percepção do esporte em um sentido mais social e de saúde. Para Tubino, Tubino e Garrido (2007, p. 719), o primeiro jornal da América nessa área foi a publicação *Atleta*, de 1856, “[...] que apresentava ensinamentos para o aprimoramento físico dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro”.

Com os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, realizado em Atenas, em 1896, surge o *Gazzetta Dello Sport*, criado em Milão, na Itália, na qual, iniciava uma cobertura desse eventos esportivos e elencou mais a fundo práticas de atividade física e modalidades como turfe, ciclismo, remo, boxe e muitos outros. No entanto, foi com o surgimento do rádio - e a utilização dele para eventos esportivos, que novas fronteiras para a promoção do esporte aconteceram. Dentro desse contexto, uma experiência importante no aperfeiçoamento da mídia esportiva foi a primeira transmissão, em 1921, de uma luta de boxe, nos Estados Unidos, envolvendo lutadores pesos-pesados. “A transmissão foi da Rádio KDK e marcou também a ascensão do rádio como importante meio de comunicação de massa” (TUBINO; TUBINO; GARRIDO, 2007, p.719).

Foi nesse período, ainda na década de 1920, que o futebol passou a ganhar destaque no noticiário esportivo tanto na Europa quanto na América do Sul. Uma década depois, em 1930, iniciou-se a profissionalização do futebol brasileiro e, conseqüentemente, a profissionalização de uma cobertura mais efetiva dessa sessão. Os jornais começaram a formar editorias especializadas para cobrir o esporte, com destaque para a mudança na linguagem, com valorização de fotografias e opiniões. Essa transformação acelerada gerou um importante fenômeno:

[...] com o tempo, o noticiário se modificou de acordo com a preferência do público pré-determinado de esportes. Cada lugar procurava valorizar modalidades específicas que passaram a fazer parte de um processo de identidade cultural. O esporte se tornou, com a força do Jornalismo, um importante fenômeno de cultura e não apenas educacional, e passa a ser tratado na perspectiva do lazer e das competições, transmitidas como informação pelos veículos de comunicação (TUBINO; TUBINO; GARRIDO, 2007, p. 719).

O papel do rádio nesse processo é inquestionável, já que permitiu a democratização da informação do esporte, diluindo a barreira do acesso a esse conteúdo, entre a elite e a classe mais baixa, principalmente pelo fato de no Brasil existir um alto nível de analfabetismo. Um dos propulsores nesse sentido de ruptura se deu pela Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, que transmitia a cobertura dos clubes da cidade para todos os recantos do Brasil. Em 1936, por exemplo, a Rádio Nacional criou a primeira programação esportiva, o *No Mundo da Bola*. Trouche (2002) considera as décadas de 1920, 1930 e 1940 como sedimentadoras da prática do futebol, massificando e “[...] transformando o futebol, mais do que em esporte nacional, numa

verdadeira paixão popular mobilizando um contingente de centenas de milhares de praticantes e torcedores a cada final de semana” (TROUCHE, 2002).

Apesar da força do rádio, importantes produtos impressos e personalidades da crônica esportiva surgiram nesse período do século 20, em destaque o Jornal dos Sports, do Rio de Janeiro, em 1931 e o jornalista Mário Filho. Além de importante agente de mudanças no campo da profissionalização esportiva, a forma de escrita do Mário Filho foi uma ruptura na cobertura esportiva daquele período, desenvolvendo técnicas adotadas até hoje. Rodrigues (1993) atribui a mudança do perfil do jornalista esportivo que, de um fracassado, passa repentinamente a detentor de um capital simbólico significativo no campo jornalístico e também da alteração abrupta da linguagem usada nos textos jornalísticos sobre o esporte.

E o pior era a linguagem estarecedora. Mario Filho usava a palavra viva, úmida, suada. Naquele tempo, os estilistas da seção de esporte assim redigiam a notícia de um Flamengo X Fluminense: - “Será levado a efeito amanhã, no aprazível field da rua Paissandu, e esperado prélio”, etc. etc. E o cronista que conseguia esse nível de estilo se julgava um Proust. A entrevista de Mário Filho foi um duro impacto, sobretudo pela linguagem. [...] Dir-se-ia um novo idioma atirado na cara do leitor. O público todo teria o direito de perguntar: - “Mas que língua é essa?”. Mesmo os melhores jornalistas da época Mário Filho e a “Invenção” do jornalismo escreviam de fraque. [...] E a simplicidade seria uma degradação para qualquer jornal (RODRIGUES, 1993, p. 9).

O desenvolvimento do esporte fez a imprensa mudar o olhar e a maneira de trabalhar a formação profissional da área. A editoria de esportes, antes considerada um ofício para iniciantes, mudou o conceito acerca do esporte e reescreveu o perfil do jornalista esportivo: além de saber regras, devia conhecer “história, personagens, fatos, evolução nos tempos, implicação cultural e social” (COSTA, 2014, p. 31).

Contudo, foi a partir da ascensão da televisão que tudo muda na relação do jornalismo com o esporte e, até, na forma como os torcedores apreciam suas modalidades e times preferidos. Para Tubino, Tubino e Garrido (2007, p.719), “[...] a televisão modificou a comunicação e passou a valorizar o esporte como um espetáculo de imagens e informação” (TUBINO; TUBINO; GARRIDO, 2007, p.720). Isso ocorreu de forma mais intensificada após a segunda guerra mundial, em que os avanços tecnológicos nas comunicações acompanhavam a exibição de grandes eventos esportivos. Dessa maneira, a primeira transmissão esportiva integral foi realizada em 1948 nos Jogos Olímpicos de Londres.

A Rede Globo, no início da década de 1970, aqui no Brasil, favoreceu para fortalecer ainda mais o Jornalismo esportivo com, além das coberturas esportivas, a criação do programa

Esporte Espetacular, que possui uma proposta editorial de unir jornalismo e entretenimento no noticiário esportivo. O programa está no ar até hoje e foi inspirado no modelo do programa norte-americano ABC Sports. A Rede Globo, inclusive, passou a ditar as normas de cobertura seguidas pelas outras emissoras e isso ajudou a disseminar um padrão de conteúdo, além de popularizar ídolos e times do Sudeste nas outras regiões.

Como salienta Pozzi (1998): “na verdade chegamos a um estágio tal que o esporte e a mídia são totalmente dependentes um do outro. De um lado, a mídia (especialmente a TV) foi a grande responsável pela popularização de inúmeras atividades esportivas. De outro, as transmissões esportivas rendem as maiores audiências que a TV pode obter, garantindo a satisfação de telespectadores e anunciantes” (POZZI, 1998, p.106). Reforçando os comentários de Pozzi (1998) e Murray (2000), aponta que um dos principais fatores da transformação do futebol em produto de consumo primordial é mesmo a televisão:

Embora ela (a televisão) já integrasse a vida da maioria das pessoas do mundo desenvolvido desde 1960, os avanços tecnológicos e os modelos ideológicos dos anos 1980 tornaram-na um elemento inevitável da vida cotidiana, junto aos aparelhos de fax, telefones celulares, computadores pessoais e videogames. Apesar de não ter causado um impacto notável dentro de campo, revolucionou sua organização e modificou seu efeito sobre o público. Pela televisão, a arte dos grandes jogadores e o desempenho dos grandes times podem ser acompanhados por milhões de pessoas, que antes só liam ou ouviam as notícias. (MURRAY, 2000, p.201- 202).

Tubino, Tubino e Garrido (2007), em consonância, enfatizam que as relações entre televisão e sua audiência se intensificou ainda mais na década de 1990, “[...] com o crescimento das emissoras por assinatura” (TUBINO; TUBINO; GARRIDO, 2007, p.720). O reforço em tempo dedicado ao esporte, gerou uma consonância de maior público. Isso culminou no surgimento do sistema *pay-per-view*, no qual o telespectador compra o direito de assistir a um programa na sua casa, e também na alteração dos papéis dos agentes produtores do espetáculo esportivo (entidades do esporte, clubes, etc.) com o dos agentes produtores da veiculação da informação jornalística do esporte:

“Na Inglaterra, o esporte passou a ser o principal produto para as emissoras por assinatura. [...] Essa iniciativa fez com que entidades gestoras passassem a regular a interligação de clubes com empresas de comunicação, além de promoção de parcerias com os principais grupos jornalísticos, a fim de prevenir

possíveis conflitos de interesse e negociar os custos dos direitos de imagem” (TUBINO; TUBINO; GARRIDO, 2007, p. 721).

O conjunto de relações do esporte e o envolvimento da mídia com as transmissões, vendas e concessões dos espetáculos esportivos transformaram-se em fator imperativo diante das decisões acerca de diversas modalidades esportivas. Ao fazermos essa linha do tempo da evolução das coberturas esportivas no Brasil, iremos nas páginas seguintes aprofundar algumas nuances do Jornalismo Esportivo dentro dos principais meios difusores de conteúdo: rádio, impressos, TV e internet.

3.2 A força do Rádio no esporte

O rádio no Brasil, como foi indicado no tópico anterior, é um dos responsáveis pela massificação da paixão pelo esporte. Sendo menos complexo do ponto de vista da transmissão técnica, esse é um veículo que se singulariza pela facilidade e rapidez de sua transmissão. Com sua chegada mais contundente no início do século 20, iniciou-se a oportunidade da sociedade brasileira, sem sair de casa, ter acesso a mais notícias. Segundo Caparelli (1986), passou a se ter um otimismo da população com o surgimento do rádio no Brasil como forma de ser um meio de comunicação que atingisse a todas as camadas da sociedade. Afinal, para consumir os jornais impressos havia a necessidade da leitura, algo que não era de total domínio da população. E essa entrada do rádio no primeiro momento foi frustrante nesse quesito de agente transformador. As programações transmitidas eram focadas mais nos interesses das famílias nobres brasileira, muito pelo fato delas sustentarem as rádios, já que as várias tarifas cobradas para as rádios se manterem eram onerosas demais para famílias mais pobres.

No entanto, esse panorama foi sendo alterado principalmente pelo rádio ganhar um novo fôlego quando os custos de manutenção começaram a ser pagos em forma de patrocínio por empresas privadas. As emissoras, portanto, passaram a diversificar suas programações, tornando-as mais populares. O esporte, neste âmbito, teve papel fundamental já que ganhou adesão popular, principalmente, quando se passou a narrar jogos esportivos e com a criação de programas específicos voltados a essa área. Hoje, as transmissões esportivas radiofônicas, apesar de competirem com outras plataformas midiáticas, se fazem ainda extremamente presentes, desde a nível local e também nacional.

O que favorece o impacto com o público - e que foi desenvolvido na década de 1930 e 1940 - é uma nova linguagem própria, fruto da própria dinâmica de velocidade que a rádio provoca. Em uma transmissão de um jogo pela rádio, por exemplo, pelas características específicas deste veículo, ao não se falar durante algum tempo, o ouvinte perde o contato com o acontecimento, por isso, a necessidade de uma estrutura linguística para fortalecer a imersão do público-ouvinte nas transmissões. Para valorizar essa conexão, o segmento dos profissionais esportivos radiofônicos é formado por locutores, comentaristas (sendo jornalista ou ex-atleta), o repórter de campo e o repórter de boletim. Nessa condução há um jogo de expectativas e nuances que compõem a formatação dos programas, se diferenciando da programação não esportiva.

No caso das narrações esportivas, elas possuem uma exímia peculiaridade de jargões e vinhetas. Há, pela própria estrutura de sentido, uma acentuação nos elementos culturais como, por exemplo, gritos em momentos-chave com prolongamento de alguma vogal central. O Gol, se torna “gooooooooool”. A falta transforma-se em “faaaaaalta”. Não se defende, se “defeeeeeeende”. A partida quando conclui, ela “termiiiiiiina”! Essa vibração é reforçada até em manuais de radiojornalismo de emissores. Na rádio Jovem Pan, umas das emissoras tradicionais nesse contexto de transmissão, o manual da empresa reforça:

Ao profissional do esporte: A programação esportiva é vibrante, cheia de entusiasmo. Não se pode, entretanto, descuidar da precisão da informação, no acompanhamento das jogadas, nos aspectos técnicos de cada modalidade em toda informação que seja do interesse do ouvinte. A transmissão de um jogo emociona o ouvinte. Não caia no exagero sensacionalista e tampouco na pieguice. Transmita lances e fatos com precisão e deixe que eles se incumbirão de provocar emoções. A transmissão esportiva é espontânea, coloquial, feita de improviso [...] (PORCHAT, 1986, p.87).

A estrutura da cobertura esportiva na rádio não está apenas em suas locuções ou nos mecanismos tradicionais de notícias, mas também nos comentários esportivos, mesas redondas, que afastam do cerne do jornalismo, mas que se fazem ponte mais próxima entre o ouvinte-fã. Nesse sentido, em termos de estrutura de programa, três delas são as mais comuns na linguagem radiofônica: notícias, de debate (conhecidos como mesas redondas) e transmissões esportivas. O comentarista é o responsável pela análise, por representar a opinião dos torcedores caso estivessem visualizando a partida ao vivo. Neste caso, busca-se fazer do comentarista uma figura de referência para o ouvinte, já que ele se transforma no representante “técnico” da informação que vai além daquilo narrado. Outro profissional das coberturas esportivas é o

repórter de campo ou quadra que busca incidir os detalhes de uma partida. Quando os lances perigosos acontecem perto da zona de pontuação, o repórter é chamado para descrever com mais detalhes o lance que acabou de ser ocorrido.

Já o repórter de boletim, outro profissional comum das transmissões esportivas pelo rádio, é o que fornece informações extrajogo, como dados dos demais jogos da rodada, da situação geral do campeonato ou até indicando notícias não esportivas relevantes do dia. E para compor o cenário de transmissão está a voz do próprio atleta em forma de entrevistas nos intervalos e no final do jogo como o personagem que vivencia toda a história narrada.

O rádio, dentro de suas fases, teve através do avanço tecnológico e principalmente da internet, um grande reforço ao mesmo tempo que um competidor como plataforma de mídia. Dentro do viés de cobertura esportiva, a popularização do telefone móvel e a consequente melhoria na qualidade e alcance do sinal possibilitaram que os repórteres melhorassem sua cobertura pela facilidade de locação, além do que os ouvintes passaram a ter maiores possibilidades de interatividade, como redes sociais ou de aplicativos de mensagens, a exemplo do WhatsApp, que facilitaram uma troca de recados em tempo real entre rádio e público. Do ponto de vista do consumo, o celular, transformado no “radinho de pilha atual”, possibilitou aos ouvintes uma maior autonomia na apropriação dos conteúdos. “O rádio nesse ambiente expandiu o dial e seu alcance passou a ser mundial” (BIANCO, 2012, p. 16). Toda essa influência da internet faz com que uma palavra tenha se tornado importante para definir sua nova estrutura: convergência.

3.3 A cobertura pelo impresso

Ao nos depararmos com o jornalismo esportivo nas publicações impressas, preponderantemente em jornais e revistas, é possível categorizar verdadeiras transformações de linguagem, de audiência e de *status* em diferentes períodos. No final do século 19 e início do 20 há a estruturação de um momento crucial para o estabelecimento da tríade mídia, público e esporte. Começam a surgir jornais impressos que falassem das produções culturais esportivas da época. A preocupação mais objetiva desses jornais – e de seus profissionais – era o acompanhamento dos resultados dos jogos, sendo publicado o mais rápido possível. Isso refletia não apenas um aumento na quantidade de esportistas (que se tornavam matéria jornalística) como também um maior interesse das pessoas que buscavam nos jornais informações sobre

esporte. O lucro financeiro proveniente desses cadernos como crescente audiência se tornou a mensuração para ampliar a atuação destes veículos.

Mas essa evolução não foi tão rápida assim, especialmente no contexto brasileiro. No início do século 20, o noticiário era restrito às práticas de educação física e lazer. Uma outra característica da época era o pouco prestígio que os primeiros jornalistas esportivos possuíam. Foi com a revista Vida Esportiva, com circulação entre 1916 e 1920, que iniciava um novo contexto da cobertura, no entanto, apenas ainda como um embrião inicial da transformação da narrativa que viria nas próximas décadas, já que este veículo focava apenas na vida dos jogadores e não no futebol em si. Só mesmo a partir dos anos 1930 que os primeiros diários esportivos realmente passaram a ter sucesso e uma nova profissionalização. Nessa década, duas figuras foram importantes nesse contexto: os irmãos Mário Filho, jornalista que dá nome oficialmente ao estádio do Maracanã, e Nelson Rodrigues, dramaturgo e também jornalista. Antunes (2004) afirma essa importância:

A Mário Filho deve-se a criação e a valorização do jornalismo esportivo enquanto gênero no Brasil, no início dos anos 30. Depois de organizar um caderno totalmente dedicado aos esportes nos jornais A Manhã e Crítica, ambos de propriedade de seu pai, ele fundou o Mundo Esportivo e, posteriormente, o Jornal dos Sports, primeiros jornais totalmente dedicados aos esportes no Brasil (ANTUNES, 2004, p.186).

Os relatos começaram a ser observados a partir da atuação dos grandes jogadores, com detalhes dos lances mais marcantes e o desenrolar da partida. Os jornais foram inserindo crônicas e os jogadores passaram a ser vistos como ídolos. Dentro dessa linguagem se começou a ganhar contornos de romance e poesia, características que foram absorvidas pelo jornalismo esportivo. Para Paulo Vinícius Coelho: “A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses” (COELHO, 2004, p.17). Foi através de Nelson Rodrigues, aliás, que o Pelé recebeu seu apelido de rei, reforçando o fato de que as crônicas transformavam alguns atletas em mitos, como se pode ver em uma passagem escrita na época.

[...] O meu personagem anda em campo como uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-á um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: ponham-no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor. O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: - a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola,

e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento. (RODRIGUES, 1958)

Os textos motivaram à compra de mais jornais e de torcedores a irem aos jogos seguintes. Com isso, o esporte conquistou espaço dentro das publicações jornalísticas, fato que ganhou mais consistência nas próximas décadas. No período militar, na qual parte da imprensa brasileira sofria censura, o esporte cresceu ainda mais rápido. Um marco desse período foi a conquista do tricampeonato da Copa do Mundo de 1970. Os jornais aumentaram o espaço dedicado ao noticiário esportivo, muitas vezes com mais destaque à outras editorias, principalmente as mais passíveis de censura, como economia e política. Com grandes jogadores sendo transformados em heróis, com títulos mundiais e com a concorrência, agora, da televisão que passou a transmitir jogos ao vivo, as reportagens impressas passaram a ganhar um novo tom e valorizar reportagens, esquemas táticos e conteúdos que a televisão não mostrasse. No fim do século 20, a influência da televisão aumentou ainda mais e a incorporação do impresso em termos de conteúdo do noticiário básico de resultados com histórias sobre as estrelas dos espetáculos esportivos aumentou. A vida pessoal dos jogadores passou a ser notícia, com direito a chamada em primeira página.

A própria evolução tecnológica e a profissionalização esportiva conduziram que os cadernos de esporte começassem a cobrir com mais aplicação outras modalidades que não fossem apenas o futebol, surgindo assim novos ídolos e novas coberturas. O resultado foi uma sustentação aos cadernos de esporte dos grandes jornais e aparecimento de outras publicações especializadas no setor. Porém, hoje, no século 21, o jornalismo impresso vive uma silenciosa crise no Brasil e isso afeta o jornalismo esportivo nesta plataforma. A migração dos leitores do impresso para o digital, o imediatismo da notícia no mundo digital, o alto custo do papel e da distribuição e alocação da verba da publicidade de empresas - principal sustentáculo dos veículos impressos - para outras plataformas, faz com que o rumo dos veículos impressos, especialmente os jornais, se torne incerto. Vários veículos de comunicação estão, inclusive, abandonando suas edições em papel.

O Jornal do Brasil iniciado em 1891, desde 2010 abandonou as edições impressas. A Gazeta Esportiva deixou de circular em 2001, já que criou sua versão digital em 1998. O centenário grupo O Estado de S. Paulo não conseguiu salvar o diário Jornal da Tarde. O grupo a Marca, que tentou trazer para o país o tradicional jornal esportivo espanhol, fechou depois de um pouco mais de dois anos. Em 2012 também acabou o Diário do Povo, de Campinas. Assim

como a Revista da ESPN. A Placar deixou de ser semanal e tenta sobreviver saindo uma vez a cada mês. A revista Trivela durou de 2006 a 2009. A opção pelo digital também foi a saída.

O momento atual de quem escreve e faz jornalismo impresso é de uma tensão e incerteza, da busca de uma viabilidade que consiga resgatar o público e que torne a plataforma novamente lucrativa. Enquanto isso, as futuras linhas do jornalismo esportivo impresso se tornam as mais indefinidas.

3.4. Um fator fundamental ao esporte: a TV

Dentro de toda a evolução do Jornalismo, assim como foi iniciado na explanação anterior, a cobertura da TV aberta teve um papel fundamental para aproximar o telespectador das emoções vividas na transmissão de eventos esportivos, principalmente pelo uso dos recursos técnicos e imagens. Além de todo o enredo envolvente, as câmeras de alta definição, produção digital, sonorização, imagens perfeitas, entre outros, colaboram para a melhor percepção de quem assiste. Entretanto, não foram apenas esses elementos. A narração performática e a busca pelas chamadas apelativas transmitem e aumentam, por exemplo, a rivalidade entre equipes em uma partida, dando contornos de uma verdadeira batalha de atos de heroísmo. Toda essa atmosfera fez com que o esporte passasse a ser tratado como espetáculo, atingindo uma parcela maior de telespectadores, não apenas o apaixonado por um time, mas também as donas de casa e as crianças.

Nesta configuração, o esporte, como manifestação cultural, tem toda sua lógica e recepção dentro da espetacularização, que busca transformar atletas em celebridades, em ícones da cultura da mídia, ao mesmo tempo que promove em suas transmissões características valorizadas na sociedade como competição, vitória, sucesso e dinheiro. Segundo Kellner (2004), a cultura do espetáculo constitui uma nova configuração da economia, da sociedade, da política e da vida cotidiana, e envolve novas formas de cultura e de relações sociais, além de novos modelos de experiência.

Assim como já comentado, o esporte acompanha os avanços tecnológicos da comunicação e como espetáculo gera um “show de imagens”, que é o cenário ideal para o entretenimento na sociedade contemporânea. Jogos, atletas, gols de placa, esquemas táticos, narrativas, arenas, estádios, torcedores e celebridades do (e no) esporte são alguns pontos de interesse envolvidos. Desta percepção, os principais eventos esportivos como Olimpíada e Copas do Mundo são produzidos em duas frentes:

Uma primeira vez por todo um conjunto de agentes, atletas, treinadores, médicos, organizadores, juízes, cronometristas, encenadores de todo o cerimonial, que concorrem para o bom transcurso da competição esportiva no estádio; uma segunda vez por todos aqueles que produzem a reprodução em imagens e em discursos desse espetáculo, no mais das vezes sob a pressão da concorrência e de todo o sistema das pressões exercidas sobre eles pela rede de relações objetivas na qual estão inseridos. (BOURDIEU, 1997, p.127)

Assim, a televisão criou um duplo fascínio no telespectador. Um deles através da facilidade em consumir o conteúdo imagético - que está pronto a ser consumido. Outro pelo *status* que - aqueles que aparecem na TV - ganham diante do próprio público. Não é à toa que uma das frases que a rede Globo mostra com regularidade é “Filma eu Galvão” ou “Mãe, eu too na Globo”, seguradas pelo público que busca chamar a atenção das câmeras. Estar no estádio para assistir ao esporte e ao mesmo tempo “estar na mídia”, se houver possibilidade, revela uma estrutura de aproximações e de visibilidade na era moderna permitida pela televisão.

3.5 Internet: uma nova forma de pensar em jornalismo

A internet veio para modificar a forma de como lidamos com o *status* “ficar informados”. A partir da década de 1990, com a sua maior popularização, ela foi capaz de democratizar o ato de fazer e consumir conteúdo, além de reunir os elementos de todas as mídias em um só canal. Se antes a divulgação das notícias era apenas restrita aos veículos de comunicação comandada por poucas pessoas, através da internet, esse sistema mudou. Hoje, qualquer pessoa é capaz de criar um blog, um site, divulgar um vídeo ou outras formas de conhecimento através da *web*. E o melhor, com custos bem baixos.

Brittos (2006) reconhece que o fazer comunicação na contemporaneidade vive um momento distinto, que ele chama de fase da multiplicidade da oferta. Ela caracteriza-se pela “multiplicação do número de agentes, representando uma ampliação substancial da quantidade de produtos disponibilizados aos consumidores” (BRITTOS, 2006, p.15). Para Santaella (2003),

[...] o computador, unido às redes telecomunicacionais, revolucionou as mídias tecnológicas originando um sistema digital amplamente disseminado que possibilita ao usuário não somente consumir, mas também produzir, distribuir e receber conteúdos audiovisuais num só equipamento. (SANTAELLA, 2003, p.20).

Se pararmos para destrinchar a evolução do jornalismo digital, podemos verificar que ele se deu por fases distintas. No primeiro momento, o conteúdo na internet era uma cópia daquele distribuído no jornal impresso, sendo transportado pelos veículos de comunicação na internet os conteúdos já disponibilizados em seu suporte convencional. Já na segunda fase, mesmo ainda tendo um forte apelo dos conteúdos impressos, novas experiências foram iniciadas na tentativa de explorar as potencialidades do meio digital e de construir uma linguagem própria. Mielniczuk (2001) indica que nesse momento, começam a surgir espaços para abrigar notícias sobre fatos que acontecem no período entre as edições.

Nesta fase, mesmo ainda sendo meras cópias do impresso para a Web, começam a surgir links com chamadas para notícias de fatos que acontecem no período entre as edições; o e-mail passa a ser utilizado como uma possibilidade de comunicação entre jornalista e leitor ou entre os leitores, através de fóruns de debates; a elaboração das notícias passa a explorar os recursos oferecidos pelo hipertexto. A tendência ainda era a existência de produtos vinculados não só ao modelo do jornal impresso, mas também às empresas jornalísticas cuja credibilidade e rentabilidade estavam associadas ao jornalismo impresso (MIELIETINSKI, 2001, p. 02).

Em um terceiro momento, a grande mudança está na utilização de banco de dados como forma de gerar produtos exclusivos para a plataforma, além de telas para atender a demanda de informações flexíveis em estruturas que possibilitam uma relação mais completa para o leitor. No entanto, com tantos veículos e conteúdos disponíveis na internet, a preocupação atual é a aplicação de abordagens inovadoras e diferentes para recuperar novas posições de mercado, para a criação de uma experiência de consumo de notícias individuais baseadas na confiança entre o emissor e o receptor. Nesse sentido, alguns autores defendem que passamos a vivenciar uma quarta fase do Jornalismo digital, com uma personalização mais acentuada, no qual os conteúdos são pensados para pequenas audiências, mas altamente envolvidas.

O cenário no qual emerge a quarta geração do Webjornalismo é marcado pela consolidação das bases de dados como estruturantes da atividade jornalística e como agentes singulares no processo de convergência jornalística; equipes mais especializadas; desenvolvimento de sistemas de gestão de conteúdos (SGC) mais complexos e baseados preponderantemente em *softwares* e linguagens de programação com padrão *open source*, algoritmos; proliferação de plataformas móveis; consolidação do uso de blogs; incorporação de sistemas que habilitam a participação efetiva do usuário na produção de peças informativas; produtos diferenciados criados e mantidos de modo automatizado; sites dinâmicos; narrativas multimídias; uso crescente de aplicações *mash-ups*; do conceito de geolocalização de notícias ou *geocoding news*; ampla adoção do vídeo em *streaming*; novos elementos conceituais para

a organização da informação; maior integração do material de arquivo na oferta informativa; produtos experimentais que incorporam o conceito de web semântica; aplicação de novas técnicas e métodos para gerar visualizações diferenciadas para os conteúdos que auxiliam a sobrepujar a metáfora do impresso como padrão. (BARBOSA, 2008, p.9)

Para Gonçalves,

[...] o Jornalismo Digital inclui todo produto discursivo que reproduz a realidade pela singularidade dos fatos, tem como suporte de circulação as redes telepáticas ou qualquer outro tipo de tecnologia que transmita sinais numéricos e que incorpora a interação com os usuários no processo produtivo. (GONÇALVES, 2003, p.3)

Dentro do âmbito do Jornalismo Esportivo, que é o foco desta pesquisa, toda essa evolução na comunicação digital favoreceu ao surgimento de vários sites como forma de preencher determinadas lacunas, na qual se tornaram de nicho e especializaram em times ou modalidades específicas, ou em regiões e cidades. Nesse intuito, a internet deixou de ser um meio de massa, para ser de nicho.

Até a formatação, característica de linguagem e forma de se consumir o conteúdo foi recodificado e ampliado. Com a rapidez e dinamismo da internet, criou-se a necessidade de se publicar notícias a todo instante em busca de mais audiência, ou seja, além da agilidade para redigir, é preciso ser imediato. O repórter passou a publicar o relato instantes depois do encerramento do duelo. A pressão contribui para que haja erros, que só serão detectados depois de veicular. No entanto, diferente do impresso, na internet o jornalista edita a matéria, insere as imagens, vídeos, faz correções e acréscimos de informações depois da notícia já ter sido divulgada. Inclusive, em alguns casos, muda-se até o título para se tornar mais chamativo atraente.

Além dos conteúdos rápidos, no estilo *fast-food*, como resultados e escalas, há espaço para análises mais profundas. A plataforma digital e o fazer jornalismo esportivo se apropriou fortemente também do uso de imagens, vídeos, infográficos e ferramentas de interatividade. Ser detentor dos direitos de transmissão, por exemplo, destaca o veículo à frente de quase todos os concorrentes que não podem postar cenas. Além de atrair o leitor, o vídeo contribui para o fã de esporte permanecer na notícia por mais tempo. Este artifício também é contabilizado no momento de negociação de publicidade: tempo de duração na notícia e cliques. Diferente da TV, do rádio ou do impresso, que é possível ter uma ideia macro da audiência, no

digital é possível medir o número de cliques, de retuitadas e de compartilhamentos e, sabe-se exatamente por onde o internauta navegou até chegar aquele conteúdo.

3.6 O jornalista dentro do esporte

Ainda dentro desse contexto do Jornalismo Esportivo, na preparação desta dissertação, uma pergunta inicial para o entendimento da evolução na cobertura de esporte foi: E como fica a percepção do repórter, daquele que faz o jornalismo esportivo, dentro de tantas variáveis e características únicas que a área possui?

Dentro dessa prerrogativa, Barbeiro e Rangel (2006) afirmam na introdução do Manual de Jornalismo Esportivo, que o profissional de comunicação atuante nesta editoria é preparado para captar, tratar e divulgar as notícias sempre com base nas regras da ética e do interesse público. Em última análise é alguém que domina as técnicas jornalísticas de checagem dos fatos, das fontes e das versões; que tem como missão não perder de vista todos os lados de uma mesma história. Afinal, como bem afirmam os autores, “jornalismo é jornalismo: seja ele esportivo, político, econômico, social” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13).

Com base nesta premissa pode-se induzir que a essência da atividade do Jornalismo Esportivo não se altera comparada a cobertura de outras áreas, com o comprometimento pela apuração, checagem e divulgação dos fatos relevantes para o interesse público e de acordo com as regras da ética. Entretanto, essa designação, na prática, não é exatamente o que corresponde a atuação dos repórteres dessa editoria. Os próprios Barbeiro e Rangel (2006) pontuam que trabalhar com o Jornalismo Esportivo é estar sujeito a algumas especificidades. “Ele se confunde, frequentemente, com puro entretenimento”. Por envolver aspectos que não estão privilegiados em outros setores do jornalismo – sendo o mais relevante deles a emoção – o jornalismo esportivo muitas vezes perde o foco do que é – ou deveria ser – a sua função social.

Carvalho (apud PENA, 2005, p.81), pondera que

[...] a característica fundamental do jornalismo esportivo, e que diferencia essa editoria de qualquer outra, é a paixão que o esporte desperta no público. Ao produzir seu texto para jornal, rádio, TV ou internet, o jornalista esportivo tem que estar ciente de que está lidando com a paixão do leitor/espectador. E por conta disso, a editoria de esporte é a que consegue atingir todas as classes sociais.

Dessa forma, o jornalista que cobre esporte é, quase via de regra, um interessado pelo assunto desde criança. Assim como o torcedor comum, ele também possuía ou ainda possui um

clube para o qual costumava torcer. Schmitz (2001, p. 13) destaca que “[...] inevitavelmente essa emotividade pode exercer influências nos comentários e análises, que se podem apresentar eufóricos e otimistas por um lado, ou frustrados e pessimistas por outro. Sob essas condições psicológicas podem apresentar-se às críticas”. No capítulo 4, vamos retornar a análise e o papel do jornalista nas coberturas esportivas pelo foco da linguagem, da técnica e da circulação de conteúdo.

4 ESPORTE, JORNALISMO E MITOLOGIA

Abre-se o noticiário, especialmente na sessão de esporte, e nota-se no vocabulário das reportagens dos veículos de comunicação a apropriação e uso de uma linguagem diferente daquelas lidas, por exemplo, em editoriais de Economia, Política e Cotidiano. É usado uma estrutura que remete a grandes histórias, com personagens que conseguem - através de seus esforços e apoteoses - realizar grandes feitos ou simplesmente sucumbir em determinadas situações. Jogadores e atletas ganham super poderes e viram heróis ou vilões variando de acordo com o resultado obtido em um campeonato.

A linguagem e a narrativa podem ser facilmente remetidas àquelas utilizadas em centenas de contos da mitologia, da religião e de histórias populares do passado que marcaram o desenvolvimento das civilizações. Nesses noticiários esportivos há claramente um distanciamento, em estrutura de linguagem, dos processos técnicos discursivos comumente chancelados pelos veículos de imprensa e jornalistas ao reportar uma informação. A imparcialidade e a descrição plena da realidade parecem - de acordo comum com emissores e receptores da informação - não serem fatores essenciais quando se trata desses noticiários. Pelo contrário, o elemento de concretude mais forte neste “contrato não programático” do público com a mídia em coberturas esportivas está no enredo, na história e no processo da narração.

Na tentativa de construir indicadores sobre os elementos preponderantes ativos do cenário descrito acima, as próximas páginas buscam investigar os conceitos e influências da narração/narratologia, que tem como base a influência literária em seu cerne e porque é feito essa apropriação destes signos e significados na esfera do Jornalismo, da Mitologia e do Esporte, tendo como um dos desencadeamentos a mistura e hibridação destas três áreas.

4.1 Linguagem: um mergulho pela Narratologia

A narração é uma atividade corriqueira e inerente ao ser humano. Desde as civilizações mais remotas - iniciada de forma falada e posteriormente na forma escrita - ela sempre foi uma das fontes de transmissão de conhecimento, saber e de evolução. Para Barthes (1971, p.18), “não há no mundo um povo sem narrativa”. Para o autor, todos os grupos humanos têm suas histórias. Ao narrar, alguém passa a explorar possíveis desenvolvimentos (reais ou ficcionais) das condutas, de projeções do próprio comportamento humano. Segundo Motta, a narração está atrelada a construção de realidades. “A narrativa descreve naturalmente os acontecimentos em perspectivas, une pontos, relaciona coisas, cria o passado, o presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões, explicações e significações mais estáveis” (MOTTA, 2005, p.20). Barthes também transita pela mesma reflexão sobre o poder da narrativa.

Compreender uma narrativa não é somente seguir o esvaziamento da história, é também reconhecer nelas ‘estágios’, projetar os encadeamentos horizontais do ‘fio’ narrativo sobre um eixo implicitamente vertical; ler (escutar) uma narrativa não é somente passar de uma palavra a outra, é também passar de um nível para outro. (BARTHES, 1971, p. 23)

Dentro desse contexto a narrativa transforma-se em um dispositivo de linguagem que envolve interlocutores para uma determinada representação, o que, concomitantemente, mostra o percurso da narratologia ao sinalizar características literárias presentes na estrutura das matérias jornalísticas. Conceitualmente, Silva (2014) indica a narratologia como a “[...] denominação dada ao estudo das narrativas de ficção e não-ficção, como, por exemplo, a história e a reportagem”. Já Motta (2013) observa a narratologia como:

[...] estudo dos processos de relações humanas que produzem sentido através de expressões narrativas, sejam elas factuais (jornalismo, história, biografias etc.) ou ficcionais (romances, contos, cinema, telenovelas, mitos). Procura entender como os sujeitos sociais constroem intersubjetivamente seus significados pela apreensão, representação e expressão narrativa da realidade. A produção cultural de sentidos é, portanto, um fator prévio que implica e engloba essa nova narratologia. (MOTTA, 2013, p.79)

O termo inicialmente foi proposto em 1969 pelo filósofo Tzvetan Todorov, em sua obra intitulada Gramática do Decameron, como um novo campo de estudo na teoria literária que analisa estruturas e elementos das narrativas. Este campo foi consolidado como ciência e ganhou profundas contribuições, inclusive a dos pesquisadores Roland Barthes, Vladimir Propp, Carlos Reis e Umberto Eco. Motta ressalta, entretanto, que a “[...] narratologia revela-se não como um ramo das ciências da linguagem nem como um desdobramento da teoria

literária, mas como uma forma de análise e um campo de estudo antropológico porque remete à cultura da sociedade e não apenas às suas expressões ficcionais” (MOTTA, 2005, p.15). Dentro do estudo, os agentes narrativos, atores, história, tempo, lugar e acontecimentos são estritamente importantes para entender o processo de construção e as características que encaminham determinada construção textual. Assim, o sentido narrativo transcende o conteúdo para utilizar de mais artifícios discursivos no ato comunicativo. Afinal, a comunicação é inerente ao homem. A história da humanidade tem como pilar a necessidade da troca de mensagens, informações, sensações e histórias.

Ao analisarmos essa estrutura é verossímil afirmar que o diálogo do Jornalismo com a Literatura não é novo, já que é evidenciado, mesmo que em alguns períodos menos acentuados, uma relação entre ambas ao longo da história. Desde a origem do Jornalismo e sua consolidação ainda nos séculos XVI e XVII, que é conduzida e possibilitada na atividade do jornalista uma ressignificação de significados e interpretações no produzir a informação. Ao observarmos esse cenário retomamos algumas perguntas: sobre a criação dessas narrações que lemos, ouvimos e escutamos pelos veículos de comunicação. Até onde o jornalista posiciona figuras em novos significados, por exemplo, como heróis e vilões?

Para lidarmos com essas questões há de se notar uma diferenciação que norteia desde o uso de determinadas palavras, a utilização de imagens selecionadas e a construção de discursos que apresentam novos elementos na compreensão da notícia. Alinhamentos como, a criação do suspense, o ordenamento das ações, a demarcação e a hierarquização de episódios, personagens, pontos de virada também são fatores que nos ajudam a responder os parâmetros da produção de conteúdos jornalísticos dentro da narratologia. Para Kovach e Rosenstiel (2003),

[...] o Jornalismo tem compromisso com a sociedade. Jornalismo é contar uma história com uma finalidade. A finalidade é fornecer às pessoas informações que precisam para entender o mundo. O primeiro desafio é encontrar a informação que as pessoas precisam para tocar suas vidas. O segundo desafio é tornar essa informação significativa, relevante e envolvente. (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003, p. 226)

Nesse mesmo sentido, Pinho (2008) também ressalta que os textos jornalísticos podem sofrer de formas racionais - quando se utiliza dados concretos, objetivos e quantificáveis para conquistar o seu público-alvo - e emocionais, “para o conteúdo afetivo da pessoa, ao seu lado emocional. Fala a linguagem dos sentimentos e das emoções” (PINHO, 2008, p. 224). Apesar da possibilidade de uma forma se sobressair mais do que a outra é comum dentro da corrente do Jornalismo que se apropria das características da narratologia, usar essas duas formas -

racional e emocional - para conquistar ainda mais seu público. Essa afirmação ganha ainda mais destaque no caso do Jornalismo Esportivo, na qual existe a possibilidade de exploração do lado sentimental dos torcedores, ao mesmo tempo que são apresentados dados numéricos para defender uma determinada posição. Assim, no Jornalismo, o repórter desenvolve uma relação entre o que aparece e a realidade para o receptor, em uma narrativa de constante movimento, que raramente se fecha.

4.1.1 Veículos de comunicação, jornalista e fonte: o papel da narrativa

As construções das narrativas jornalísticas recebem influências de diversos atores-sociais e também das próprias características singulares que os meios de comunicação e seus produtores de conteúdos estão inseridos. Para Motta (2010) essa estrutura se torna uma constante negociação simbólica.

A narrativa jornalística é uma construção discursiva mediada primeiro pelo meio de comunicação que a veicula: o jornal, revista, emissora ou portal, cada qual com suas irregularidades técnicas, seu *ethos*, seus interesses comerciais e ideológicos particulares. Ela é mediada, em segundo plano, por um corpo de profissionais corporativos: jornalistas, diagramadores, cinegrafistas, editores, ilustradores, webmasters, etc., que hierarquizam a apresentação dos fatos, enquadra e posicionam os protagonistas na estória de acordo com seus valores pessoais e interesses profissionais. Além desses interesses, o texto jornalístico está permeado de falas diretas ou indiretas das inúmeras personagens-testemunhas, que também se digladiam no relato, trazendo para o dramatismo da estória a ótica de seus próprios pontos de vista sobre os incidentes que presenciaram ou participaram. Veículos, profissionais, indivíduos e grupos sociais estão assim em contínua ‘negociação’ política e simbólica. (MOTTA, 2010, p. 22).

Dentro dessa visão, o Jornalismo e suas narrativas sofrem uma pluralidade de intervenções, que se constrói de forma interativa, interdependente e intertextual. Como isso, as narrativas passam a ter características polissêmicas e polifônicas. A primeira, pelo fato das notícias oferecerem uma multiplicidade de interpretações e a segunda por pontos de vista e visões baseados nos diferentes interesses que convergem. Todo esse processo cria papéis na construção e percepção da narração entre os veículos de comunicação (jornal, rádio, telejornal e websites), o próprio jornalista e os personagens e fontes que fazem parte da notícia.

Nos veículos de comunicação, a métrica de maior controle de performance narrativa gira em torno de se obter mais audiência. O objetivo em si é vender histórias que tenham apelo ao público para que, com uma maior audiência, se consiga melhores patrocínios comerciais,

interesses políticos ou institucionais. Hernandez (2006) incita essa arquitetura como “gerenciamento da atenção”, nas quais se instaura a curiosidade, se instiga e estimula o público a consumir o conteúdo e despertar o desejo de se querer mais informação. Um ponto marcante dentro da narrativa dos veículos de comunicação é que, através de seu posicionamento construído anteriormente, como uma marca no mercado, ele é legitimado pela própria sociedade em comercializar notícias e histórias, mesmo que sua imagem tenha um viés político inclinado. Isso, ainda assim, não interfere na relação de confiabilidade e cumplicidade com o seu público. Esse poder - como narrador - dar-se-á pelos veículos de comunicação por tornarem públicas informações que são - supostamente - de interesse da própria sociedade, e também por não anunciarem fatos na primeira pessoa, que neutralizam os sentidos de proximidade e subjetividade.

Na atualidade, a internet e os meios digitais provocaram, de certa maneira, uma ampliação dos agentes de comunicação. Se antes eles se centravam apenas nas poderosas empresas de mídia, hoje, novos veículos ganharam papel de influência com o público, gerando mais canais de informação e portas de visibilidade. Tudo isso fortalece uma ambiência marcada pela multiplicidade de conteúdos e formatos, transformando-se uma engajadora vitrine da narratologia em diferentes formas de contar histórias noticiosas. Ainda, não importa o tamanho do veículo, as empresas midiáticas são fortes influenciadores dos outros dois principais agentes da informação, conduzindo-os a uma posição de certa subordinação aos seus critérios: os jornalistas que realizam as reportagens, e as próprias fontes escolhidas para serem utilizadas na notícia.

Do ponto do jornalista, essa subordinação em formato de ‘negociação’, muitas vezes não é declaratória. Afinal, o papel do jornalista está em ser o responsável pela organização e disposição das ações, conflitos, cenas e posição dos personagens em seu contexto da noticiabilidade - e tece as histórias de acordo com a sua interpretação dos papéis. É ele o jornalista que inclui, exclui e destaca informações segundo seus valores (pessoais, profissionais ou dos interesses da mídia que atua), além da relação com as fontes. Por isso trata-se dessa constante negociação com o veículo midiático que trabalha, mas também com suas fontes - que se tornam vitais para a produção de uma notícia. Apesar desse nível de negociação, o jornalista, como narrador, possui autonomia em busca da produção de uma história coerente, verídica e que tenha valor como conteúdo, baseada nos princípios que regem o ofício do bom Jornalismo. Há nessa relação o conflito do saber, na qual o jornalista busca o distanciamento e neutralidade no processo de construção da notícia, por ser o mediador da informação, ainda que, no ato da

produção traz marcas de sua subjetividade, negociação e “guardião” dos dados que serão incluídos e cortados no material. Outros pontos buscam apoiar esse senso de imparcialidade como a padronização de narrativas, com dispositivos que ajudam a regular a formatação da escrita, tais quais os manuais de redação e os protocolos das próprias organizações da lógica da própria noticiabilidade.

Apesar de não ser o intuito desta pesquisa, deixa-se como aberto a reflexão para futuras publicações e análises sobre toda essa complexificada relação que o jornalista vivência - ao se deparar ao mesmo tempo com limites, negociações constantes com os outros dois agentes da informação e novos formatos linguísticos e de narrativa que estão em constante mutação. Por ora, nossa análise se concentrará em apenas apontar a existência desses três narradores de conteúdo e o seu papel no processo de construção da narratologia.

Ao sinalizar esse recorte de pesquisa, o terceiro narrador do contexto do discurso jornalístico é o personagem da notícia, que muitas vezes é a própria fonte do jornalista, aquele que fornecerá as informações para a construção do conteúdo. Apesar de estar hierarquicamente submetido ao crivo dos veículos de comunicação e dos jornalistas, - que tem o ‘poder’ de incluir e excluir dados repassados, as fontes revelam informações a partir de seus próprios interesses e possuem autonomia de escolha do que irão transmitir. Mais uma vez, a mídia escolhida - TV, rádio, jornal, portais de notícia - influenciam no peso da narração. Na TV, por exemplo, a autonomia e presença do personagem ganham mais apelo já que, geralmente, sua imagem e fala são apresentadas reforçando sua identidade. No jornal impresso é diferente, já que é possível, através do crivo do jornalista, ampliar ou diluir a presença do personagem em um recorte do texto desenvolvido. O que se evidencia é que a fonte/personagem, como agente narrador, tem se preparado cada vez mais dentro desse laço com o jornalista e os veículos, principalmente aqueles que possuem um constante diálogo com a imprensa. Técnicas e recursos fazem com que essa interação esteja mais alinhada com as simbólicas narrativas jornalísticas, muitas vezes com o interesse estratégico da fonte ou do personagem de ganharem mais visibilidade para si.

Toda essa composição que regem a narratologia no meio jornalístico constroem uma arena discursiva na qual os agentes ativos buscam um poder simbólico de acordo com pontos de vistas e enquadramentos, mas que ao mesmo tempo possuem mútua interdependência de poderes. França (2004) reabastece dessa representação como um processo constante de atualização e observação.

A comunicação é este processo em que imagens, representações são produzidas, trocadas, atualizadas no bojo de relações; esse processo em que

sujeitos interlocutores produzem, se apropriam e atualizam permanentemente os sentidos que moldam seus mundos e, em última instância, o próprio mundo. Pois comunicação seria exatamente esse lugar de observação do mundo em movimento (FRANÇA, 2004, p. 23)

4.1.2 Elementos narrativos e mitológicos nas coberturas esportivas

A narratologia passa a ter um papel fortalecido dentro das dinâmicas jornalísticas, ao se apropriar desse viés literário, e ser utilizado como recurso textual na construção de livros-reportagens, biografias, documentários, crônicas, reportagens especiais, coberturas esportivas, perfis, cadernos especiais, entre outros. Esses recursos discursivos, nas quais existe uma interseção da informação com a arte da narrativa apresentam elementos que a sociedade valoriza bastante e que geram envolvimento, curiosidade e, naturalmente, interesse no acompanhamento. O confronto, a vitória, a ascensão, a superação de personagens são elementos que fazem o público criar empatia e uma relação mais próxima com aquela *persona* descrita. Toda essa caracterização de construção pode ser facilmente perceptível em períodos como Copa de Mundo, Olimpíada e em decisões de campeonatos onde os discursos jornalísticos dessas coberturas estão geralmente atrelados a atletas em épicas jornadas, com super-poderes, rumo à uma conquista máxima, ou como guerreiros que enfrentam verdadeiras batalhas em busca da vitória. Uma estrutura de discurso que está estritamente ligada e se assemelha às construções de narrativas das pré-civilizações, dos antigos mitos e das sagas mitológicas em diferentes épocas.

Dentro desse panorama, os fenômenos de massa como os espetáculos esportivos não conseguem, por exemplo, se sustentar por muito tempo sem a presença dos “ídolos” e dos heróis, comumente presentes em mitos antigos. São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento e exercem um enorme fascínio na comunidade. Isso faz com que público e mídia criem “contratos de leituras”, fazendo com que o interesse aumente através de uma produção de noticiabilidade mais específica - e que reforça as estratégias de interação entre mídia-receptor e os diferentes atores-sociais.

Mas por que essa influência de linguagem nas coberturas esportivas? Dentro da nossa civilização, o esporte tem um papel de grande relevância na sociedade contemporânea e está relacionado a um dos maiores fenômenos culturais. Uma compreensão para entender o esporte como um todo é indicado por Santin (1996, p. 60): “[...] as práticas esportivas constituem, hoje, um sistema sociocultural construído como parte da cultura do movimento humano e enquanto fator decisivo no processo de socialização do ser humano”. E há grandes motivos para que isso

aconteça, sendo a base deles o próprio interesse e identificação das pessoas. Outra razão facilitadora está na universalização da linguagem. A fácil identificação e reconhecimento de seus códigos e regras estabelecidas pelas entidades internacionais faz com que as modalidades esportivas contenham uma linguagem que permite o seu entendimento em todos os lugares. O esporte, inclusive, tem sido cada vez mais um grande espetáculo que reúne milhares de pessoas, seja nas arenas e estádios esportivos ou no alcance multiplicado favorecido pela exibição na mídia. E a forma como são transformados os atletas ultrapassam os limites de apenas uma competição esportiva.

Heróis esportivos, na realidade, remetem à valorização da vitória por parte da sociedade, desde os tempos mais remotos, até os dias atuais, quando passa a ser legitimada pela mídia. Grandes eventos esportivos como Copa do Mundo, Olimpíadas e Fórmula 1 são colocados com contornos dramáticos e propiciam assim a criação dessas narrativas que enfatizam feitos heroicos. Além do interesse da mídia enquanto espetáculo, a competição também desperta o patriotismo e o ufanismo da torcida, incluindo o próprio jornalista que realiza a cobertura do evento. Assim, a mídia constrói, destrói, renova, acaba e preserva a imagem dos heróis, mas não vive sem eles. Afinal, a mídia precisa destes heróis. Assim como precisa dos vilões. Sem os protagonistas principais da trama, perde-se a dramaticidade da narrativa. E o esporte é, acima de tudo, drama, que contagia desde o torcedor fanático ao mais isento jornalista.

4.2 Consumo de notícias: Discursos de espetacularização e *celebrificação*

O interesse em escala mundial sobre o esporte está muito ligado à criação da oferta jornalística e da própria adequação às expectativas do receptor, formatando assim um percurso de múltiplas abordagens e técnicas que fazem com que o leitor “consuma” aquele conteúdo. Fausto Neto (2007) conceitua esse aspecto como contratos de leituras. Para o pesquisador,

[...] entende-se por contratos de leituras regras, estratégias e políticas de sentido que se organizam os modos de vinculação entre as ofertas e recepção dos discursos midiáticos, em que se formalizam nas práticas textuais, como instância que constituem o ponto de vínculo entre produtores e usuários (FAUSTO NETO, 2007, p.3).

Dentro dessa perspectiva, os meios de comunicação buscam elementos do esporte e uma cobertura que provoque interesse nos leitores. Para Constantino (1993), o que “vende” é

naturalmente o espetáculo desportivo, os casos, os seus personagens. E vende porque há naturalmente uma procura cujas exigências culturais e encontram uma adequada “oferta”.

Lovisoló (1997) indica que a palavra espetáculo ganhou o significado de algo emocionante, grandioso e admirável. Dentro desse contexto, boa parte das produções elencadas como culturais, buscam gerar espetáculos, se possível, espetaculares. Os esportes estão integrados dentro dessa lógica e ocupam um lugar de crescente destaque. Nesse sentido, Helal (2001) destaca que ao mesmo tempo em que a mídia, o público e os ídolos estão em campos sociais diferentes, dentro da estrutura do espetáculo, um não faz sentido sem o outro. Há de ressaltar que o espetáculo esportivo começa a ser produzido através da mídia pela sua pré-cobertura que agenda os espectadores. Trata-se de uma cobertura que dificilmente se limita a um conteúdo restrito ao campo esportivo - tendo o apelo e uso de outros sentidos e significados correlacionados. O apelo a aspectos culturais, afetivos, entre outros, colaboram para a espetacularização.

A criação da espetacularização vai ao encontro do interesse do público e assim favorece os contratos de leituras inseridos de forma natural entre mídia e público. Os esportes pela televisão, por exemplo, principalmente o futebol, se fazem com o intuito de prender o telespectador na transmissão.

São dezenas de câmeras, microfones de captação de som ambiente, *replays*, tira-teima, comentaristas esportivos, especialistas em arbitragem, convidados especiais, dentre outras atrações para deter o telespectador nas transmissões. Essa guerra tecnológica entre as emissoras acaba seduzindo o telespectador a ficar na comodidade de seu lar, em frente ao seu televisor. (SANFELICE, 2014, p. 4)

Assim, aquele que assiste de casa passa a ter uma perspectiva do torcedor que está na arquibancada, do técnico que está no banco de reservas, ou até do piloto em seu carro de corrida. A espetacularização vai além também da dramaticidade de um resultado, medalha ou chance de pódio. Muitas vezes é disseminada informações sobre as vidas sociais, profissionais e particulares desses atletas, que reforçam os contratos de leituras e alimentam a construção em celebridades midiáticas. Um fato é bastante peculiar em nossa sociedade e história: é comum, ao longo dos séculos, estratégias para a *celebrificação* de personagens, assim como aconteceu com os atletas olímpicos e personalidades das mais diversas áreas e segmentos. No entanto, foi a partir do século 20 que o processo de construção da celebridade na sociedade da informação

se consolidou. Uma das grandes responsáveis para isso, novamente, é a atuação dos veículos de comunicação, principalmente da televisão, que tem um papel importante para a proliferação desse *status*.

O termo celebridade, na sociedade contemporânea, está associado à fama, à natureza volúvel, temporária do mercado de sentimentos humanos, no contexto de relações anônimas, episódicas, de mudanças velozes na vida social e econômica sustentadas pela atribuição de *status* glamoroso a um indivíduo dentro da esfera pública. (ROYEK, 2008, p. 11)

As celebridades podem ser entendidas como figuras públicas que ocupam o espaço de visibilidade da mídia e são construídas discursivamente. Segundo Herschmann e Pereira (2003), elas se destacam da vida cotidiana em virtude do talento na atividade profissional que desempenham ou em função de fatores como “atos heroicos e/ou estratégias publicitárias bem-sucedidas”. De acordo com esses autores, essas são “dimensões que se articulam no sentido de produzir heróis/celebridades em contextos de alta visibilidade” (HERSCHMANN; PEREIRA, 2003, p. 13).

No âmbito esportivo, a celebridade é criada a partir daqueles atletas que mostram mais destaque e melhores resultados em suas atividades esportivas ou possuem algo em comum que choca, como objeto de criação dos vilões. A mídia desempenha um papel importante não apenas no processo de visibilidade da imagem, Morin (1989), mas na própria constituição de um sujeito como celebridade. E isso faz com que se subsidia essa mútua existência do ídolo e do fã criando dessa apresentação um sistema de retroalimentação, na qual celebridades cativam o público e o público sustenta o status da celebridade onde a mídia o coloca enquanto produto mercadológico. Toda essa construção narrativa destacada caminha para um processo que chamamos de midiaticização, na qual, os veículos de comunicação funcionam como suportes de veiculação da vida dos campos sociais. E esse contexto ultrapassa as dimensões produtivas atribuídas ao clássico processo comunicacional.

4.2.1 Processo de midiaticização no esporte

Há mudanças significativas na produção, edição e recepção entre os veículos de comunicação tradicionais como televisão, rádio e impresso. Esse redimensionamento acontece pela entrada da internet e de mecanismos ligados aos sistemas digitais, que faz com que as tecnologias, as técnicas, as lógicas, as estratégias e as linguagens das mídias passem a fazer

parte das dinâmicas dos vários campos sociais. No esporte isso não é diferente quando os atores sociais, individuais e coletivos (originários de campo sociais não midiáticos) passaram a utilizar as tecnologias midiáticas como mediadoras de suas práticas diárias, e até das relações particulares. Para Fausto Neto (2006), com esse efeito, os atores sociais acabam reconfigurando seu modo de estar no mundo e são condicionados a uma nova experiência e novas formas de agir, interagir e de comunicar.

Nestes termos, a sociedade na qual se engendra e se desenvolve a midiatização é constituída por uma nova natureza sócio-organizacional na medida em que passamos de estágios de linearidades para aqueles de descontinuidades, onde noções de comunicação, associadas a totalidades homogêneas, dão lugar às noções de fragmentos e às noções de heterogeneidades (FAUSTO NETO, 2006, p. 3).

O sociólogo Sodré (2002, p. 21) conceitua a “midiatização” como uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional – a que poderíamos chamar de ‘tecno-interação’. Em outras palavras, a “midiatização pode ser entendida como múltiplos cruzamentos entre tecnologias midiáticas, campos e atores sociais, meios de comunicação social tradicionais e sociedade” (FAUSTO NETO, 2006, p.4). Em relação a estes aspectos, para Gastaldo (2005) a midiatização de eventos esportivos é responsável por sucessivos fenômenos de audiência contemporaneamente. A audiência global da final da Copa do Mundo de 2014, por exemplo, foi estimada em mais de um bilhão de pessoas (ESTADÃO, 2014) e a abertura das Olimpíadas em 2016, ultrapassou 2,5 bilhões de pessoas (IG, 2016). Os números reforçam que as tecnologias midiáticas deixam de ser observadas como suportes técnicos para a realização da comunicação e passam a ser observadas como mídias propriamente, sendo imprescindíveis para a realização de determinadas relações sociais. Esse processo marca a fase tecnológica e cultural da sociedade atual, chamada de sociedade midiatizada. É necessário destacar que os processos e resultados midiáticos influenciam diversos grupos sociais de forma heterogênea e complexa. Nesse sentido, a midiatização favorece que diferentes agentes - antes à margem da geração de informação - consigam meios para articular seu espaço midiático. Assim, esses novos agentes passam a dominar técnicas, estratégias discursivas e meios para produzir informações que desejam ser transmitidas. No esporte, isso favorece que diferentes agentes-sociais comunicacionais, como assessores, familiares, atletas, torcedores, recriem novas estratégias discursivas e meios de produção da informação. Dessa forma, a informação não necessariamente é aquela buscada, trazida e divulgada apenas pelos veículos de comunicação -

pelo jornalista -, mas por outras vias - seja para transpor a notícia para o público-alvo, seja como uma forma de buscar pautar a imprensa e realimentar a estrutura comunicacional tradicional.

Essa nova esfera fica bem acentuada com as possibilidades que a internet e novas tecnologias acessíveis, através de aparelhos de *smartphones* e plataformas de baixo custo como blogs e redes sociais têm provocado - dando voz para esses novos interlocutores esportivos. Com as redes sociais, por exemplo, cada vez mais esses atores-sociais esportivos publicam por conta própria, são seguidos e possuem o seu trabalho acompanhado por torcedores e admiradores. Nas redes sociais, através desse processo de midiaticização no segmento esportivo, é muito comum que atletas de ponta tenham suas próprias páginas ou *fanpages* para divulgar o rendimento de seus treinamentos, situações, casos, resultados - tudo, na maioria das vezes, seguindo a lógica e os critérios comuns da noticiabilidade. Dessa forma, atletas se tornam verdadeiros Relações Públicas da sua própria identidade, o que, de certa forma, faz com que suas ações mais simples possam ter reflexões inimagináveis, como o fato de uma *selfie* em um bar ingerindo bebidas alcoólicas ganhar conotações múltiplas, desde a interpretação de um “herói descontraído”, como “a crucificação pelo ato antidesportivo”.

Tal processo, no entanto, não enfraquece o poder dos veículos de comunicação. Pelo contrário, a mídia continua forte na efetivação da circulação das mensagens. Os atores de campos sociais não midiáticos ainda se valem dos jornalistas uma vez que a mediação por eles potencializa as possibilidades e a efetivação da notícia. Dentro dessa dinâmica, o que se favorece é a imagem, a personificação, no caso do esporte, dos torcedores e fãs, com seus ídolos esportivos, alimentando assim um processo de idolatria ainda mais forte. Com isso, o campo esportivo torna-se um lugar complexo, de cruzamento de múltiplas agendas, onde não podemos considerar como integrantes do espetáculo somente os competidores, mas os espectadores, as famílias dos competidores, os gestores, os patrocinadores, os torcedores e agentes que por ventura acabem fazendo parte do âmbito social dessas novas celebridades esportivas. Isso porque o esporte não se limita a representar uma competição - reflete também aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos.

4.3 Técnica: a Jornada do herói e do vilão atual

Dentro da contextualização apresentada nos tópicos anteriores, nota-se que os fatos narrados pelos veículos de comunicação na transformação de *personas* em heróis ou vilões aplicam-se, muitas vezes, ao modelo da jornada do herói, descrito por Joseph Campbell. Nessa

construção, geralmente, existe uma estrutura heroica, valores como o confronto, a luta, a ascensão, o domínio. Segundo Campbell (1993), o herói é aquele que parte do mundo cotidiano para enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, os vence e retorna para casa, trazendo benefícios aos seus semelhantes. Em tais circunstâncias, os “obstáculos” estariam representados pelos adversários, pela infância pobre e demais percalços na busca pelo título. Em termos de estrutura, as histórias que possuem características da Jornada do Herói seguem esse padrão, na qual, se começa através de um indivíduo que teve algo tirado de si ou que sente a necessidade de viver experiências além das permitidas aos membros do meio que está inserido.

Esse indivíduo, então, se lança em uma série de aventuras que ultrapassam aquilo apontado como normal para recuperar o que perdeu ou descobrir algum sentido de vida. Na primeira parte da aventura, essa pessoa abandona a segurança do ambiente familiar em busca de desvendar novos mundos, construindo seu próprio caminho. Durante essa aventura, o herói pode receber a ajuda de amuletos e do arauto, além de enfrentar vários obstáculos, provações e rivais (a sombra). Uma vez vencidos os testes, o sujeito se torna apto a viver no mundo.

Na ótica do esporte e da construção midiática em reportagens que seguem essa técnica e modelo pré-definido da Jornada do Herói, de certa forma, todos os atletas com resultados positivos ou que consigam grandes diferenciais são “heróis em potencial”. Atletas como Usain Bolt, Michael Jordan, Michael Phelps, Simone Biles, Pelé e Messi, por exemplo, criaram o *status* de super ídolos no esporte, de seres com superpoderes, seguindo a lógica de construção da Jornada do Herói. De uma dificuldade, conseguiram superar obstáculos e através de suas capacidades e habilidades realizaram feitos que praticamente ninguém realiza.

Considerado como um dos melhores jogadores de basquete de todos os tempos, com incríveis recordes de pontuação, títulos e premiações, Michael Jordan, no início, quase não seguiu no basquete depois de ter tentando entrar para o time do colégio de basquete durante seu segundo ano, mas por ter apenas 1,80m, era considerado baixo para jogar. Atletas como Bolt e Pelé vem de origens mais humildes, mas que conseguiram superar as limitações do dinheiro e exhibir seus talentos. Simone Biles, na Olimpíada do Rio de Janeiro, em 2016, aos 19 anos, consagrou-se com cinco medalhas na Ginástica: quatro de ouro e uma de bronze. No entanto, sua trajetória foi feita de muitos obstáculos. A ginasta tinha três anos quando o serviço social dos Estados Unidos chegou em sua casa e retirou da mãe a custódia de Simone e seus três irmãos. O nadador Michael Phelps, atleta com mais conquistas na história dos Jogos Olímpicos, tem um histórico de abandono familiar e já pensou até em suicídio.

Quando tinha 9 anos, os pais de Phelps se divorciaram e, por muito tempo, o nadador se sentiu abandonado pelo pai. Na mesma idade, o garoto isolado e que sofria *bullying* constante dos amigos por causa do tamanho de suas orelhas, foi diagnosticado com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). [...] Na Rio-2016, aos 31 anos, ganhou cinco ouros e uma prata e é o atleta mais premiado da história dos Jogos Olímpicos (VEJA, 2016).

Para Edgar Morin (1997), os atletas olímpicos atuais são os novos deuses da contemporaneidade, com dupla natureza: humana e sobre-humana, uma divina e outra mortal. E é a substância humana que permite a identificação dos súditos admiradores.

Os novos olímpianos são, simultaneamente, magnetizados no imaginário e no real, simultaneamente, ideais inimitáveis e modelos imitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza teológica do herói-deus da religião cristã: olímpianas e olímpianos são sobre-humanos no papel que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam. A imprensa de massa, ao mesmo tempo em que investe os olímpianos de um papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação (MORIN, 1997, p. 106).

Figura 02 - Capa da revista Sports Illustrated



Fonte: Reprodução/Twitter

Legenda: Phelps é capa da tradicional revista americana posando com seus 23 ouros conquistados em Olimpíadas

Isso faz com que os atletas se tornem modelos de vida, mitos de auto realização da vida privada, e se beneficiam com isso. Por esta razão, tudo que gira em torno dos “deuses do

Olímpio” é considerado fato relevante para ser levado ao conhecimento público. A maneira como os olímpianos agem, se vestem, as palavras, gestos, penteados, as relações amorosas, são assimilados pelos espectadores. Isso faz com que a magia que o esporte provoca se torne uma das principais fontes de entretenimento existentes. Esse entusiasmo demonstrado por torcedores cria uma identidade e um ciclo de interesse, nos quais mais pessoas querem ficar informadas, despertando a vontade de buscarem notícias sobre o tema. Isso se torna um prato cheio para a cobertura dos veículos de comunicação. Além do fator de noticiabilidade, o esporte tem um apelo diante do público que colabora para romper preconceitos, personificar seres humanos e criar um elo social imensurável.

No Brasil, o piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna, como poderemos ver com mais detalhes no capítulo 5, pode ser visto como o arquétipo perfeito do herói nacional por ter dado grande contribuição no que diz respeito à mudança na autoimagem do cidadão brasileiro. Senna carregava e transbordava muitas das características esquecidas até então no imaginário coletivo da população. Giusti e Machado (2009) indicam que “[...] através desse piloto a sociedade brasileira cessava a necessidade de mostrar para o mundo do que era capaz; numa época em que o Brasil não ostentava uma grande potência no esporte em geral” (p.2).

No entanto, nem só de heróis são construídos os personagens. Os arquétipos constituídos na simbologia midiática também são feitos para a construção do vilão e dos adversários. Se a vitória tem nos heróis seus protagonistas, a derrota, por sua vez, também possui seu personagem principal, ou seja, aquela figura a qual é depositada a culpa pelo insucesso em campo, de resultado ou de comportamento. E essa procura por uma justificativa, pelo personagem causador da derrota, ou seja, do vilão daquele contexto, ocorre também por um fator que é um dos princípios máximos de noticiabilidade: o interesse do público no fracasso. Uma vertente da psicologia - a Teoria de Disposição Efetiva - se aprofundou em entender o processo voltado ao fomento da rivalidade e como o ser humano, de certa forma, se engaja através desse fracasso do adversário. Uma das contribuições da teoria de disposição afetiva, que é originalmente apresentada pelo psicólogo Dolf Zillmann, está na indicação que a escolha de um lado para torcer em uma competição provoca um engajamento emocional mais profundo das pessoas.

E esse aspecto, além de significar assistir a vitórias do próprio time ou dos mocinhos, também simboliza assistir o adversário para torcer contra. No estudo encabeçado por Tyler e Cobbs (2014) sobre os fatos que contribuem para rivalidades intensas e emotivas, foi verificado que os espectadores torciam para que situações positivas acontecessem com os personagens que gostavam e que situações negativas acontecessem com aqueles que desgostavam. Essa torcida

contrária ocorre de forma ainda mais intensa quando existe uma rivalidade acentuada, quando um determinado time se torna dominante em uma competição ou quando se acredita em uma vantagem injusta. Um exemplo que esclarece melhor essa investigação pode ser a do New York Yankees, considerado um dos times de baseball de maior sucesso norte-americano da década de 1990 e início dos anos 2000. Antes da American League Championship Series (ALCS) de 2001, a liga principal do baseball nos Estados Unidos, a ESPN criou uma enquete em seu site perguntando aos fãs: “Qual das seguintes constatações descreve melhor seu interesse na ALCS?”. Com 32,5% dos votos a indicação maior foi “odeio os Yankees”. Uma porcentagem de 14,1% indicava “torcer contra (mas admirar secretamente) os Yankees”. Das 31.544 pessoas que votaram, quase 50% declararam que acompanhariam para serem contra o Yankees.

A rivalidade torna-se um elemento crucial da competição de esportes, não só pelo duelo como atração, pela jornada e construção dos heróis e dos vitoriosos, mas pelo atrativo dos vilões e dos fracassados que também despertam o interesse do público. E os limites que separam os vencedores ou perdedores, ou os heróis dos vilões são extremamente tênues e dependentes do último resultado. Afinal, tanto a vitória quanto a derrota podem ter seu efeito mais que redobrado dependendo do tipo de significados com os quais revestimos um jogo. Por isso, a mídia faz com que a perda de uma partida se torne algo intolerável, alguns deslizes em uma competição se tornem erros fatais.

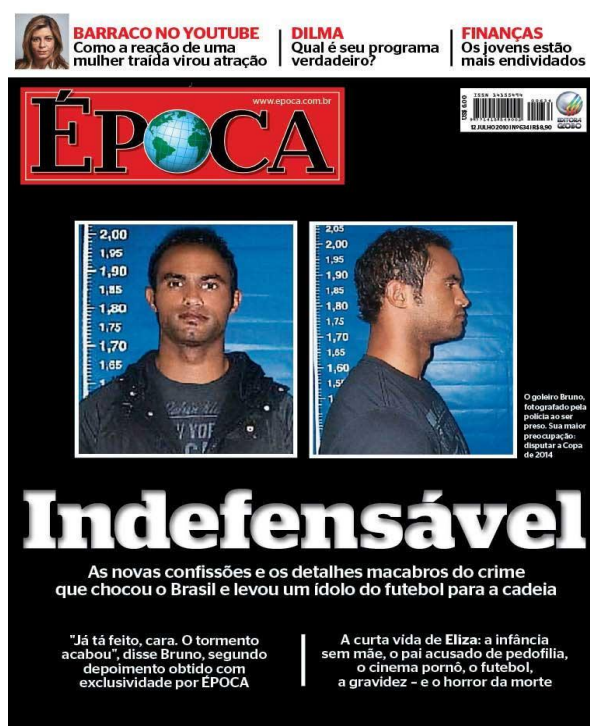
As narrativas da derrota e os perfis de vilão surgidos e divulgados pela imprensa são permeadas de um imaginário que ultrapassa o resultado. Isso faz com que a derrota se torne ainda mais dolorosa, já que provoca culpa em atletas, treinadores ou demais personagens do contexto. Para a configuração do vilão tudo que ocorre antes do resultado negativo, pouco importa. No caso do goleiro Barbosa, por exemplo, não adiantaram todas as suas defesas difíceis no Brasil contra Uruguai ou durante toda a Copa de 1950. De nada valeu seu passado e suas recentes conquistas pela seleção. O que ficou marcado foi o gol de Ghiggia que alterou uma mudança de percepção em toda a trajetória do goleiro.

Narrar uma derrota significa, antes de tudo, situá-la no tempo e no espaço, mostrando o caos instalado por ela mesma, seguindo um modelo de narrativa em que o escolhido passa a não ser reconhecido como membro legítimo de uma determinada comunidade causando rejeição. Mas a transformação em vilão não se dá apenas aos maus resultados. Muitas vezes uma trapaça, como o uso de uma substância ilícita; uma mentira, com uma repercussão mais abrangente; ou atos criminosos, fazem com que os até então heróis se tornem os mais repugnantes vilões. Exemplos para solidificar essa afirmação são muitos.

Quando foi preso em 2010, o goleiro Bruno era titular do time de maior torcida no Brasil, o Flamengo. Inclusive, foi um dos grandes responsáveis pela conquista do título de campeão brasileiro de 2009 e era cotado como um dos principais nomes para uma vaga na Seleção Brasileira de Futebol. O menino mineiro, de origem pobre, que apesar das dificuldades estava vencendo na vida através do futebol e do seu talento como jogador - enredo que podemos ver claras semelhanças com a Jornada do Herói - viu sua armadura de herói ir abaixo quando foi preso e condenado em Primeira Instância a 22 anos e 3 meses pelo assassinato e ocultação de cadáver de Eliza Samudio e também pelo sequestro e cárcere privado do filho. O corpo dela nunca foi encontrado. A imprensa e a opinião pública não aliviaram tamanha barbárie sendo transformado não só como um vilão esportivo, mas um vilão nacional.

Seu nome, inclusive, ganhou novamente as manchetes em 2017 quando foi libertado pela justiça em fevereiro e em março foi contratado pelo time mineiro Boa Esporte. Menos de um mês depois fez sua reestreia em um jogo oficial, atuando no empate em 1 a 1 com o Uberaba, na segunda divisão do Campeonato Mineiro. Até o fechamento desta dissertação Bruno voltou para a prisão depois de 62 dias em liberdade. A 1ª Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal votou a favor de parecer emitido pelo procurador-geral da República, Rodrigo Janot, pedindo a revogação da liminar que libertou o atleta.

Figura 03 - Capa da revista Época Negócios



Fonte: Reprodução Época Negócios
Legenda: Capa da revista Época de 12 de julho de 2010

O caso do atleta velocista Oscar Pistorius é ainda mais emblemático que a do Bruno, apesar de também ter terminado na prisão condenado por matar a namorada. Sua história de superação começa já no nascimento. Devido a uma malformação congênita nos tornozelos e nos pés, aos onze meses tem as duas pernas amputadas para baixo dos joelhos. No entanto, cresce, passa a ser considerado um exemplo de coragem e perseverança e deixa o mundo inteiro admirado ao correr os 400 metros nos Jogos Olímpicos de Londres de 2012. Com isso, passa a ser o primeiro atleta com dupla amputação a participar de uma prova olímpica e ganha *status* de herói da África do Sul pós-Apartheid, que desiludidos com a política desde a aposentadoria do ícone Nelson Mandela, recorreram ao esporte para encontrar um rosto que simbolizasse o país perante o resto do mundo. O que não se esperava é que seis meses depois dos jogos, mataria a tiros sua namorada. Apesar do atleta indicar que apenas atirou por achar ser um ladrão atrás da porta, o campeão paralímpico sul-africano Oscar Pistorius foi condenado a 6 anos de prisão pelo assassinato de sua namorada.

Figura 04 - Capa da revista Time



(Fonte: Reprodução/Time)

Legenda: Utilizando trocadilhos com as palavras, a Time estampou em sua capa Oscar Pistorius como homem, super-homem e homem-arma

Outros dois exemplos de atletas considerados heróis em seu país - e aos olhares do mundo - e que viram seus “mundos” se transformarem completamente apontados como anti-heróis e vilões são o do ex-ciclista Lance Armstrong e do nadador Ryan Lochte, ambos americanos. Com carreiras esportivas construídas beirando quase a perfeição, acontecimentos pontuais fizeram uma transformação completa de como a mídia e o público viam os atletas.

No caso de Armstrong, o ex-ciclista se tornou um ídolo mundial após ter se recuperado de um câncer e vencido o Tour de France (Volta da França), principal competição do ciclismo,

por sete vezes consecutivas, entre 1999 e 2005. No entanto, o americano era alvo de acusações de doping desde que se recuperou do câncer, em 1996. Armstrong negou veementemente as alegações por mais de uma década, mas o ex-ciclista americano acabou sendo banido do esporte em 2012 pela Usada (Agência Americana Antidoping), que comprovou o uso de substâncias ilícitas por Armstrong enquanto competia. A Usada apresentou um relatório de mil páginas provando o uso de substâncias ilícitas - e de um esquema de troca ilícita de amostras em exames de urina - pelo ciclista americano e o banuiu do esporte. Com o resultado da investigação, ele perdeu todos os seus títulos conquistados ao longo da carreira. Em janeiro de 2013, Armstrong admitiu pela primeira vez o uso do *doping* em uma entrevista e foi forçado a deixar a instituição de combate ao câncer que ele mesmo criou, a Fundação Lance Armstrong.

Figura 05 - Manchete do portal GloboEsporte.com

20/01/2013 12h45 - Atualizado em 20/01/2013 20h38

De herói a vilão: Lance Armstrong constrói carreira 'perfeita' e irreal

Ex-ciclista americano ganhou sete títulos da Volta da França após lutar contra o câncer. O ídolo admitiu esta semana, porém, que sempre se dopou

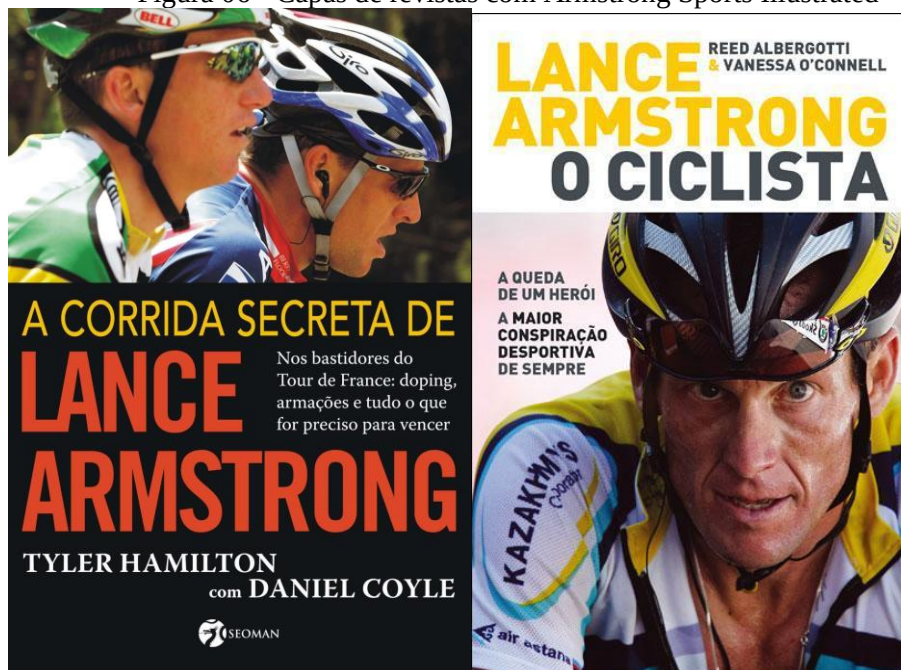
Por GLOBOESPORTE.COM
Rio de Janeiro



Fonte: Reprodução/Globo Esporte

Legenda: O título da reportagem do Globo Esporte retrata bem a saga do ex-ciclista Lance Armstrong

Figura 06 - Capas de revistas com Armstrong Sports Illustrated



Fonte: Reprodução/ Seoman

Legenda: O caso de Lance Armstrong foi amplamente divulgado pela imprensa em todo o mundo

Já o nadador Ryan Lochte, teve em uma mentira, a desconstrução de jornada da carreira. Ele alegou ter sido vítima de um assalto no Rio de Janeiro, nas Olimpíadas de 2016, uma versão negada pela polícia brasileira e por evidências em vídeo que o mostraram, junto com outros nadadores americanos, vandalizando um posto de gasolina. Com isso, o nadador americano perdeu o prestígio que possuía e foi alçado como o mentiroso e *bad boy*. Mesmo sendo um dos nadadores mais bem-sucedidos da história, dono de 12 medalhas olímpicas entre Atenas 2004 e Rio 2016, a mentira que ganhou repercussão internacional fez com que a admiração do público se se torna repúdio, além dos prejuízos financeiros com a perda de seus quatro patrocinadores oficiais: Speedo, Ralph Lauren, uma marca de cosméticos e outras de colchões. De acordo com a revista americana Forbes, o prejuízo do atleta pode ser de R\$ 5 a 10 milhões a longo prazo.

Figura 07 - Capas dos jornais Daily News e New York Post



Fonte: Reprodução/Twitter

Legenda: Nas publicações da Daily News e New York Post, jornais não aliviam ao colocar Lochte como homem problema.

5. ANÁLISES MIDIÁTICAS

Neste capítulo da dissertação são realizadas as análises de conteúdo de 180 dias no Jornal o Globo e na Folha de S. Paulo de três personagens marcantes do cenário nacional, mas que ganharam repercussões mundiais: Ayrton Senna, Vanderlei Cordeiro de Lima e a Seleção Brasileira de Futebol que disputou a Copa do Mundo de 2014. Os 180 dias são divididos na análise de 30 dias nos jornais estudados de cada um dos personagens citados acima. Dos momentos escolhidos para cada caso, a primeira análise realizada está no falecimento do ex-piloto de Fórmula 1, Ayrton Senna e quais abordagens os jornais utilizaram para destacar esse fato. Ayrton é o caso de alguém já bastante admirado, que tinha uma legião de fãs, considerados por muitos um herói, e que teve uma morte trágica ao colidir com o seu carro de corrida no muro em uma prova.

A segunda análise está nos 30 dias após o maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima, nas Olimpíadas da Grécia de 2004, quando liderava a maratona de 42km e foi impedido de correr por um extremista religioso por alguns segundos. O atleta voltou para a prova, perdeu posições

e concluiu em 3º lugar, o que gerou uma grande repercussão. Diferente do Senna, a popularidade do Vanderlei, apesar de atleta brasileiro de alto nível e bem-conceituado na sua modalidade, era de um ainda desconhecido pela grande maioria da população. E o terceiro caso, já no ano de 2014, foi sinalizado após a derrota para a Alemanha por 7x1 da Seleção Brasileira na Copa do Mundo disputada no Brasil, que culminou em muitas reportagens e análises.

Os casos possuem diferença temporal de dez anos, propositalmente, como uma forma de averiguar se há uma mudança na narrativa e linguagem utilizada. E já se pode adiantar é que não se encontrou nenhuma alteração drástica de linguagem, pelo contrário, em todos os casos, elementos presentes na jornada do herói podem ser vistos, além de uma linguagem mais emocional e apelativa em alguns blocos do material analisado.

5.1 Ayrton Senna

Ayrton Senna da Silva é considerado, até hoje, um dos maiores pilotos de todos os tempos e um herói nacional. Suas conquistas dentro da Fórmula 1, a disposição em dar o seu melhor, as mensagens à imprensa sempre recheadas de patriotismo e de frases motivacionais e a fatídica batida na curva Tamburello que tirou a sua vida, em Ímola, dia 1º de maio de 1994, a bordo da Williams a mais de 300 km/hora, fizeram com que Senna alcançasse um *status de mito* que poucos já conseguiram.

O Brasil teve três campeões mundiais de Fórmula 1, mas nenhum conquistou tamanha idolatria quanto Ayrton Senna. O piloto tinha algumas características marcantes – queria ser sempre o primeiro, correr sempre na frente, quebrar todos os recordes. Mas apenas esses fatores estão longe de serem as justificativas para que ele conseguisse esse *status*. A mídia teve papel fundamental para essa construção e os momentos de triunfo do piloto favoreceram para que isso acontecesse. A Seleção Brasileira de futebol estava há mais de 20 anos sem conquistar a Copa do Mundo. O país vivia um vácuo histórico em termos de idolatria a atletas esportivos. Senna e suas vitórias na Fórmula 1 eram, assim, os maiores momentos de glória para o esporte brasileiro e tinham sempre uma narrativa midiática heroica, seja ao vivo na televisão ou no dia seguinte nos jornais. E não era apenas isso, Senna carregava sempre com muito orgulho a bandeira brasileira para todos os cantos que ia, principalmente para o topo do pódio. Com os grandes resultados na pista, se tornou no imaginário de muitos o símbolo do Brasil que dá certo. O exemplo a ser seguido, de que com dedicação e muito esforço é possível alcançar o que deseja. Vinda de família tradicional, com uma educação bem instruída e sua facilidade de lidar

com a imprensa, sempre com frases de efeito, somaram-se fatores que lhe favoreceram ainda mais para construir esse papel de “modelo a ser seguido”. Algumas vitórias com um grau maior de dificuldade na pista, ou seja, em batalha, ampliaram ainda mais esse estigma, como na prova disputada no Brasil, que apesar de seu câmbio de marcha ter estourado, conseguiu completar em primeiro lugar; ou quando em Mônaco, que apesar dos problemas que causaram a perda de mais de dez posições, fez uma corrida de recuperação alcançando a liderança. Não é à toa que a notícia do acidente de Ayrton Senna criou uma corrente de emoção e dor em todo o país e no mundo. Afinal, Senna morreu jovem, aos 34 anos de idade, na glória e “em pleno combate”, o que dá um tom ainda mais dramático. O fato de ter morrido jovem, em plena competição e aos olhares de milhares de pessoas que assistiam a corrida na televisão, tornaram sua história de vida ainda mais gloriosa, mais mítica, mais espetacular do que já vinha sendo “construída” no decorrer de sua jornada na Fórmula 1. A morte de uma personalidade é celebrada e produz significados ainda mais amplos para a sociedade. Ela transcende a comoção familiar, a esfera privada, e torna-se de domínio público, tal qual foi a narrativa produzida pelos meios de comunicação da personalidade em vida.

Figura 08 - Capas com Ayrton Senna



Fonte: Reprodução

Legenda: Senna esteve em dezenas de capas antes e depois da sua morte

Na análise para esta dissertação com o recorte de 30 dias após a morte Senna notou-se a construção e o reforço tanto do jornal O Globo como o da Folha de São Paulo e as principais mídias do país para enaltecer os grandes feitos de Senna, mostrando todo o seu retrospecto, dificuldades, glórias até o acidente. Das 30 edições analisadas, contando do dia 2 de maio de 1994 a 1 de junho de 1994, Ayrton Senna foi tema do Jornal O Globo durante 28 dias, enquanto na Folha de São Paulo foram 27 dias com registros diferentes, intercalando entre grandes reportagens, cadernos esportivos, capa, notas, crônicas, infográficos, imagens e cartas de leitores. Foi possível verificar que o Jornal O Globo mergulhou de forma mais contundente nas histórias e no processo da narratologia para contar características e destacar personagens da vida de Senna. Essas histórias, assim como de personagens que faziam parte do circo da Fórmula-1 e de seus próprios familiares foi repetidamente noticiado ao longo dos 30 dias trazendo um tom mais emocional, sem deixar de ser informativo, com a exaltação dos feitos do Senna e a perda que sua morte deixou. O jornal também, após 15 dias, passou a intensificar pautas com Rubens Barrichello, o que deu a entender em muitos textos como uma forma de indicar um possível substituto de Senna na pista e no coração das pessoas.

Outro recurso utilizado pelo veículo é o registro de atividades caridosas realizadas pelo piloto, o que contribui ainda mais para o caráter heroico do ídolo, já que o personagem herói divide sua glória com os membros da comunidade. Manchetes como “Piloto doou US\$ 100 mil para construir hospital infantil” (O Globo, 1994, p.31) e “Índios vivem com ajuda do campeão” (O Globo, 1994, p.29) reforçam essa abordagem no caso de Ayrton Senna após a sua morte. Uma delas, no dia cinco de maio, de forma emblemática: “Senna ajudou menino a sair de coma” (O Globo, Esportes, p.38). Diz o texto da matéria:

Ayrton Senna morreu deixando vários segredos de sua vida pessoal. Um deles estava a poucos metros da fatídica curva Tamburello [...]. No hospital de Ímola vive Massimo, 20 anos, paraplégico e fã do piloto brasileiro. Pudera, foi Senna quem conseguiu tirar o garoto de um profundo estado de coma em 1990. Massimo, então com 16 anos, sofreu um acidente de moto, em Ímola, e entrou em coma [...] o jornalista italiano Ezio Zermiani pediu a Senna que gravasse uma mensagem para Massimo: ‘Olá, Massimo, sou Ayrton Senna. Tente me ouvir, você deve reagir, levantar, fazer força porque aqui todo mundo gosta de você [...] espero que você fique bom logo. Tchau, um abraço’ - dizia Senna na fita. A mãe de Massimo colocava a fita todos os dias. Até que o garoto abriu os olhos e sorriu. Senna pediu segredo à família. Mas todo ano, arranjava alguns minutos para visitar Massimo, que vive no hospital. Pretendia fazê-lo na noite de domingo, mas depois da corrida, sobrou apenas a fita com a mensagem gravada do tricampeão mundial. (GLOBO, 1994, p.38)

Figura 09 - Capas dos jornais do O Globo após falecimento de Senna



Fonte: Reprodução/Acervo O Globo

Legenda: Após a morte de Senna, O Globo noticiou sequencialmente notícias sobre o tema

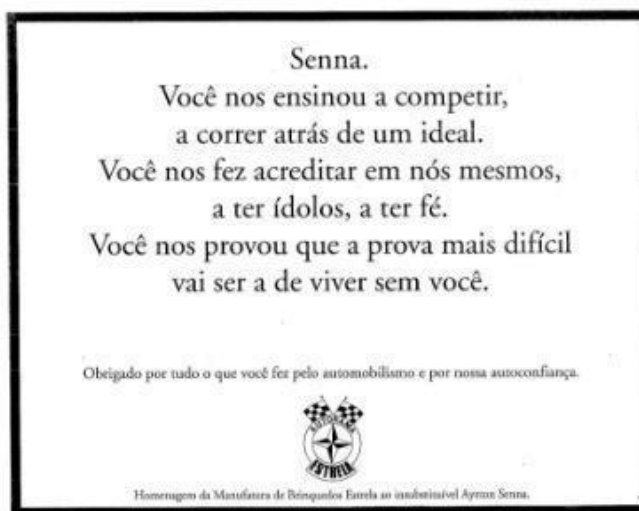
O Jornal Folha de São Paulo mostrou - ao longo da análise - uma estrutura mais formal na construção da notícia, apesar de não poupar crônicas emotivas destinadas ao ex-piloto. Ainda assim, até em suas reportagens, há uma busca de mostrar toda a “jornada do herói” para construir uma figura mais heroica de Senna. Em alguns dias, o Jornal desenvolveu o caderno intitulado “Senna” para apontar todas as nuances e desdobramentos da vida do piloto. Um dos dias mais emblemáticos da cobertura feita pela Folha foi a da edição do dia 8 de maio de 1994 do jornal, apresentando um caderno que mergulhou na vida do Ayrton Senna em busca de solidificar a sua pessoa no imaginário popular brasileiro como um herói especial.

Na edição, com o nome intitulado “Vida de Senna”, o caderno do dia 8 de maio tem como título de chamada: “Uma história feita de glórias” (Folha de São Paulo, 1994, Caderno Especial). Um material de 16 páginas que reporta a vida de Senna em vários momentos, desde o seu início com as corridas de Kart, sua ascensão na Inglaterra como piloto de outras categorias e sua chegada ao F-1, como o novato prodígio, que subiu três vezes ao pódio apesar do seu carro inferior aos demais.

A construção da jornada ainda apresentava com detalhes os títulos conquistados por Senna, destacando seus rivais na pista, principalmente Prost. A reportagem ainda busca mais do que sua emoldura de sucesso nas pistas e destaca também sobre amores, entre elas a Xuxa e Adriane Galisteu, os seus hobbies, principalmente por esportes radicais, Senna como empresário, e mais detalhes sobre o acidente e também sobre o adeus que emocionou os brasileiros. No dia 9 de maio também há um interessante ponto, na qual as características da manchete mudam, mas Senna ainda está presente. Nela, o piloto aparece como o grande inspirador para um possível celeiro de novos ídolos. Com a manchete no dia 9 de maio, “Kart forma nova geração de pilotos” (Folha de São Paulo, 1994, Folhateen), se dá ênfase à nova geração de campeões que estava se formando no kart (escola de pilotos do automobilismo brasileiro) e onde Senna deu seus primeiros passos. A sensação é que, com a reportagem, a Folha indica que em breve será possível encontrar novos heróis que supram - pelo menos em parte - a lacuna que Ayrton tinha acabado de deixar.

Uma outra constatação com a morte de Senna é o comportamento das empresas em aproveitar para homenagear Ayrton Senna - e obviamente se comunicarem com o leitor comprando espaços publicitários para indicar mensagens.

Figura 10 - Anúncio em homenagem ao Senna





Fonte: Reprodução/Jornal O Globo e Folha de S. Paulo

Legenda: Muitas empresas aproveitaram o momento para divulgar mensagens sobre o piloto.

Abaixo, confira as análises e os tópicos da notícia dia-a-dia para essa construção de jornada do herói.

5.1.1 No Jornal O Globo

a) Dia 2 de maio

O Globo, um dia após o acidente, fez um especial de 21 páginas voltado apenas ao Ayrton Senna. O jornal estampa em sua manchete principal a seguinte capa “Brasil perde Senna - batida a 200km/h mata o maior ídolo do país”. Ainda na capa, há um infográfico mostrando como foi a batida, a reação de Prost e Piquet, o decreto de luto oficial por três dias indicado pelo presidente Itamar Franco e a informação que o corpo do piloto poderia chegar ainda na própria segunda - 2 de maio - ao Brasil.

Figura 11 - O Globo 2/5/94



Fonte: Acervo O Globo

Legenda: Morte do Senna é destaque com grande repercussão

No caderno de esporte - ainda em cima do incidente - O jornal buscou fazer um apanhado em três frentes: sobre a investigação, sobre sua chegada ao Brasil e sobre alguns

pontos de vistas de *personas* importantes para Senna como para a própria Fórmula 1, como: “Polícia italiana suspeita de falha e decide investigar morte de Senna”; “Corpo do piloto chegará amanhã a São Paulo”; “Fia poderá mudar o regulamento da F1”; “Namorada confirma mau pressentimento”.

b) Dia 3 de maio

O Jornal O Globo apresentou no dia 3 de maio mais uma extensa cobertura sobre Senna. Existe toda a comoção e dor que a perda do piloto brasileiro provocou e o jornal quer deixar claro que não há apenas um *status* de herói nacional, mas de uma pessoa que é amada por todos os cantos que passava, na qual, o mundo inteiro reverenciava seus atos de bravura na pista. As entrevistas emocionadas de personagens bem próximos como a da Adriane Galisteu dão o tom mais humano em volta do brasileiro. Em uma das matérias a seguinte mensagem mostra esse panorama diferenciado de Senna:

“Ele era o projeto de nossos sonhos. E resgatava ao cidadão comum o orgulho de ser brasileiro. Um orgulho que ainda cada dia mais escasso com a crise moral que vivemos no país. Senna era um símbolo do país que deu certo. A sua imagem era ligada imediatamente à competência e ao sucesso. Uma parte deste Brasil morreu com ele” (ITIBERÊ, 1994, p.36).

Foram mais de dez páginas destinadas ao tricampeão mundial em vários aspectos e pontos de vista, seja de desdobramentos, entrevistas, declarações ou posicionamentos. Há uma entrevista exclusiva com Adriane Galisteu, namorada do ex-piloto; a homenagem preparada pela Nacional, um dos patrocinadores de Senna; a mudança do nome da Av. Alvorada, no Rio de Janeiro, para o nome do tricampeão. Há também a indicação do enterro com honras de chefe de estado; a exposição montada pela torcida no memorial da América Latina; como os admiradores de Itália, Inglaterra e Alemanha deram o adeus ao tricampeão, em “Europa chora por Senna”.

c) Dia 4 de maio

No dia 4, Ayrton Senna continua sendo a manchete principal do Jornal o Globo, desta vez, a capa é um ataque à Federação Internacional de Automobilismo: “FIA escondeu morte de Senna na pista”, A intenção, indica o jornal, é de que dirigentes montaram uma farsa para enganar a justiça italiana e evitar a paralisação do GP de San Marino. Muito normal dentro da jornada do herói encontrar vilões ou opositores que justifiquem a concentração de um lado contrário. A FIA, neste momento, foi o alvo como a “Sombra”. Outra matéria na capa traz também a possível hipótese que Senna possuía uma herdeira. Victória, filha da modelo Marcella

Prado, que há tempo teve um namoro com Senna. Apesar dela ser noticiada bastante, de fato, nunca houve confirmação que a Victória realmente fosse filha do ex-piloto. No caderno de esporte foram cinco páginas voltadas para Senna. A dor ainda é o forte argumento do jornal para falar de Senna e ela vai acompanhada da apuração dos fatos em busca de uma resposta que levou a sua morte. Nela indica que “Necropsia revela que Senna morreu na pista”, fala-se também da vinda ao Brasil de Frank Williams, dono da escuderia que o brasileiro corria, para o enterro do piloto, a movimentação da justiça italiana com a abertura de inquérito, entre outros.

Figura 12- Capa o Globo 3/5/94



Fonte: Acervo O Globo

d) Dia 5 de maio

A dor ainda é o forte argumento do jornal para falar de Senna e ela é acompanhada da apuração dos fatos que justifique o motivo que levou a morte do piloto. Esse é o tom da capa do dia 5 de maio: “Brasil vela o seu herói”. Ainda na manchete de capa, o sentimento de perda já fica explícito:

Pela primeira vez desde a tragédia de domingo, em Ímola, o Brasil chorou na presença de Ayrton Senna. Quando o avião que trazia o corpo do piloto aterrissou em São Paulo, às 6h05m, milhões de brasileiros estavam de pé, em todo o país, para assistir pela TV à chegada do tricampeão. Emocionadas, mais

de um milhão de pessoas acompanharam pelas ruas de São Paulo o carro do Corpo de Bombeiro que levava o esquife de Senna (O GLOBO, 1994, p. 01).

A percepção de dor pela perda foi reforçada também no Caderno de Esporte, que destinou sete páginas exclusivas para o piloto neste dia. Com o título, “Brasil chora por Senna”, o Globo adotou um repertório de imagens para reforçar esse sentimento, além disso utilizou vários relatos de famosos e de pessoas próximas para comentar sobre a perda que sentiam. A busca por um possível herdeiro também foi algo em voga, entretanto, uma possível gravidez da namorada, Adriane Galisteu, foi desmentida pela mãe da modelo. Há novamente todo o desenrolar mostrando a não aceitação das pessoas, a busca pelos responsáveis e o sofrimento da população pelo incidente. Mas o Globo buscou acrescentar mais um ingrediente nessa construção do herói para um mito. Suas qualidades, além de sempre citadas atingem um estado de maior clamor com a seguinte notícia: “Senna ajudou menino a sair de coma”. Diz o texto da matéria:

Ayrton Senna morreu deixando vários segredos de sua vida pessoal. Um deles estava a poucos metros da fatídica curva Tamburello [...]. No hospital de Ímola vive Massimo, 20 anos, parálítico e fã do piloto brasileiro. Pudera, foi Senna quem conseguiu tirar o garoto de um profundo estado de coma em 1990. Massimo, então com 16 anos, sofreu um acidente de moto, em Ímola, e entrou em coma [...] o jornalista italiano Ezio Zermiani pediu a Senna que gravasse uma mensagem para Massimo: ‘Olá, Massimo, sou Ayrton Senna. Tente me ouvir, você deve reagir, levantar, fazer força porque aqui todo mundo gosta de você [...] espero que você fique bom logo. Tchau, um abraço’ - dizia Senna na fita. A mãe de Massimo colocava a fita todos os dias. Até que o garoto abriu os olhos e sorriu. Senna pediu segredo à família. Mas todo ano, arranjava alguns minutos para visitar Massimo, que vive no hospital. Pretendia fazê-lo na noite de domingo, mas depois da corrida, sobrou apenas a fita com a mensagem gravada do tricampeão mundial”. (TESSLER, 1994, p.38)

Figura 13 - Globo edição do dia 5/5/94



Fonte: Acervo O Globo

Legenda: O velório é um dos fatos mais destacados pelo Globo desta edição.

e) Dia 6 de maio

A capa do Globo do dia 6 também foi reservada ao último adeus de Ayrton Senna. Há uma marcação de depoimentos na própria manchete para reforçarem a grandiosidade do piloto: “Ayrton provou que com garra e coragem pode-se dar certo num país onde tudo dá errado” (GLOBO, 1994, p.1), disse a irmã, Viviane. Já o maior rival de Senna nas pistas, Prost, indicou: “Em homenagem a Ayrton, nunca mais me sentarei num carro de Fórmula-1” (GLOBO, 1994, p.1).

Há quase uma obsessão também pela Globo em achar um herdeiro para o Senna, como se fosse fundamental para que essa história pudesse terminar com um final menos dramático. Com a impossibilidade da atual namorada, que não estava grávida, ainda na capa, o jornal indica que a modelo Marcella Praddo deve entrar na justiça para tentar provar que o ex-piloto era o pai da sua filha Victoria, de oito meses: “Modelo quer provar que Senna é pai de sua filha”.

No Caderno de Esporte foram sete páginas dedicadas a Senna e a fórmula do dia anterior é repetida: um arsenal de fotos colocadas para destacar o adeus no enterro do piloto. Acompanhada dela, frases em aspas para reforçar o peso de “herói” em todos os sentidos, até

na compaixão e companheirismo dos amigos. Uma delas é a do piloto Rubens Barrichello que na prova de San Marino, na qual Senna faleceu no domingo, também quase perdeu a vida na sexta-feira após bater de forma muito violenta no treino. “Ficou marcado no meu coração a primeira pessoa que vi quando acordei do desmaio no ambulatório em Ímola: Ayrton, que estava lá me apoiando” (O GLOBO, 1994, p.32) - Rubens Barrichello.

A edição também reservou para contar histórias. Uma delas de rivalidade, assim como as que faziam sucesso entre Prost e Senna. No entanto, a rivalidade estava entre as ex-namoradas do piloto: Xuxa (a mais antiga) e Adriane Galisteu (a mais recente). O Globo fez questão de narrar o encontro das duas, tendo como prêmio, a atenção da família de Senna. No embate, o jornal mostrou que Xuxa se deu melhor, que possuía mais prestígio com a família. Outras duas histórias que dão contextos ao momento do enterro e também ao futuro sem o piloto estão relacionados a forte emoção do coveiro Claudedir, responsável pela preparação do túmulo do piloto, e também da outra ex-namorada Marcella Prado que insiste em dizer que sua filha é fruto de um relacionamento com Senna. Toda sua trajetória é contada, como pano de fundo para indicar as consequências e o que ela herdaria caso confirmasse a paternidade.

f) Dia 7 de maio

Mais uma vez a capa do Globo reservou o assunto central a Ayrton Senna. Nesse momento com dois pontos que desenrolam histórias paralelas: sua morte, na qual “Williams já admite falha mecânica” e também em seu suposto herdeiro, “Família afirma que Senna não é pai de filha de modelo”. Dá para se notar, nesta edição, um tom da construção da Marcela como uma possível aproveitadora da ocasião, sendo ela, comparando à Jornada do Herói, com o personagem Camaleão, que geralmente possui uma personalidade dúbia onde não se há a certeza se está do lado do bem ou do mal. Além do caderno de esporte, amplamente explorado pelo assunto sobre a perda de Senna, o que chamou a atenção foi o caso do Ayrton parar na coluna Swann, escrita no dia por Ricardo Boechat.

Nele, o título “Peraí, Edilaine”, nome verdadeiro da modelo Marcella Praddo, busca fazer uma desconstrução da moça como um possível golpe para arrancar dinheiro e conseguir a herança do ex-piloto de Fórmula 1. Trazendo a declaração de um advogado ligado à família, o texto indica: “Quem acreditaria que Senna escolheu essa moça, deliberadamente, para desempenhar um papel que negou à tantas outras pretendentes? [...] É lícito supor que a modelo o fez acreditar que usavam contraceptivos” (BOECHAT, 1994, p.12). A coluna ainda reforça que Marcela possui “outra herança”. O apartamento dela teria sido comprado por Rogério Oliveira, com quem a modelo também teve um filho sem se casar. No Caderno de Esporte, uma

reportagem bem extensa indica que a família de Senna afirma que ele não é o pai de Victória. Há outras narrativas que mostram ainda a emoção de quem persiste na visitação do túmulo, além do desenrolar da história em busca de culpados. São ouvidas a Williams admitindo falha mecânica, a responsável pelos pneus, bem como a companhia responsável pelo seguro.

g) Dia 8 de maio

Dia 8 de maio, jornal de domingo, e Senna é mais uma vez a manchete central do jornal O Globo: “Falha na suspensão pode ter causada a morte de Senna”, indica o jornal, além de apresentar um pôster colorido com a carreira do tricampeão, e contar histórias inéditas dele fora das pistas. Tudo isso na construção e reforço do imaginário do atleta como herói e agora como um mito.

Figura 14 - O último herói brasileiro



Fonte: Acervo O Globo, 1994.

h) Dia 9 de maio

Pela primeira vez, após o incidente, o Jornal O Globo não trouxe Ayrton Senna na capa. Ainda assim, ele voltou a ocupar o Caderno de Opinião e o Caderno de Esporte. Novamente, no SWANN, o tema Marcella Prado voltou à tona. Nesse momento a revelação que a mãe dela, Damiana, reúne provas dos relacionamentos entre os dois desde vídeos, contas de telefone com ligações a cobrar do exterior e cartas. Segunda a coluna, caso seja provado, Marcella quer destinar parte da herança que sua filha receberá ao tratamento de crianças cancerosas, já que Ayrton contribuía com o hospital da Associação de Assistência à Criança Defeituosa.

O Caderno de Esporte o Globo focou nos tributos ao piloto, assim como as cartas aos leitores. Nele, indicava que a avenida Alvorada, que foi rebatizada como Av. Ayrton Senna receberia uma estátua do piloto. Em Angra, a Av. da Praia do Anil, uma das mais importantes entradas da cidade, também passaria a se chamar AV. Ayrton Senna. O contexto, além de idolatração, buscava mostrar o lado humano daqueles que conviveram com Ayrton. “Ele tratava todo mundo com a maior simplicidade. Gostava de frequentar o Restaurante Peixe Galo e muitas vezes pagou sorvete para as crianças - disse um empregado” (FILHO, 1994, p. E.2).

A reportagem também apresenta uma entrevista com o Rubens Barrichello, falando sobre a referência ao Senna, mas também já cogitando uma possibilidade de ele ser o substituto ao futuro ídolo brasileiro. Em uma das perguntas, por exemplo é questionado: “Você sente que, agora, as esperanças dos torcedores serão direcionadas para você?” (ALVES, 1994, p. E.3).

i) Dia 10 de maio

No dia 10, Ayrton Senna, apesar de forma mais discreta, também teve seu nome citado na capa do Jornal quando o Globo indicou que a Williams, escuderia do ex-piloto, teria apenas um carro em Montecarlo em homenagem ao Senna. Mas a cada dia que passa o Jornal O Globo busca personificar uma virtude ou característica de Senna diante seus leitores. Além da visão de bom moço, preocupado com os mais carentes, a edição do dia 10, no caderno de esporte, buscou dar ênfase em como Senna também era religioso. Na manchete: “Na última conversa com a mãe, Senna citou a Bíblia”, a reportagem mostra que Senna, preocupado com a corrida em San Marino, ligou para a família no sábado “em busca de conforto espiritual” e “leu para a família o Salmo 81, um de seus preferidos” (ALVES, 1994, p.28). A edição do jornal também destaca mais lamentações de grandes autoridades mundiais, como a o presidente da Itália, e atualiza os passos da investigação da sua morte.

Há indicação também que a vida de Ayrton Senna deverá virar produção em Hollywood pelo diretor Charles Nizet. Curiosamente, essa produção nunca aconteceu. No entanto, em 2010, seis anos após a sua morte, foi realizado o documentário Senna. A família do tricampeão mundial de Fórmula 1 revelou no final de 2016 que um novo filme sobre o piloto também é esperado para 2019 – data que marca os 25 anos do seu falecimento.

j) Dia 11 de maio

No dia 11 de maio o piloto brasileiro aparece em mais uma nota de capa, desta vez na manchete: “Xuxa lamenta ter acabado seu romance com Senna”. No Caderno de Esporte há uma entrevista com a apresentadora infantil que destaca que ele seria a pessoa certa, mas no momento errado. Em outras reportagens, o foco está na próxima corrida que está sobre tensão

e a busca dos culpados pela morte do piloto: “Circo da F1 desembarca em Mônaco sob tensão”; “Hill culpa FIA por morte em Ímola”; “Justiça quer ouvir três pilotos”; “Fábrica diz que capacete não garante a vida”.

k) Dia 12 de maio

Dia 12 e Ayrton volta a ter nota destacada na capa com o título: “FIA diz que roda do Williams pode ter matado Senna”. Na matéria, localizada no Caderno de Esporte, mais uma vez o jornal buscou identificar a causa do acidente e para isso, usou de imagens e infográficos. Barrichello ganhou também destaque com matéria indicando o seu desejo de obter o pódio em Mônaco para homenagear Senna.

l) Dia 13 de maio

Um novo acidente na Fórmula-1, agora com o piloto Karl Wendlinger, fez com que o tema voltasse a ser destaque na capa do Globo da sexta-feira. Novamente o nome de Ayrton Senna é registrado. Na reportagem do caderno de esporte a ênfase é em personagens que criticam a insegurança da F-1, a preocupação da FIA, além da atualização dos acontecimentos da investigação do falecimento do piloto brasileiro.

m) Dia 14 de maio

Capa do dia 14, apesar de não citar Senna, O Globo traz nota na capa indicando: “F-1 muda regras para evitar novas tragédias”, tema muito debatido logo após a morte do brasileiro. No caderno de Esportes, no entanto, o nome Ayrton Senna já aparece nas primeiras linhas ao ser lembrado do acidente que causou a sua morte e de outro piloto austríaco, o que gerou medidas de emergência da F-1 em suas provas. A reportagem destaca as cinco principais medidas e a criação de uma associação para representar os pilotos.

Há também na edição novas possibilidades e suspeitas sobre a morte de Senna, uma delas descrita por Mosley, presidente da FIA, ao destacar a suspensão como um dos causadores da morte. A edição ainda apresenta um resumo da revista italiana Autosprint que destacou outros quatro supostos causadores para o acidente.

n) Dia 15 de maio

No dia 15 de maio, apesar de se ter falado sobre o último incidente com o piloto Wendlinger e também das mudanças impostas dentro da Fórmula 1, além da corrida de Monte Carlo, pela primeira vez não é citado o nome de Ayrton Senna.

o) Dia 16 de maio

Dia 16, após a corrida de Mônaco, Senna voltou a figurar a capa com uma imagem dos pilotos de Fórmula 1 que prestaram homenagem a ele e ao piloto Roland Ratzenberger, mortos em Ímola. Na matéria principal do Caderno de Esporte, apesar de indicar a referência da vitória de Schumacher, a quarta seguida na temporada, o texto iniciou com tributo ao brasileiro: “A coroa de Mônaco ainda é de Ayrton Senna, o rei das ruas do principado. Mas numa prova de poucas ultrapassagens, quase nenhuma emoção e, finalmente, nenhum acidente grave, o lugar mais alto do pódio teve pela primeira vez, depois de dez anos, um piloto que não era Senna ou Alain Prost” (ITIBERÊ, 1994, p. E.2).

p) Dia 17 de maio

Na edição 17 mais uma vez Ayrton Senna não foi comentado, apesar do Caderno de Esporte citar a Fórmula 1 e um pouco mais sobre o acordo entre organização e escuderias, além das mudanças que os carros e as corridas sofreriam após tantos incidentes.

q) Dia 18 de maio

Na edição do dia 18 há uma pequena nota na capa dando um indicativo da antiga escuderia do Ayrton, na qual, a Jordan recusou a oferta feita para liberar o piloto Barrichello. No Caderno de Esporte a pauta é mais aprofundada e cita que a vaga seria, justamente, para o lugar do Ayrton.

r) Dia 19 de maio

É notório no noticiário esportivo que a proximidade com a Copa do Mundo fez com que o escopo voltado em assuntos sobre futebol passasse a ganhar mais peso. Ainda assim, há sempre espaço para pequenas notícias envolvendo Ayrton Senna. No dia 19 de maio, o piloto brasileiro voltou a ocupar espaço na qual a matéria traz a seguinte chamada: “Perícia no carro de Senna será em breve”. Ela indicou os processos de análise que seriam feitos ainda sobre o falecimento de Senna. Outro fator que chamou atenção é que Rubens Barrichello voltou a ter bastante espaço no noticiário, o que mostra indicativos constantes dele como possível candidato a sucessor do Senna. Lembrando que o Jornal O Globo faz parte das Organizações Globo, detentora dos direitos de Fórmula 1, e que tem o interesse em manter acesa a chama da espetacularização e da vontade dos telespectadores em continuar assistindo às corridas pela TV.

s) Dia 20 de maio

Mais uma vez o jornal falou mais de Barrichello até do que o próprio Senna. No Caderno de Esporte do dia 20, a coluna de Celso Itiberê nomeada “O destino de Rubinho”, indicou que o piloto no próximo ano já estaria em uma grande equipe, mas que gostaria que a torcida tivesse paciência nessa transformação do atleta em uma referência. “É preciso pensar que ele tem

apenas 21 anos e, no seu segundo ano de Fórmula 1, não pode assumir a responsabilidade de se transformar naquele ídolo que o país espera. Tão respeitado, tão competitivo e tão vencedor com Ayrton Senna. Rubinho vai chegar lá, mas é preciso dar tempo ao tempo” (ITIBERÊ, 1994, p.24).

t) Dia 21 de maio

Ayrton Senna é citado na nota do Caderno de Esporte quando a notícia aponta os possíveis nomes que a Williams irá optar para substituí-lo.

u) Dia 22 de maio

Ayrton não foi comentado, mas houve mais uma vez uma referência na coluna Pit Stop, do Celso Itiberê sobre as grandes possibilidades que Rubens Barrichello, o piloto mais novo da história na F1, poderia ter em seu futuro. Houve, mais uma vez, um tom de preparação para o novo ídolo que poderia suprir a lacuna deixada por Senna.

v) Dia 23 de maio

Não houve notícias.

w) Dia 24 de maio

Não houve notícias de Senna, apesar de ter uma referência sobre a escuderia Williams ainda procurando um piloto.

x) Dia 25 de maio

Senna foi citado uma vez na matéria quando repercutiu a busca por um substituto para o seu lugar dentro da Williams. A bola da vez era o piloto Mansell. Outra matéria que citou Ayrton foi da batida do piloto Lamy dentro da Fórmula 1 em um treinamento, no qual recebeu algumas fraturas. O jornal focou sobre um ano com muitos acidentes graves na modalidade.

y) Dia 26 de maio

Depois de 25 dias após o acidente, o caso Senna voltou com bastante destaque no jornal O Globo, com uma grande entrevista do Leonardo Senna, irmão do piloto Ayrton Senna. Dentro da entrevista se destacou o momento da família, sobre a herança, a comoção, o legado e como a família esperava fazer para que Ayrton ficasse vivo na mente das pessoas. Na indicação, o irmão falou da construção do Instituto Ayrton Senna, a manutenção da revista Senninha. Em outra matéria, um dos projetistas da Williams indicou que Ayrton tentou frear antes de bater contra o muro, segundo dados da telemetria.

z) Dia 27 de maio

Dia 27, Ayrton não apareceu nas notícias apesar da matéria com a especulação de quem ocuparia o seu lugar vago na Williams, sendo Nigel Mansell o mais cotado novamente. Houve

também toda a repercussão sobre o tema segurança na F-1, desta vez envolvendo vários personagens, como a FIA, pilotos e algumas escuderias.

aa) Dia 28 de maio

As consequências dos acidentes na F-1 tomaram, enfim, maiores reviravoltas e mostraram mudanças significativas na modalidade. A edição destacou essas mudanças, apesar de não falar diretamente de Ayrton Senna.

Figura 15 - Caderno de Esporte O Globo 28/5/94

30 • Esportes

Revolução na F-1: escuderias acabam com os poderes da FIA

CELSO MIBRE
Enviado especial

BARCELONA — Foi como nos países do Terceiro Mundo, aqueles que os americanos chamam de "Banana Republic": o presidente Max Mosley, da Federação Internacional de Automobilismo (FIA), foi deposto por uma revolução-relâmpago, que assumiu o poder e teve a liderança política do detido em sua cadeira. Será ele que dará validade às mudanças, no papel de chefe do general Bernie Ecclestone e de seu auxiliar-direito, o coronel Flavio Briatore. A chamada "revolução dos ingleses" teve como suporte tropas comandadas por Frank Williams (Williams), Ron Dennis (McLaren), Peter Collins (Lotus) e Jackie Oliver (Arrows).

Os ingleses resolveram destituir Mosley por causa de suas ligações com as tropas italianas da Ferrari, já grandemente beneficiadas pelas mudanças feitas nas leis estabelecidas para 1994. O que começou com uma carta de Flavio Briatore à FIA, na quarta-feira, terminou na tarde de ontem com uma certeza: tudo que fora decidido por Mosley em

Montecarlo, para melhorar a segurança, fica cancelado. Uma comissão, formada por sete engenheiros-projetistas — Patrick Head (Williams), Neil Oatley (McLaren), Ross Brown (Benetton), Harvey Postlethwaite (Tyrell), Aldo Costa (Minardi), John Barnard (Ferrari) e Charles Whiting (FIA) —, dois técnicos (a serem indicados) e três pilotos — Gerhard Berger, Michael Schumacher e Christian Fittipaldi —, vai rever as decisões e estipular não apenas o que deve ser feito, mas também estabelecer os prazos em que as mudanças serão processadas.

Ficou decidido também que o comitê poderá tomar decisões quanto à segurança desde que aprovadas por 80% dos integrantes (nove votos). Para todos os outros casos continua valendo o Pacto da Concordia: votação unânime dos construtores.

Se essa comissão — e os engenheiros se reunirão pela primeira vez segunda-feira, na Espanha — decidir que nada pode ser feito até o GP do Canadá, por falta de tempo, há grande possibilidade de os carros correrem em Montecarlo sem qualquer mudança aerodinâmica em relação ao GP de Mônaco, já que a configuração usada para Barcelona será cancelada, porque pilotos e engenheiros a consideram pouco segura.



Lauda e Schumacher, líderes do movimento por maior segurança para os pilotos, conversam no circuito do Montecarlo.

Christian reclama da omissão de alguns pilotos

BARCELONA — Apesar de ser um dos pilotos indicados para discutir as mudanças na F-1, acha que do jeito que as coisas andam a Associação dos Pilotos de F-1 não terá vida longa.

— Ninguém quer nada. Na reunião, seríssima, que fizemos, havia gente reclamando, dizendo que queria ir embora porque estava com fome. Outros falavam que iam dormir pouco. Será que não dá para ficar um dia sem jantar? É só que alguém morresse por dormir mais tarde?

Segundo o brasileiro, que apesar da pouca idade está demonstrando grande maturidade e capacidade de liderança, as reuniões realizadas pelos pilotos até agora revelaram a existência de três grupos bem distintos:

— Há os que pensam nos problemas, que participam, dão opiniões e querem ver as coisas melhorarem. Há os que brincam e só dizem bobagem o tempo todo. E há os que não abrem a boca uma vez sequer.

Destá forma, Christian acha que o melhor será suspender as

reuniões gerais dos pilotos e fazer com que apenas alguns deles — os três já indicados (Gerhard Berger, Michael Schumacher e o próprio Christian) ou outros a serem nomeados — passem a tomar decisões, com a ausência antecipada de todos os demais.

As reuniões conjuntas se fariam com prazo mais dilatado.

— Acho que é a única maneira de conseguirmos alguma coisa concreta. Se guermos resultados temos de dar responsabilidade a poucos, que terão preocupação dos outros para agir.

Sábado, 28 de maio de 1994

Rubinho se irrita com manobra de Montermini

BARCELONA — Rubens Barrichello não ficou satisfeito com o nono lugar no treino de ontem, porque seu Jordan estava andando muito bem e, se não fosse a descuidada saída das boxes de Andrea Montermini, que o atrapalhou, ele poderia estar comemorando o sexto lugar.

— O cara saiu do boxe como se estivesse na avenida da praia, devagarinho, só faltou o braço para fora da janela. Não me conforme com essas coisas. Desde a minha primeira corrida sempre tive a preocupação de não atrapalhar quem estava fazendo a volta rápida. E vem esse Montermini e joga água no meu chope.

O brasileiro, que marcou 1m26s00, disse que se não fosse o italiano da Simtek teria feito a volta em 1m15s. Dos pilotos que estão à sua frente, quatro treinaram na parte da manhã — Jean Alesi, Prentiss, Pierluigi Martini e Mark Blundell — e isso o deixou satisfeito com as possibilidades do Jordan.

— Foi o melhor tempo na segunda volta, o que prova que estava bem. No segundo treino a maior parte vai melhorar. Não sei o Schumacher, que já andou muito forte. O Jordan não está no limite.

A Rede Globo transmite o treino decisivo para a formação do grid de largada, hoje, a partir de 8 horas. O GP da Espanha será transmitido amanhã, a partir de 9 horas.

Fonte: Acervo O Globo

ab) Dia 29 de maio

“Emerson e Boesel lutam pela vitória nas 500 milhas para dedicá-la a Ayrton Senna”.

Essa foi uma das manchetes de destaque no Caderno de Esporte do Jornal O Globo. Apesar dos dois pilotos atuarem em outra categoria, por ser uma das provas mais importantes na F-Indy, há essa indicação dos pilotos brasileiros na busca dessa conquista e homenagem ao Senna. Ayrton ainda é citado em outra matéria que faz um panorama sobre o atual momento da F-1 e que a William ainda busca um substituto do piloto para o restante da temporada.

ac) Dia 30 de maio

A vitória da Williams por Hill na corrida em Barcelona foi recheada de dedicação ao piloto brasileiro Ayrton Senna. E o tom da vitória do ex-companheiro de Senna, pelo jornal O Globo foi de destacar essas novas homenagens que surgiram

ad) Dia 31 de maio

Não houve notícias.

ae) Dia 1 de junho

Um mês após o incidente, o Globo indicou que a curva Tamburello, na qual Senna bateu, irá desaparecer. O GP de San Marino com medo de perder espaço na Fórmula 1 irá alterar vários pontos considerados críticos. Senna foi indicado mais uma vez na matéria.

5.1.2 No Jornal Folha de São Paulo

a) Dia 2 de maio

A Folha de São Paulo fez uma ampla cobertura sobre os acontecimentos que envolveram a morte do piloto Ayrton Senna. Além da manchete de capa, um dia após o trágico acidente que tirou a vida de Senna, houve uma preocupação jornalística do grupo em desenvolver um caderno especial chamado “Senna” com infográficos, depoimentos, entrevistas, diferentes pontos de vistas sobre todo o acontecimento.

Na manchete inicial, o título direto já enfatizava o cenário: “Acidente Mata Ayrton Senna”. No texto de manchete se destacou o discurso como “o maior esportista brasileiro desde Pelé” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1994, p.1), as suas principais conquistas, a declaração do presidente da república sobre o incidente e o luto oficial. A edição contou com infográficos sobre a curva de Tamburello, a mesma que já bateram o brasileiro Nelson Piquet, em 1987 e Gerhard Berger em 1989.

O caderno “Senna”, com o total de 12 páginas, destacou os detalhes do acidente, a demora no atendimento, o que poderia ter sido feito no incidente, a falha na suspensão, a repercussão da família e da namorada e o comportamento dos fãs.

Sob a ótica da família, do amor, dos fãs, do treinador e de outras personalidades da corrida ou do país, os títulos destacavam: “Família evita falar sobre a morte”; “Senna não queria correr, diz modelo”; “Torcedores cercam o edifício dos pais”; “Nuno Cobra culpa a pista”; “Barrichello lamenta perda do ídolo, presidente decreta luto”; “Para Piquet, o circuito deveria ser modificado”; “Wilsinho acredita que quebra causou acidente”; “Prost culpa dirigentes por ‘pesadelo’”; “‘É fatal’, previu pentacampeão Fangio”; “Emerson Fittipaldi diz estar

‘devastado’”; e também as institucionais e de pautas antigas: “FIA ignora os defeitos de Ímola”; “Depoimento: Senna fala sobre seus problemas”; “Os acidentes do GP de San Marino”; “Piquet e Berger já bateram na curva”; “Senna venceu três vezes no circuito de Ímola”, “Williams silencia sobre acidente”, além também sobre o campeonato e a prova: “Schumacher obtém vitória fácil”, “Alemão se isola na liderança”, sobre astrologia: “A bruxa estava solta no GP” e até sobre mitologia:

Ayrton Senna foi um herói para seus admiradores. Desde ontem, ampliou o espaço ocupado por sua imagem na mitologia do cotidiano moderno para se tornar bem mais que isso. É agora mártir. Nesse imenso salto qualitativo está a aparição da morte como um drama que é individual, mas ao mesmo tempo só compreendido na medida em que é o produto de um processo cultural e histórico. As bibliotecas do Ocidente registram com enfoques inesgotáveis a dificuldade de se lidar com a morte. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014, p.10).

Figura 16 - Folha 2/5/94



(Fonte: Acervo Folha de S. Paulo)

b) Dia 3 de maio

Dia 3 de maio, novamente a morte de Senna é capa da Folha de São Paulo, “Corpo de Senna chega amanhã”. No Caderno de Opiniões vários colunistas referenciam a situação como Antônio Carlos de Faria, “As mortes de Senna”, Janio de Freitas, “O defeito que matou Senna”; e Rubens Ricupero, “Ayrton Senna do Brasil”, além do painel do leitor. O tom busca dar um sentimento épico à Senna, como pode ser lido abaixo na crônica do Ricupero, na época Ministro da Fazenda.

Pouco depois de acordarmos no domingo, fomos arrancados de um dos nossos melhores sonhos: sonho de vitória, de alegria, de afirmação do povo brasileiro. Ninguém esperava por mais essa curva do destino. A vida é assim. Ayrton Senna foi herói em uma nação de poucos heróis. Encarnou as qualidades menos visíveis de um povo cuja imagem tem sido associada principalmente ao prazer, à musicalidade, ao sensual. Aprendemos a admirar nele um homem que queria sempre mais, que buscava a perfeição com tenacidade, que fazia da disciplina um valor maior, que não media esforços para superar-se quebrar recordes, vencer. [...] Por isso mesmo, perdemos domingo o herói do brasileiro comum, do trabalhador que não desiste diante da adversidade, do pai ou arrimo de família que caminha horas até o emprego quando não tem dinheiro para pegar ônibus, do agricultor, e do operário que não se cansa, mesmo quando tem fome. Não terá sido por acaso que Deus o levou no dia 1º de maio. Senna foi o símbolo de uma ética do trabalho que alguns teimam em considerar estrangeira, branca, europeia, mas que verdade é a ética que move a imensa maioria dos brasileiros anônimos. Como eles, como todos nós, Ayrton tinha orgulho de ser brasileiro, tinha emoção em ser brasileiro. [...] Ayrton Senna deixa uma herança de cidadania, de patriotismo na acepção mais alta da palavra. Mais do que ninguém, ele entendeu o que é ser parte de uma sociedade, de uma nação. (RICUPERO, 1994, p. 3)

No Caderno de Esporte, mais uma vez aparece a indicação pós-morte contendo assuntos nas páginas 3 a 8, ao abordar sobre a chegada do corpo, e a forma com que a prefeitura de São Paulo iria prestar as suas homenagens: “Avenida pode ganhar nome de piloto” e outro artigo: “Ayrton Senna era um exemplo para nós”, do Diretor Executivo da Folha. Houve também a repercussão internacional na Inglaterra, Suíça, Espanha, França, Estados Unidos e de como sua namorada e família estavam lidando com a situação.

Figura 17 - Folha 3/5/94

4
quarto caderno
FOLHA DE SÃO PAULO

esporte

Terça-Feira, 3 de maio de 1994

Corpo de Senna chega amanhã

Família do piloto queria traslado ontem, mas leis italianas exigem realização de autópsia

PERSONAGEM
Lennox Lewis luta sexta-feira nos EUA

FUTEBOL
Fifa autoriza nova partida na Alemanha

TÊNIS
Quatro favoritos caem em Hamburgo

Funcionários do IML de Bolonha tiram o caixão com o corpo do piloto Ayrton Senna, tricampeão mundial de Fórmula 1

O CAMINHO DO CORPO

A CHEGADA
aeroporto de Curitiba
redução dos Tribunações
marginal Tied
ponte das Bandeiras
em Trindade
em Povoado Pêlo
Aeroporto

O TRAJETO PELA CIDADE

INGLATERRA
O avião da Varig decolou de Zurique, depois sua rota até Milão, onde o corpo será embarcado. Um carro levará o corpo de Bolonha até Milão. O avião faz escala regular em Paris e segue para São Paulo.

CONCLUSÃO
O avião da Varig decolou de Zurique, depois sua rota até Milão, onde o corpo será embarcado. Um carro levará o corpo de Bolonha até Milão. O avião faz escala regular em Paris e segue para São Paulo.

FLAVIO GOMES
Enviado especial e Bolonha

O corpo de Ayrton Senna deixa milênio a Itália e deve chegar a São Paulo amanhã de manhã, às 10h30 da manhã, em um voo de curta distância da Varig que sai de Paris hoje à noite.

Um jatinho levará o corpo de Bolonha (Itália), onde se encontra, à capital francesa. Senna será sepultado em São Paulo, na quinta-feira.

As exigências da legislação italiana impediram que o traslado acontecesse ontem, como queria a família do piloto.

As leis locais obrigam que seja feita uma autópsia (exame do cadáver para determinar a causa da morte) antes da liberação.

Senna morreu enquanto lutava (HbA) local, depois de sofrer um grave acidente na última volta do GP de San Marino, em Imola, terceira etapa do Campeonato Mundial de Fórmula 1.

A autópsia será feita hoje cedo pelo médico legista Mirco Rinaldi, no Instituto Médico Legal de Bolonha, cidade a 35 km de Imola, para onde Senna foi levado após a batida com o Williams, na curva Tamborello, a cerca de 200 km/h.

Ocorreu pela manhã, o inglês Julian Joly, "manager" pessoal de Senna (colabora com detalhes constantes de sua carreira), recebeu o corpo para que pudessem ser iniciados os procedimentos legais de liberação do corpo.

O comandante brasileiro em Milão, Orlando Soares Carneiro, e o oficial José Bonifácio Gonçalves se encarregaram de conduzir os trâmites legais.

A Itália insistiu em tentar liberar o corpo para embarque ontem à noite.

A Varig decolou em um voo que saía de Zurique para Bolonha no Milão. De lá o avião seguirá para Paris e, depois, São Paulo.

A cada chegada a informação de que não seria possível antecipar o

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo

Teve ainda diversos outros pontos de vista: “Justiça interdita o autódromo de Ímola”; “FIA acelera mudanças no regulamento - Dirigentes estudam reduzir a pressão aerodinâmica sobre os carros para reduzir a velocidade na categoria”. E um viés de negócios: “Indústria quer manter marca em brinquedos”; “Patrocinador não vai substituir Senna”; “Williams põe em Senna culpa do acidente, Nota oficial omite causas”; e uma dentro desta análise que chamou bastante atenção: “‘Morreu uma parte de minha vida’, diz Prost.” Prost, para quem se lembra, foi o grande adversário de Senna nas corridas. Se pegarmos a concepção da Jornada do Herói, ele seria a Sombra, o maior rival. Aquela rivalidade fez com os dois pilotos, inclusive, ganhassem popularidade. “‘A morte de Ayrton Senna representa a morte de parte da minha vida’. Foi assim que o ex-piloto francês Alain Prost definiu o significado do desastre ocorrido com o seu maior rival à televisão francesa TFI. ‘Eu precisava de Ayrton assim como ele precisava de mim’” (LAHOZ, 1994, p.6).

c) Dia 4 de maio

No jornal do dia 4 de maio, mais uma vez, Senna foi capa da Folha de São Paulo, agora na chamada a ênfase para detalhes de como ocorreu a sua morte: “Senna morreu na pista, diz laudo”. Mais uma vez, o caderno de opiniões rendeu matérias sobre o piloto: “Senna e o Brasil”, de Clóvis Rossi, e “Saudades de Ayrton”, de Mauro Salles.

No Caderno de Esporte, mais matérias sobre a repercussão da sua morte buscando investigar novos detalhes, como o depoimento do legista: “Base do crânio explodiu, descreve legista”; do enfermeiro: “Quando vi o rosto de Senna, fiquei gelado”; do presidente da FIA: “Mosley afirma que soube da morte após o GP”; do frade: “É duro dizer, mas sua face não era humana”; e do médico que socorreu Senna: “O sangue corria de seu nariz e de sua boca”.

Outras matérias destacadas foram: “Morte de Senna foi instantânea, segundo conclusão da autópsia”; “Dirigentes omitiram, morte de Ratzenberger”; “Dirigentes são investigados”; “Laudo contradiz hospital”; “Avião traz hoje corpo de Senna ao Brasil”; “Corpo de Senna é velado na Assembleia”; “Brasileiros não vão ver corpo de Senna”; além de breves homenagens: “Piloto vira enredo de samba”.

d) Dia 5 de maio

No dia 5 de maio, mais uma vez, a Folha de São Paulo optou por fazer um caderno especial chamado “Senna” para a cobertura das notícias relacionadas ao funeral do piloto: “Despedida de Senna para SP - Datafolha estima que mais de 300 mil pessoas acompanharam cortejo de 31km e visitaram velório”. O especial fez, ainda, comparativos: “Morte de ídolos sempre atraiu multidões: os cortejos de Ruy Barbosa, Francisco Alves, Getúlio Vargas ou Elis Regina reuniram milhares de admiradores” (NATALI, 1994, p. 2).

Nesse dia é apresentado também uma cronologia de todo o enterro e muitos depoimentos sobre os fãs: “Paulistano para 101km no cortejo”; “Fãs madrugam para receber corpo”; “Bombeiro acordou às 2h30”; “Filas para o velório atingem 7 km”, “Adolescente espera 19 horas” e mostra como as empresas buscaram dar o último adeus ao Senna: “Comerciais homenageiam Senna”.

Figura 18 - Folha 5/5/94



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo

e) Dia 6 de maio

Na sexta-feira, 6 de maio, foi feito um caderno exclusivo na Folha de S. Paulo para Ayrton Senna com oito páginas. Ele retorna a ser capa do jornal com destaque do enterro: “Ayrton Senna é enterrado em SP; 250 mil pessoas seguem o cortejo”. As reportagens transitam dando continuidade a vários momentos e personagens já entrevistados, ressaltando a comoção das pessoas: “Comoção e tristeza dominam as imagens”; “Piloto tem honras de chefe de Estado”; “Velório recebe 110 mil pessoas”; “Prost anuncia que desistiu de correr”; “Ecclestone pede desculpa com a família”; “Fã de Senna se mata em Curitiba”.

Figura 19 - Folha 6/5/94



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo

f) Dia 7 de maio

No dia 7 de maio, novamente a Folha colocou os desdobramentos do caso de Senna em suas manchetes. Além de uma foto onde crianças fizeram as últimas despedidas, há o destaque “Justiça apreende as fitas da Williams”. No Caderno de Esporte, as páginas 6, 7 e 8 são quase exclusivas a assuntos voltados ao piloto brasileiro: “Mãe da namorada nega atrito com a família”; “Encontro discute homenagem a Senna”; “Justiça decide confiscar dados da Williams”; “Senna reclama de Tamburello em março”; “Fãs fazem homenagem silenciosa no cemitério”.

Figura 20 - Folha 7/5/94



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo

g) Dia 8 de maio

No dia 8 de maio, na edição de domingo, a Folha apostou novamente em um caderno especial recheado de fotos, infográfico e informações, porém, dessa vez, mostrando detalhes da sua carreira. De fato, é o primeiro momento do veículo que a construção da narrativa para falar sobre a jornada do herói é mais importante do que os desdobramentos dos fatos. E o jornal buscou, nesse especial, fazer um levantamento completo sobre todas as etapas, dificuldades e conquistas até a sua morte.

Com o nome intitulado “Vida de Senna”, o caderno teve como título de chamada: “Uma história feita de glórias”. Um especial de 16 páginas mergulhou pela vida de Senna em vários momentos, desde o seu início com corridas, ainda no Kart, e sua ascensão. Há também matérias indicando os rivais que acumulou nas provas; as mulheres que conquistou, entre elas, a Xuxa e Adriane Galisteu, os seus hobbies, principalmente por esportes radicais, e outros detalhes da sua vida além da pista.

Figura 21 - Folha 8/5/94



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo

h) Dia 9 de maio

Mudou-se a característica da pauta, mas Senna ainda estava presente na capa da Folha de São Paulo no dia 9 de maio de 1994, oito dias após o acidente. Com a manchete, “Kart forma nova geração de pilotos”, desta vez destinado a outra editoria que não é a de Opinião, Esporte ou de Especiais. Senna era o destaque na Folhateen.

Nesta grande reportagem, o foco era a nova geração de campeões que estavam se formando no Kart, considerada uma das escolas de pilotos do automobilismo brasileiro e onde Senna deu seus primeiros passos. A sensação é de que a Folha quer indicar que - daqui a pouco - seria possível encontrar um novo herói para suprir - pelo menos em parte - a lacuna deixada pelo Ayrton Senna. Entre os títulos estão: “Instrutor diz que Senna vai ser sempre exemplo para kartistas”; “Bicampeão paulista está triste, mas não pensa em abandonar seu sonho”; “Pilotos brasileiros investem na carreira e pretendem chegar à F-1”.

Além da Folhateen, o caso Senna e o desenrolar da história também estão presentes no Caderno de Esporte da Folha de S. Paulo: “Senna fez pedido de mudança em Ímola”, destacando alguns alertas de segurança que o próprio piloto já tinha solicitado junto à prova, como também

o andamento das investigações sobre a sua morte. A edição também destacou a missa de sétimo dia que ocorreu em homenagem ao Ayrton.

Figura 22 - Folha 9/5/94 interna



(Fonte: Acervo Folha de S. Paulo)

i) Dia 10 de maio

Houve uma ebulição de fatos novos ao mesmo tempo da morte do Ayrton Senna, como a expectativa da chegada do Plano Real, programado para ser iniciada no dia 1 de julho de 2014; a eleição de Nelson Mandela como presidente da África do Sul e o sequestro do pai do Romário nas vésperas da Copa do Mundo de 1994. Ainda assim, Senna continuou tendo seu espaço garantido nas páginas da Folha mesmo tendo o incidente ocorrido há nove dias atrás. No dia 10 de maio, novas hipóteses surgiram sobre sua morte através da reportagem: “Suspensão pode ter atingido face de Senna”. A reportagem especulou uma outra explicação sobre o incidente baseada na revista italiana Autosprint. Em outras pequenas matérias, alguns pontos de vista ainda indicavam a revolta de pessoas ligadas à Senna: “Berger ameaça abandonar a F1”; do pedido: “Senna ia segurar bandeira austríaca”; e do rival: “Prost pode parar de comentar F-1”; além da indicação da escuderia Williams que, em sinal de respeito, iria correr o GP de Mônaco apenas com um piloto.

j) Dia 11 de maio

No dia 11 de maio, depois do incidente fatal com Ayrton Senna, pela primeira vez a Folha de S. Paulo não colocou indicativos na capa sobre o piloto. Ainda assim, no Caderno de Esporte houve uma página completa destacando algumas consequências do incidente como a dúvida do amigo e também piloto Berger, um dos poucos a entrar no quarto de Senna no hospital, de continuar sua carreira como piloto: “Berger diz hoje se abandona categoria”; de uma possível greve de pilotos: “Ex-piloto propôs uma greve em Mônaco”; sobre a escolha do então prefeito de São Paulo em assinar dois decretos que fariam com que o kartódromo de Interlagos e o complexo viário, formado pelos dois túneis que passam pelo Parque do Ibirapuera, levassem o nome do piloto; além da atualização do inquérito, desta vez, com o Michael Schumacher sendo convocado para depor.

k) Dia 12 de maio

No dia 12, o assunto Ayrton voltou à capa em uma pequena nota: “Suspensão teria matado Senna, diz dirigente”. No Caderno de Esporte, se manteve a briga e as acusações em busca de um culpado na morte do piloto brasileiro, ou seja, de desvendar o verdadeiro “vilão” dessa história. Com isso, a Federação Internacional de Automobilismo e a família de Senna criaram um verdadeiro embate midiático. A Folha especulou três os possíveis responsáveis pela morte de Senna: falha mecânica do carro, falta de segurança na pista e erro de pilotagem. A falha no carro, sendo a mais provável para o ex-piloto francês Alain Prost. A segunda se refere ao piso da curva de Tamburello, do qual Senna teria se queixado durante testes em março, e a terceira, sendo o erro do próprio Senna que em um descuido teria provocado a batida.

l) Dia 13 de maio

No dia 13 de maio um novo acidente grave nos treinos preparatórios para a corrida seguinte da Fórmula 1 fizeram com que a capa da Folha focasse na modalidade esportiva e o nome de Senna novamente fosse citado. Dessa vez o piloto austríaco Karl Wendlinger bateu em Mônaco e ficou em coma profundo. O Caderno de Esporte dedicou-se ao acidente e o fato de ser o quarto com gravidade em menos de 12 dias. Uma grande reportagem sobre segurança na modalidade também foi proferida: “Pilotos discutem hoje segurança na F-1”; além do caderno de opinião: “Fórmula 1: onde começaram os erros” e uma matéria com foco no brasileiro: “Sombra de Senna paira sobre a F-1”. Além dessas reportagens, a Folha entrevistou outras personalidades da Fórmula 1, como o ex-piloto Niki Lauda, para falar sobre o campeão brasileiro.

m) Dia 14 de maio

No dia 14, a Folha trouxe novos desdobramentos da Fórmula 1, devido aos incidentes que ocorreram nos últimos dias, incluindo a morte de Ayrton: “F-1 cria regras para diminuir a velocidade”. Dentro da reportagem, a F-1 quer combater a crise no esporte e colocou 11 novas regras de ajuste. Outra matéria destacava a união dos corredores para reivindicar mudanças na categoria: “Pilotos da F-1 recriam a sua associação”.

A edição do dia apresentou também a explicação para o acidente do Senna ter acontecido baseado na versão fornecida pelo Max Mosley, presidente da FIA (Federação Internacional de Automobilismo), que indicou se basear na autópsia do piloto: “Quebra da suspensão matou Senna, diz autópsia”.

n) Dia 15 de maio

No caderno de domingo, dia da corrida em Mônaco, a Folha de S. Paulo destacou na capa a pole de Schumacher e no texto de apoio cita mais uma vez Senna: “Às duas primeiras posições no grid não serão ocupadas, em homenagem a Ayrton Senna e Roland Ratzenberger, mortos em Ímola (Itália)” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1994, p. 1).

Há também no Caderno de Esporte, uma obsessão pelo indicativo de segurança que parte da Fórmula 1 vivenciou e uma espécie de explicações sobre algumas situações vividas na prova no Grande Prêmio de San Marino, disputado no circuito de Ímola. Entre elas, o motivo do piloto alemão Michael Schumacher ter comemorado o primeiro lugar, mesmo tendo Ayrton Senna morrido, e o fato de não ter ido ao Brasil no velório e enterro do piloto brasileiro. Houve também um especial recheado de fotos e infográficos destacando o sucesso do piloto brasileiro na corrida mais tradicional da Fórmula 1, tendo em dez anos, vencido seis vezes e feito cinco poles: “Mônaco sente hoje a ausência de Senna”.

Figura 23 - Folha 15/5/94



(Fonte: Acervo Folha de S. Paulo)

o) Dia 16 de maio

Senna mais uma vez foi citado na capa da edição do dia 16 de maio da Folha: “Schumacher vence GP e Senna ganha homenagem”. Uma grande imagem na edição trouxe a bandeira brasileira no asfalto da *pole position* vazia, durante a homenagem dos pilotos a Senna. A Folha realizou uma cobertura ampla do GP com destaque para duas reportagens: “Schumacher vence quarto GP do ano e supera medo” (o medo como referência aos acidentes das últimas corridas) e também: “Mônaco se transforma na ‘corrida de Ayrton’”, abordando a iniciativa dos fãs, da organização e dos pilotos na homenagem à sua morte.

p) Dia 17 de maio

No dia 17 de maio, no Caderno de Esportes, Senna voltou a ser citado, agora, na reportagem: “F-1 antecipa e amplia medidas de segurança”. A informação reforçou que sua morte foi um dos fatores para o pedido de diminuição de potência dos motores. Senna também foi citado em outras duas matérias, uma sobre o GP de Mônaco ter tido uma menor audiência na TV comparado ao ano anterior e também sobre os bastidores de quem substituiria dentro da escuderia Williams.

q) Dia 18 de maio

No dia 18 de maio, mais uma vez, Senna foi citado no Caderno de Esporte em uma entrevista do Barrichello ao jornal sobre a especulação dele substituir o piloto brasileiro morto

na escuderia da Williams. Na entrevista, no entanto, Barrichello afirma que apesar de querer, para aquele ano não seria possível.

r) Dia 19 de maio

No dia 19, ainda em atualização de uma possível transferência de Barrichello para Williams, também o nome de Senna foi citado em matéria do Caderno de Esporte.

s) Dia 20 de maio

Ayrton Senna voltou a ser destaque nas manchetes do Jornal Folha de S. Paulo no dia 20 de maio, dessa vez, sobre o andamento do inquérito que investigou as causas da morte do piloto brasileiro e também do austríaco Roland Ratzenberger. Na reportagem, foi dada ênfase ao fato de que 17 pessoas ainda seriam ouvidas dentro do inquérito. Em outra reportagem, Senna também foi citado pela especulação envolvendo o seu substituto na Williams. O nome do brasileiro Barrichello ainda era um dos cotados para essa posição.

t) Dia 21 de maio

Dia 21 de maio, a matéria “Espanha homenageia Senna” mostrou que um dos times de futebol da Espanha inaugurou um monumento em homenagem ao piloto brasileiro com a inscrição: “Correr e competir está em meu sangue e faz parte de mim e da minha vida”.

u) Dia 22 de maio

Depois de 20 dias, o nome de Ayrton Senna não foi citado na Folha de S. Paulo.

v) Dia 23 de maio

Não houve notícia.

w) Dia 24 de maio

No dia 24, Senna voltou a aparecer no jornal em uma pequena nota: “Estrela terá o nome de piloto brasileiro: a iniciativa de batizar uma estrela com o nome Ayrton Senna é da revista italiana “Auto and Sport”, que fez o pedido ao Registro Internacional de Estrelas, em Londres”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1994, p. E.1). Há também uma atualização sobre o nome do substituto para ocupar o posto vago com a morte de Ayrton Senna, sendo, o nome do inglês Nigel Mansell o especulado.

x) Dia 25 de maio

No dia 25 de maio, quarta-feira, um novo acidente na Fórmula 1, envolvendo dessa vez o piloto português Pedro Lamy da Lotus, fez com que Ayrton Senna e uma série de acidentes provocados desde o dia 31 de abril fossem lembrados.

y) Dia 26 de maio

“Senna tentou frear antes do acidente fatal” foi uma das chamadas na capa da Folha no dia 26 de maio de 1994. No Caderno de Esporte havia a matéria completa mostrando a Williams pela primeira vez assumindo que Senna tentou frear antes de colidir com o muro.

z) Dia 27 de maio

No dia 27, o piloto brasileiro voltou a ocupar as páginas do caderno de esporte: “Senna pode dar nome a estrela” foi um reforço da revista italiana Auto Sport convidando seus leitores a participarem da campanha. A Folha também entrevistou o novo piloto da Williams, David Coulthard, que já era piloto de teste da escuderia. Na entrevista, a pauta falou muito sobre o ex-piloto brasileiro.

aa) Dia 28 de maio

Senna estava no Caderno de Esporte na notícia: “Barcelona homenageia Senna”, destacando a inauguração na cidade italiana da estátua de mármore com o tricampeão mundial, além também de uma breve citação ao descrever o desempenho do piloto Coulthard - que substituiu Senna - abaixo do esperado.

ab) Dia 29 de maio

No domingo, dia 29 de maio, das matérias sobre Fórmula 1, Ayrton Senna foi citado em quatro delas. A principal com o seu nome foi: “Torcida aponta Barrichello como sucessor de Senna”, trazendo uma pesquisa da Datafolha com o nome dos pilotos que poderiam surgir como sucessor de preferência ao Ayrton.

ac) Dia 30 de maio

Dia 30 de maio, segunda-feira, independente da cobertura do dia anterior da corrida, houve novamente muitas matérias atreladas a Senna. Em uma delas “Damon Hill dedica vitória à brasileiros”, quando o ex-parceiro de escuderia ganhou o prêmio e dedicou a todos os fãs de Ayrton Senna. Outra reportagem trazia mais homenagens a Senna: “Cidade dá nome de Senna à rua”, destacando que uma rua de Montmeló, a cidade onde fica o circuito, poderia ganhar o nome do piloto, após uma proposta encaminhada pelo prefeito à Assembleia Municipal. A edição apresentou também um anúncio da revista Caras - que realizou um especial completo sobre o piloto dentro da sua edição.

ad) Dia 31 de maio

Não houve análise do jornal no dia 31 de maio devido a edição digital não estar disponibilizada.

ae) Dia 1 de junho

No dia 1 de junho, um mês após a morte de Senna, a Folha voltou suas atenções no Caderno de Esporte à missa que marcava a ausência do tricampeão mundial, além de fãs que vieram de longe para a celebração. A Folha, em tópicos, fez uma reconstrução de todo episódio envolvendo Senna desde a sua morte, com as possíveis causas do acidente, o que fez a justiça italiana e a FIA, conclusões da autópsia, as palavras da Williams e as atitudes dos pilotos.

5.1.3 Jornada do Herói - Senna

Dentro de todo o contexto analisado nos jornais sobre Ayrton Senna, nota-se que quatro arquétipos estão presentes nos jornais. Ayrton Senna representa o “herói”, a quem o público possui grande identificação e admiração. O “arauto” se encontra em edições que apresentam até antes do início da carreira do atleta, principalmente quando começou a ter contato com o carro e com o Kart, como na edição do dia 2 de maio da Folha:

Quem visse Ayrton Senna com 3, 4 anos de idade mal poderia imaginar que estava ali a versão em miniatura de um dos pilotos mais técnicos da história do automobilismo. Senna era um trapalhão, segundo sua mãe, Neide Senna da Silva. Não tinha coordenação motora, vivia se esfolando e subir uma escada de três andares era uma odisseia para o menino. Sorvete, sua mãe dizia comprar logo dois; um, com certeza, cairia no chão. A palavra mágica que transformou o trapalhão em atleta que raspava na perfeição foi carro. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1994, p.E11).

O “mentor” está na condição da própria família, a quem se mostrava presente em vários momentos das reportagens e também na escuderia dele, a Williams. O piloto Prost, desafeto de Ayrton Senna durante anos na Fórmula-1, mostrou não ser a “Sombra” como por muitos anos a mídia o colocou, mas sim o “Camaleão”, aquele que se apresenta como possível inimigo, mas que no final estava ao lado de Senna. A “Sombra” ganhou várias interpretações, personagens e figuras após a sua morte. Os jornais colocam todos aqueles que poderiam ter culpa na morte do piloto brasileiro, desde à direção da prova de Ímola, a Escuderia Williams, a Federação Internacional de Automobilismo e o próprio piloto. Todos eles, em edições diferentes, foram colocados como Sombra a cada nova atualização.

Todos os estágios do monomito em seu nível básico foram contemplados. Partida (com várias reportagens sobre como foi o começo da carreira do Senna), Iniciação (suas conquistas, seus títulos e seus feitos também foram constantemente retomados) e Retorno (Como um herói nacional, que orgulhava o público, mesmo já falecido. Dentro da partida, destaque para passagem denominada “O ventre da baleia”, onde o herói é tragado pelo desconhecido e dá a

impressão de morto. No entanto, o herói renasce transformado, para seu novo destino. Isso acontece quando são noticiados desde os seus acidentes anteriores da pista, onde voltou mais forte, como na reportagem do dia 2 de maio: “Os sustos de tricampeão em dez anos de Fórmula-1” (O GLOBO, 1994, p.6). Na Iniciação, destaque para a etapa denominada “O caminho de provas” e a ênfase da imprensa na rivalidade com Prost, o que fez Senna alcançar resultados ainda mais brilhantes.

5.2 Vanderlei Cordeiro de Lima

O mais importante evento esportivo do mundo é a Olimpíada. Ela reúne os melhores atletas do planeta em centenas de provas e modalidades. Na cobertura esportiva desses jogos há uma tendência de associação com a Grécia e aos mitos gregos, uma vez que é seu país de origem. Assim, os atletas também são ao longo desse período comparados aos heróis da mitologia grega e são lembrados por suas vitórias e conquistas, principalmente, aqueles que conquistam com mais dificuldades medalhas. A personificação realizada pelos veículos de comunicação em relação a esses atletas também é facilmente verificada, com a transformação da habilidade e talento em super-poderes. Quanto mais difícil a conquista, ou quando há um número maior de nuances e acontecimentos adversos, mais provável seja a transformação midiática no *status* e na personificação do atleta.

Em 2004, um brasileiro marcou seu nome na história dos Jogos – e nas manchetes de dezenas de veículos de comunicação - por sua atitude diante de um fato inusitado na Olimpíada em Atenas: o maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima. O atleta liderava a prova da maratona até o 36º quilômetro de 42 km no total, quando foi agarrado pelo ex-sacerdote Cornelius Horan. O golpe do fanático religioso irlandês - que invadiu a pista - derrubou o atleta, e fez com que ele perdesse alguns segundos até ser ajudado pelos próprios espectadores que assistiam à competição.

Vanderlei terminou a prova em terceiro lugar na maratona, mas em vez de se lamentar pelo ocorrido, o brasileiro mostrava felicidade acima da média. Ao entrar no trecho final da prova, dentro do estádio Panathinaiko, percorreu a parte imitando um avião e com um sorriso no rosto, sendo ovacionado pelos torcedores que esperavam por sua chegada, e que vibraram mais com o brasileiro do que com o primeiro colocado. Além do terceiro lugar, o maratonista brasileiro ganhou a Medalha Pierre de Coubertin, concedida a atletas que valorizam o esporte

mais que do que a própria vitória, um dos prêmios especiais concedidos pelo Comitê Olímpico Internacional (COI).

A construção de herói olímpico, seguindo os moldes e características da Jornada do Herói, foi sendo feito pela mídia. A imprensa estampou a manchete dezenas de vezes enaltecendo o atleta, transformando a sua imagem, como “uma das cenas mais lamentáveis e, ao mesmo tempo, emocionantes da história das Olimpíadas” (VEJA, 2012). O seu passado de infância pobre - quando trabalhava nas plantações de sua família, no interior do Paraná tornando-o boia-fria antes de se dedicar apenas à corrida também era explorado pela imprensa como um reforço a superação e a transformação em um símbolo olímpico, demonstrando que, apesar das dificuldades, dos impasses, não devemos nos abater. A criação de mais um herói pela mídia que inspira por seus atributos surgia, com o roteiro perfeito para aplicação de conceitos da Jornada do Herói. E isso pode ser constatado na análise da cobertura esportiva durante os 30 dias após a Maratona nos jornais O Globo e Folha de São Paulo.

Vanderlei Cordeiro de Lima, de origem humilde e pobre, é o “herói” que consegue se destacar em meio a dificuldade, mas vai para a batalha, as Olimpíadas, e encontra no caminho a “sombra”, o padre extremista, e apesar da dificuldade, consegue o seu objetivo final. O padre faz o papel de “sombra” pela atitude considerada como agressão e até pelo histórico que já tinha em eventos esportivos. Em 2003, ele se infiltrou no Grande Prêmio de Silverstone de Fórmula 1 - vencido por Rubens Barrichello - e invadiu o meio da pista dos carros em alta velocidade carregando uma faixa com uma mensagem religiosa.

Há o “Arauto” (aquilo que ajuda o herói ir à batalha), que poderá ser constatado na análise a seguir - dentro da cobertura da Folha de São Paulo - como sendo as cartas de incentivo escritas pelo treinador de Vanderlei na Grécia (o mentor), já que ele não tinha acesso ao atleta dentro da Vila Olímpica. Neste caso específico, assim como a própria mídia noticiou e aclamou, há também o “anjo”, que foi o grego que conseguiu tirar de cima o extremista e fazer com que Vanderlei voltasse para a prova o mais rápido possível. Com todos os personagens postos é interessante verificar que apesar do status de atleta brasileiro comum, Vanderlei Cordeiro de Lima realmente alcançou um auge de herói, sendo procurado e apreciado por onde passasse. Nada desse clamor voltado para ele teria acontecido se o ex-padre não o tivesse atacado, mesmo se tivesse conquistado a medalha de ouro - o que reforça a posição de que sempre um herói precisa de um vilão, assim como o vilão precisa do seu herói.

5.2.1 Jornal O Globo

a) Dia 30 de agosto

Vanderlei Cordeiro foi destaque na capa do Jornal o Globo, logo após o incidente, ao ganhar a medalha de bronze. Nela, duas fotos mostraram o momento em que o ex-padre empurra o brasileiro, e outra já no pódio com a medalha. “Fanático tira o ouro de Vanderlei” é a chamada. “O ex-padre irlandês Cornelius Horan tirou o ouro de Vanderlei Cordeiro na maratona. O brasileiro liderava no Km 36 quando foi atacado pelo fanático. Vanderlei continuou, mas só ficou com o bronze. O COI vai conceder-lhe a medalha Pierre de Coubertin, tornando-o o segundo atleta a receber a condecoração.” (O GLOBO, 2004, p.1)

Figura 24 - O Globo 30/8/04



Fonte: Acervo O Globo

Dentro da reportagem é possível ver uma construção narrativa elencando desde o maratonista brasileiro como um elemento de surpresa, por não ser o favorito, mas que alcançou potencial em um momento da prova, até quando o ex-padre o prejudicou na corrida. Palavras como “herói”, “superação”, “não ter desistido” foram usadas para dar esse contexto ainda maior

da vitória. O resgate também da sua origem pobre, que enfatiza o ar de superação, aliada a citação até de mitos gregos, também foi utilizado para passar um tom mais icônico de seu feito.

“Ganhando ou não, o fato é que o ex-bóia-fria pode não ter cruzado a linha de chegada em primeiro lugar, mas encarnou o espírito do soldado grego Fidípides, que caiu morto depois de correr 50 km de Maratona à Atenas, há 2494 anos, para avisar da vitória sobre os persas. Vanderlei, ao contrário, nasceu para o esporte e entrou para a galeria dos heróis olímpicos” (RODRIGUES, 2004, p.8).

Figura 25 - O Globo 30/8/04 Esporte

Segunda-feira, 30 de agosto de 2004 O GLOBO ESPORTES • 9

OLIMPÍADAS 2004

Um ex-padre adepto da evangelização radical

PERFIL Expulso da Igreja, Horan passou a invadir eventos esportivos para divulgar profecias apocalípticas

Raizen/20-07-03 e AP



• Desde que teve sua batina tomada pela Igreja Católica, em 1994, o ex-padre Cornelius Neil Horan reclama que suas pregações não eram mais ouvidas. Para resolver o problema, decidiu chamar a atenção do mundo com invasões espetaculares em eventos esportivos, como jogos de críquete, tênis e em provas de automobilismo. Sua aparição na maratona de Atenas, ontem, foi o ápice deste controverso método de evangelização.

Neil Horan, de 57 anos, ganhou pela primeira vez as páginas dos jornais quando invadiu a pista do circuito de Silverstone, na 12ª volta do GP da Inglaterra, em julho do ano passado. Vestido com o mesmo "kilt" usado ontem, ornamentado por uma estrela de David, ele carregava um cartaz com a mensagem: "Leia a Bíblia, ela está sempre certa".

Quase foi atropelado pelo Jaguar do australiano Mark Webber e, como punição, pegou dois meses de prisão. Na época, seu advogado alegou que Horan era um excêntrico.

Para Horan, paz só virá depois da 3ª Guerra Mundial

Em cima deste episódio, Horan publicou o livro "A Bíblia e o padre do Grande Prêmio", em que tenta justificar seu ato irresponsável. "Admito que minha vida tem sido muito controversa. Entretanto, acredito que existe um grande constrangimento (para seus superiores), porque isso (as controvérsias) é a Bíblia (que ordena que eu faça)", diz ele.

Esta foi a terceira publicação de Horan. Nas duas primeiras — "Um glorioso mundo novo" e "Cristo dominará em breve todos os governos" — ele defende as interpretações literais de várias profecias da Bíblia. Uma das teses que defende com mais ardor é a de que haverá em breve uma Terceira Guerra Mundial e que, só depois dela, com a segunda volta de Jesus Cristo, o mundo viverá em paz. Segundo ele, o apocalipse pode ser comparado a um "dentista que, para deixar a boca mais saudável, tem de arrancar um dente".

Horan, que se diz um padre licenciado, despertou a ira de movimentos pró-árabes ao dizer que o "reino de Israel" se expandirá sobre territórios de outras nações do Oriente Médio, como Iraque e Arábia Saudita. "Vemos Israel como a chave para o futuro do mundo", afirma no livro "Um glorioso mundo novo". Na mensagem que carregava nas costas ontem, Horan fala na segunda volta de Cristo e no cumprimento da profecia de Israel.

Neil Horan nasceu em 1947, na cidade de Scartaglin, Irlanda. Foi padre em 1973. No ano seguinte, passou a integrar o movimento conservador Irmandade Apostólica de Cristo. Neste período, pediu licença de sua função, mas foi reintegrado em 1980. Com o passar dos anos, seu discurso foi se radicalizando e, em 1994, a Igreja o afastou justificando que suas pregações "propagavam visões sensacionalistas" da Bíblia e indicando-lhe tratamento psiquiátrico. Foi então que ele optou por métodos pouco convencionais para converter os fiéis. Depois de atrapalhar Vanderlei Cordeiro na conquista do ouro na maratona, dificilmente encontrará brasileiros no seu rebanho. ■

Fonte: Acervo O Globo

b) Dia 31 de agosto

No dia 31, Vanderlei voltou a estampar a capa do Jornal o Globo, com a manchete “Brasileiro ganha destaque de ouro”. É mostrado a repercussão que o atleta brasileiro conquistou, aparecendo na capa de 32 dos principais jornais do mundo, deixando para trás, por exemplo, o alemão Michael Schumacher, que tinha conquistado o heptacampeonato da F-1 e apareceu em dez publicações. O texto ainda indicou o novo *status* de Vanderlei, que passou a viver momentos de ídolo em Atenas. Vanderlei foi citado no editorial de opinião do Globo, nas cartas do público e em reportagens. Nas cartas, a transformação de Vanderlei em uma *persona* diferenciada foi conquistada. “Emocionei-me com a grande humildade desse atleta. Apesar das adversidades, levantou a cabeça e seguiu rumo ao bronze. Parabéns a ele” (O GLOBO, 2004, p. 6). Em outro depoimento mais apreciações:

A atitude do atleta Vanderlei Cordeiro de Lima, de humildade, dignidade e uma rara grandeza de espírito, foi a melhor resposta para o mundo com relação à injustiça que os organizadores fizeram com nosso campeão. [...] Para mim ele foi o maior vencedor, ele é o próprio ouro, seja no caráter, na segurança, enfim um ser humano raro. (FARIAS, 2004, p. 6).

E há também depoimentos ainda mais contundentes:

O atleta brasileiro foi vítima de um atentado que, por sorte, não o prejudicou fisicamente. No entanto, foi atleta suficiente para se levantar e seguir em frente - um homem de origem humilde, oriundo de um país pobre que pouco incentiva o esporte e atravessa sérios problemas nas mais diversas áreas. Um esportista que se agarra à vontade de superar seu limite físico e psicológico e ainda, no gesto mais humilde, consegue sorrir ao chegar no estádio e beijar a injusta medalha de bronze. A medalha de ouro compartilhada com o atleta italiano que diga-se, não interferiu em nada no incidente, seria o mínimo que o Comitê Olímpico Internacional poderia fazer para manter acesa a chama do espírito olímpico encarnada no herói brasileiro (BORGES, 2004, p. 6).

Dentro do Caderno de Esporte, há duas páginas para o tema e novamente elementos típicos da Jornada do Herói são encontrados na matéria. Desde o sofrimento, o início difícil, a dificuldade e até o perdão ao seu rival, símbolo de pessoas que possuem um bom coração.

O maratonista disse que perdoou o ex-padre, Cornelius Neil Horan, de 57 anos. “- A minha alegria supera a mágoa que eu poderia ter. Deus colocou isso no meu caminho para me testar”. [...] Nascido em Cruzeiro do Oeste, no Paraná, Vanderlei disse que trabalhou na lavoura com diária de R\$ 10 a R\$ 15: “- Acho que eu mostrei que uma pessoa humilde pode vencer se tiver determinação”. (RODRIGUES, 2004, p. 37)

Mais uma vez, o Globo faz questão de colocar o lado do rival e o sentimento de vergonha da Irlanda e da Grã-Bretanha pela atitude do fanático religioso diante do brasileiro Vanderlei de Lima. Na notícia ainda se faz um resgate sobre outro feito do ex-padre, no caso, o incidente da Fórmula 1.

Figura 26 - O Globo 31/08/04



Fonte: Acervo O Globo

c) Dia 1 de Setembro

Vanderlei Cordeiro de Lima voltou a ser destaque no jornal O Globo, tanto nas crônicas como no Caderno de Esporte. Na coluna de Elio Gaspari, seus feitos até na política foram citados e na coluna de Zuenir Ventura, com o título “Vanderlei de Coubertin”, o espírito olímpico foi enaltecido.

Como vencedor, dificilmente teria recebido a cobertura que a imprensa estrangeira lhe deu ontem, tratando-o como herói das Olimpíadas de Atenas, uma consagração planetária que nenhum outro atleta teve, nem os dois que chegaram à sua frente, o italiano e o americano, nem o ganhador de seis ouros na natação. Isso tem a ver com a quase tragédia que o envolveu, mas também com o fato de que Vanderlei encarnou um ideal olímpico muito pregado e pouco praticado. Ele acredita mesmo que o importante é competir. Tanto quanto sua determinação de continuar correndo, impressiona sua reação depois. Em lugar de justos ressentimentos, o que se viu foi felicidade por estar realizando o sonho de conseguir “uma” medalha. (VENTURA, 2004, P.7)

Figura 27 - O Globo 1/9/04

Quarta-feira, 1 de setembro de 2004 0 6.080 37

ESPORTES

Emprego por um fio

Irlandês fanático vai escrever para Vanderlei pedindo desculpa e será punido por patrão

Fernando Duarte
Correspondente

Mesmo em se tratando de alguém com talento de sobra para amarrar confusão, é pouco provável que o padre irlandês Cornelius Horan tivesse planos de visitar o Brasil — até porque suas atividades para inúmeras eventos esportivos têm se limitado ao continente europeu. Porém, desde domingo, quando protagonizou o lamentável incidente que custou a Vanderlei Cordeiro de Lima a vaga mais alta no pódio da maratona das Olimpíadas, Horan foi informado de que não apenas é pessoa não grata em território brasileiro. Entre as centenas de e-mails recebidos pela Denmant Books, editora que publica versões eletrônicas dos livros do padre, estavam ameaças e insultos oriundos por internet brasileiros.

— Houve gente que não mudou palavras e disse que Horan seria morto se pisar no Brasil. Eu acho exagerado, mas como é que vou culpar os torcedores que assistiram à publicação patrocinada por Horan em Atenas? Eu mesmo fiquei chocado, até porque ele havia prometido que não iria se meter em assuntos momentaneamente — lamenta Leslie Broad, dono da Denmant Books e autor-responsável dos livros de Horan, cujo tema principal é a interpretação de profecias escoteadas nas entrelinhas das versões da Bíblia.

Broad: "Horan foi um idiota"

• Em entrevista ao GLOBO, por telefone, Broad a todo momento tentava se desculpar pelas atitudes de seu cliente, a ponto de jurar que estava consultando seus advogados para rescindir o contrato com Horan. O editor, que não tomou nenhuma atitude drástica quando o

CORNELIUS HORAN, que agrediu Vanderlei de Lima na maratona de Atenas, vai escrever ao brasileiro pedindo desculpas



Irlandês invadiu a pista do Autódromo de Silverstone durante o GP da Inglaterra do ano passado, indo parar na prisão por algumas semanas, também prometeu que vai congelar os royalties a que o padre teria direito pelas vendas de "Um novo e glorioso mundo". — o incidente em Atenas fez com que dezenas de cópias do mais recente livro de Horan fossem adquiridas desde domingo.

— Vou esgrimir que ele deu os royalties para uma instituição de caridade, pois será um absurdo ele ter atrapalhado a vida daquele rapaz e ainda lucrar com isso. Horan foi um idiota, mas agora vai receber também uma pouquíssima coisa, pois vou cobrar por todo o trabalho que ele me deu nos últimos dias. Tive que dar entrevistas para jornais de mundo inteiro sobre um assunto que não necessariamente promove a imagem de uma forma positiva.

Para Broad, Vanderlei provou ser um herói olímpico. Tanto pela perseverança de continuar a prova e ainda garantir uma medalha como pelo que o editor classifica de nobreza diante da agressão sofrida pelos fãs de seu cliente.

— Sinceramente, eu não sei o que

Horan esperava obter com a atitude criminosa que teve durante a maratona. Mas o Vanderlei mostrou uma atitude digna de um campeão olímpico, e acabou ficando mais feliz do que se tivesse vencido a prova. Ainda assim, acho que o brasileiro tem todo o direito de fazer um grande barulho com tudo isso.

Broad afirma que há mais de uma semana não tem contato com seu cliente, para quem trabalha desde abril do ano passado, mas que gostaria de ver as mãos das autoridades nos ombros do padre irlandês, ainda que Horan, em sua opinião, tenha mostrado um comportamento pacífico e lúcido em seus encontros.

— Não tenho a menor intenção de falar com este sujeito por algum tempo. No ano passado, achei exagerado quando ele foi condenado a dois meses de prisão por causa dos incidentes de Silverstone, mas do pós de domingo, eu acho que a polícia tem mais o que trançar do que o meu rígido possível. Se despedir-se apenas de ruim, eu teria rasgado seu contrato já no domingo.

Brasileiro sobe 51 posições no ranking

• Sob o anteceder pela Justiça grega, que o concedeu a 12 meses de liberdade condicional, além de uma multa de três mil euros, Horan disse a uma rádio irlandesa que se arrepende do que fez a Vanderlei e vai escrever uma carta ao brasileiro pedindo desculpas por sua atitude.

— Apesar de milhões de desculpas pelo mal que fiz ao empurrar aquele pequeno brasileiro.

Horan prometeu que não voltará a ter este tipo de comportamento.

— Posso afirmar categoricamente que não mais violarei a lei.

Com a brancura nas Olimpíadas, Vanderlei deu um salto no ranking da Federação Internacional de Atletismo, passando da 52ª posição para a 11ª.

Fonte: Acervo O Globo

No Caderno de Esporte, o caso do Vanderlei também ganhou destaque, mas dessa vez o ponto de vista foi do editor responsável pelos livros religiosos do ex-padre. Ou seja, de um dos companheiros do rival. Segundo o editor, ele condenava a atitude de seu cliente e que estava perto de rescindir seu contrato com o ex-padre. O outro lado da história do Cornelius Neil Horan também foi contada em outra reportagem. Segundo o texto, ele teve sua batina tomada pela igreja Católica em 1994, por não ter mais suas pregações ouvidas, buscou chamar atenção do mundo através de invasões em eventos esportivos, como jogos de críquete, tênis e automobilismo e sempre com mensagens voltadas à religião. Houve também outra matéria indicando que Vanderlei subiu de ranking, de 51º para 11º lugar.

d) Dia 2 de setembro

Vanderlei voltou a aparecer na capa do Jornal O Globo com foto. Nele, a legenda indicava: “Em São Paulo, o maratonista Vanderlei Lima recebe homenagem especial: ganha a medalha de Emanuel, ouro no vôlei de praia, mas a recusa”. No Caderno de Esporte, a manchete também foi com ele: “Vanderlei tem recepção de campeão olímpico”. “Maratonista chega a SP,

recebe ouro de Emanuel, R\$ 200 mil de patrocinador e atende até a repórter do Japão” (VIANA, 2014, p.37).

A matéria dá o tom de comprovação na figura de herói que a imprensa desenvolveu rapidamente para ele. “Aos 35 anos, o paranaense Vanderlei Cordeiro de Lima conheceu a fama e virou herói. Isso ficou provado no desembarque do maratonista no aeroporto de Guarulhos [...]”. (VIANA, 2014, p. 37). A reportagem mostra ainda a agenda concorrida do atleta após o acontecimento com veículos de comunicação em todo o mundo, além dos polpudos ganhos com os patrocinadores. Muitas empresas também queriam o transformar em garoto-propaganda. Houve uma preocupação do jornal em marcar toda a reviravolta que aconteceu em sua vida. Apesar da concentração no “herói”, não é esquecido a “sombra”. Em outra matéria mostra entrevista exclusiva da Globo com seu algoz, com Cornelius Horan e todas as motivações que o fizeram tomar aquela atitude.

Figura 28 - O Globo 2/9/04



Fonte: Acervo O Globo

e) Dia 3 de setembro

O Globo voltou a personificar o papel de vilão de Cornelius e de herói do Vanderlei. No caso do Vanderlei, a situação toda sobre o incidente era dada até como mais vantagem para o

brasileiro, que voltou a receber novas homenagens. Inclusive, ir à Irlanda para conhecer a cidade, terra do “vilão”. Já o ex-padre teria que responder a acusações de pedofilia, podendo, caso fosse condenado, a pegar cinco anos de prisão. A matéria reforçou, de certa forma, o estereótipo de vilão, com uma informação ainda não conhecida, o que reforçava o posicionamento e o papel de “Sombra”.

Figura 29 - O Globo 3/9/04

Quarta-feira, 3 de setembro de 2004

© O GLOBO

39

ESPORTES



De volta ao banco dos réus

Cornelius Horan é acusado de pedofilia. Vanderlei recebe convite para ir a Dublin

Fernando Duarte
Correspondente LONDRES

Se perdeu a chance de conquistar uma medalha de ouro no maratona nos Jogos de Atenas por conta de desastrosa intervenção do ex-padre irlandês Cornelius Horan, Vanderlei Cordeiro de Lima está sendo convidado para receber homenagens. Além de ter recebido a medalha Bando de Coulter do Comitê Olímpico Internacional, horan foi eleito pela única vez a um atleta em 1988, o corredor recebeu um convite das autoridades irlandesas para visitar a capital Dublin no final de outubro, quando será realizada a maratona da cidade. Porém, ainda não será dessa vez que Vanderlei poderá ficar frente a frente com Horan.

Outro, o ex-padre, de 57 anos, teve de comparecer a um tribunal em Londres para responder a acusações de pedofilia e uma ordem judicial o impediu de sair sequer de sua home, no norte de Londres, sem autorização da polícia. Horan também terá de se apresentar diariamente às autoridades entre 18h e 20h. E, mesmo se tivesse um pouco mais de liberdade de ir e vir, ele não poderia estar em Dublin para a maratona: seu julgamento começará no dia 12 de outubro, uma segunda-feira, no dia da corrida de rua na cidade. O ex-padre é acusado de ter molestado anualmente crianças em dois estádios ocorridos em 1980 e 1993 e pode ser condenado a cinco anos de prisão. Ele já passou algumas semanas atrás das grades no seu passado, em represália à invasão da pista do Autódromo de Silverstone durante o GP da Inglaterra de Fórmula 1. Pela graça de um Amas, Horan foi condenado a um ano de prisão pela Justiça grega, após voltar a permitir eventos esportivos, além de ter sido multado em 3 mil euros, valor que, por sinal, ainda não pagou.

Irlandês também vai pedir desculpas ao COB

As autoridades irlandesas não divulgaram mais detalhes sobre a homenagem a Vanderlei, mas é bastante provável que o brasileiro reciba, algum tipo de reconhecimento especial. A lamentável atitude de Horan em Atenas não ajudou em nada a campanha que o governo do país tem feito para promover a Irlanda como uma moderna e segura campeã de ser lida de estigma do terrorismo.

Antes da decisão da Justiça britânica, o governo da Irlanda planejava promover um encontro entre atletas e o ex-padre em Dublin, que será transmitido pela TV. Também ficou adiado a visita que Horan pretendia fazer ao Brasil para se desculpar com o brasileiro e sua família. Em entrevista à rádio irlandesa RTE, Vanderlei disse que adoraria visitar a capital do país, embora não possa participar da corrida, já que maratonistas costumam precisar de pelo menos três meses para se recuperar do esforço de uma única prova de 42 km. Mesmo assim, o atleta foi diplomático.

— Sei que o povo irlandês ficou muito chateado com o que aconteceu, mas não guardo rancor nem da pessoa que me atacou e muito menos dos irlandeses. Isso foi o resultado que Deus escolheu — disse ele que, na entrevista, recebeu e aceitou um pedido de desculpas de Dan Horan, irmão do ex-padre.

Segundo Dan, seu irmão agora também pretende pedir desculpas ao Comitê Olímpico Brasileiro em carta a ser enviada nos próximos dias. O que não deverá ser suficiente para apagar o episódio em termos políticos. Se já pretendia se livrar de Horan como um dos clientes de sua editoria depois da queda da capital grega, o empresário Leslie Busch, laborioso pelo GLOBO dos novos problemas da Irlanda com a Justiça, mostrou-se perplexo e irritado.

— A cada dia aparece um esqueleto diferente dentro das nossas mentes.

No tribunal, o ex-padre falou apenas quando teve que confirmar seu nome diante do juiz Horan, que negou as acusações, com a venda de máscara escura. Uma dilema da estranheza irlandesa que não para de aparecer em Atenas. Se a Justiça grega levou em conta o fato de a Irlanda sofrer de depósitos críticos e depender de uma permissão do governo britânico para sobreviver, o mesmo argumento dificultará o livramento do caso das alegações de abuso sexual.

No ano passado, Horan também tentou invadir a quadra central de Wimbledon para exibir seus cartões que pedem mais leitos da Bíblia. Ele acredita que o livro sagrado contém poderes nas escrituras de seus versículos. O ex-padre já publicou três livros sobre o assunto e jurou que sua carreira de esportista em eventos esportivos foi encimada em Atenas. Mesmo que não esteja falando a verdade, a presunção de lei provavelmente o fará sangrar um pouco. ■

CORNELIUS HORAN esteve antes em um tribunal de Londres para responder a acusações de pedofilia

Fonte: Acervo O Globo

f) Dia 4 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

g) Dia 5 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

h) Dia 6 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

i) Dia 7 de setembro

No dia 7, a coluna do Fernando Calazans, no Caderno de Esporte, destacou Vanderlei Cordeiro e seu sucesso súbito na mídia após o incidente dos Jogos Olímpicos. Mais uma vez, o atleta teve seus valores ressaltados como um exemplo a ser seguido.

É quase um *popstar*. Merecidamente, repito. A mídia brasileira tem abusado, nos últimos tempos, de se ocupar com gente sem nenhum valor, sem nenhum sentimento ou mensagem positiva para transmitir à sociedade brasileira, particularmente aos jovens. Vanderlei é o oposto dessa gente. Seu feito esportivo e seu comportamento humano são exemplos para a juventude brasileira (CALAZANS, 2004, p.31).

j) Dia 8 de setembro

Vanderlei apareceu em outro caderno: o de política, com isso ganhando a capa também. Na capa do Globo com foto de destaque, o atleta foi o convidado para o desfile do dia 7 de setembro pelo governo da época e, segundo o jornal, acabou sendo “a grande estrela”, pois “foi ovacionado ao passar pelas arquibancadas agitando uma bandeira brasileira”. Na página 3 do primeiro caderno do jornal, já era claro ver que Vanderlei ganhou diante também da população uma simbologia de representatividade de patriotismo, de valores que orgulham o país.

E na solenidade em que desfilaram 5.500 militares a grande estrela acabou sendo um civil: o maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima, medalha de bronze nas Olimpíadas de Atenas. A pedido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o maratonista abriu o desfile levando uma bandeira brasileira. O atleta deu à festa o tom patriótico que a campanha do marqueteiro oficial do governo, Duda Mendonça, vinha tentando estimular. Quando percebeu a entrada de Vanderlei, a multidão levantou-se das arquibancadas e, sacudindo bandeiras, entoou o refrão: “Sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor”. Vanderlei ainda foi chamado à tribuna de honra, de onde acompanhou o resto do desfile com Lula. - Estou aqui hoje com o presidente Lula, com o calor do povo brasileiro, vendo o povo brasileiro de perto foi mais emocionante quando recebi a medalha em Atenas - disse (CARVALHO, 2004, p.3).

Figura 30 - O Globo 8/9/04



Fonte: Acervo O Globo

k) Dia 9 de setembro

Vanderlei apareceu novamente na capa, mas agora na charge de Chico. Nela trazia, de forma mais crítica, a utilização do clamor de Vanderlei pelo governo no desfile de 7 de setembro. No Caderno de Esporte, Vanderlei também ganhou espaço, com o pedido do COB - Comitê Olímpico Brasileiro - que voltou a recorrer para que o atleta recebesse também uma medalha de ouro, pela maratona dos Jogos Olímpicos.

l) Dia 10 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

Figura 31 - O Globo 9/9/04



Fonte: Acervo O Globo

m) Dia 11 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

n) Dia 12 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

o) Dia 13 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

p) Dia 14 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

q) Dia 15 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

r) Dia 16 de setembro

Vanderlei Cordeiro de Lima, depois de um tempo fora da capa do jornal O Globo, voltou a aparecer na manchete: “Vanderlei almoça hoje com Lula e premier japonês”. Nota-se que o atleta passou a ser chamado apenas pelo primeiro nome, o que mostra um novo *status*. Na matéria destacou-se que ele vai pedir ao presidente uma nova pista em Campinas. Esse fato arrebanha o poder em outras dimensões - como o político - ao ponto de almoçar e pedir diretamente à autoridade máxima da nação melhorias na sua modalidade. Houve também uma

nota com a atualização sobre o pedido da COB para o atleta ganhar uma medalha de outro retroativa nas Olimpíadas.

s) Dia 17 de setembro

Na jornada do Herói, descrita por Campbell, uma figura sempre frequente é o Arauto, uma espécie de mago que ajuda o herói em uma circunstância difícil. O Arauto de Vanderlei Cordeiro de Lima tem nome também: Polyvios Kossivas - o homem que ajudou o atleta quando foi atacado pelo ex-padre irlandês no momento que liderava a Olimpíada de Atenas. E o jornal o Globo resolveu fazer uma matéria com ele indicando que viria ao Brasil conhecer o maratonista e ressaltando todo o ponto de vista do “anjo” - denominação dada a ele - sobre os seus passos até ajudar o maratonista. Em outra reportagem, Vanderlei foi destacado por roubar a cena na passagem por Brasília do primeiro-ministro do Japão, com direito ao “aviãozinho”, marca registrada do atleta.

t) Dia 18 de setembro

No dia 18, na função de “Arauto” Polyvios Kossivas e Vanderlei novamente receberam destaque no caderno de esporte com a chamada: “Anjo chora ao falar de Vanderlei”. O grego que ajudou o brasileiro se tornou um personagem carismático para a mídia, pelo fato de ter virado fã do atleta e pela expectativa que criou em vir ao Brasil. A edição mostrou um pouco da expectativa e o encontro dele com o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro na própria Grécia.

u) Dia 19 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

v) Dia 20 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

w) Dia 21 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

x) Dia 22 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

Figura 32 - O Globo 17-18/5/04



Fonte: Acervo O Globo

y) Dia 23 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

z) Dia 24 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

aa) Dia 25 de setembro

Vanderlei voltou a ser manchete no Caderno de Esporte: “Bronze vale como ouro na maratona”, indicando que o maratonista foi um dos destaques do evento que reuniu 42 atletas olímpicos na premiação feita pela Coca-Cola, um dos patrocinadores do evento. Ele foi, inclusive, o atleta aplaudido de pé pelos presentes. Um detalhe interessante da reportagem esteve na constatação da utilização do nome completo do maratonista - além da contextualização que foi agarrado pelo irlandês Cornelius Horan quando liderava a maratona - após muito tempo sem notícias do atleta pelo jornal, como uma forma de lembrança sobre esse personagem para o seu público leitor.

ab) Dia 26 de setembro

Não há notícias relacionadas.

ac) Dia 27 de setembro

Não há notícias relacionadas.

ad) Dia 28 de setembro

Não há notícias relacionadas.

ae) Dia 29 de setembro

Não há notícias relacionadas.

5.2.2 Folha de São Paulo

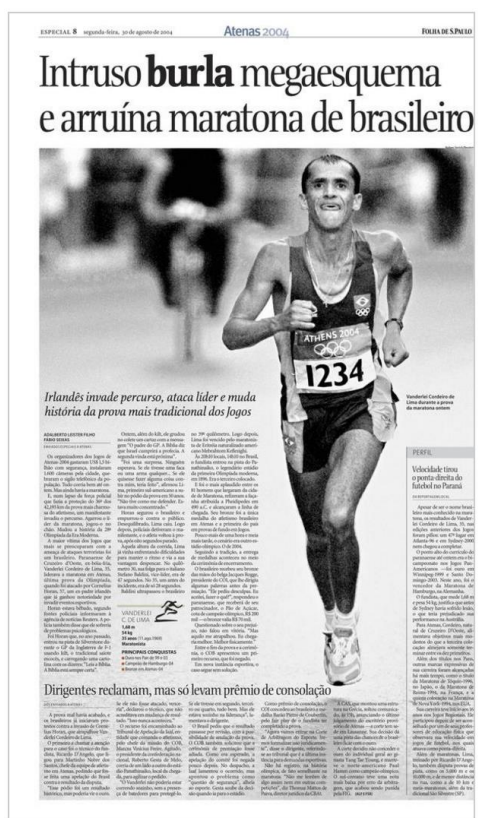
a) Dia 30 de agosto

Na capa, nas colunas, no Caderno de Esporte e no Caderno Especial sobre as Olimpíadas, Vanderlei Cordeiro de Lima ocupou com destaque várias páginas da Folha de São Paulo no dia 30 de agosto. Na capa, uma sequência de imagens mostrou como foi o “ataque” do extremista religioso ao atleta brasileiro. A matéria do Caderno de Esporte indicou que o atleta era ex-boia-fria destacando a referência de dificuldade anterior, o perigo que correu com a possibilidade de o agressor estar armado, e também o clamor do público quando ele chegou ao estádio. Os elementos típicos da Jornada do Herói estavam presentes.

b) Dia 31 de agosto

O ex-padre, chamado de “agressor”, foi o destaque da capa ao ser indicado de que deixou à prisão após ter protagonizado um dos momentos mais marcantes desta Olimpíada. No Caderno Ilustrada, na coluna de José Simão, foi destacado toda a situação com a escrita peculiar e irreverente do cronista. O jornal aproveitou também para se aprofundar na história de Vanderlei e trazer novos elementos que o público até então desconhecia. Neste caso é apresentado o primeiro Arauto, um elemento que fez parte da história e contribui para o atleta estar mais forte dentro da competição. Esse Arauto foi simbolizado pelas cartas escritas do seu técnico. Na reportagem, “Lima tira a sorte na maratona nas cartas”, é destacado o “artefato” que ajudou o herói na conquista de seu objetivo.

Figura 33 - Folha 30/8/04



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo

Figura 34 - Folha 31/8/04



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo

c) Dia 1 de setembro

Assim como aconteceu na capa anterior, o destaque foi para o Vilão, para o rival de Vanderlei, com o título: “Cristo premiará maratonista, diz seu agressor”. E dessa vez a ideia da Folha, que conseguiu uma entrevista exclusiva com o ex-padre irlandês, foi de contar o ponto de vista do rival e as motivações que o fizeram realizar o ato dentro da Maratona. Assim, de certa forma, o leitor teria a história mais completa, entendendo melhor as características e peculiaridades dos personagens expostos.

Figura 35 - Folha 1/9/04

D4 quarta-feira, 1º de setembro de 2004 ESPORTE FOLHA DE S. PAULO

ATLETISMO Em entrevista à Folha, ex-padre irlandês diz que não se arrepende de ter atacado brasileiro ‘pequeno e frágil’

‘Cristo dará a Vanderlei o ouro que tirei’

ERICA FRAGA
DE LONDRES

Cornelius Horan, o ex-padre irlandês que atacou Vanderlei Cordeiro de Lima, no domingo, na maratona que encerrou Atenas-2004, não se arrepende do que fez. Lamenta apenas que o atleta era muito “pequeno e frágil”.

Em entrevista à *Folha* ontem, depois de ter voltado para Londres, onde vive, Horan disse que foi libertado pela polícia grega sem ter pago a fiança de € 1.000. “Cristo dará a Vanderlei o ouro que tirei dele”, afirmou.

A “demonstração”, forma como Horan descreve o ataque a Lima, havia sido cuidadosamente planejada por ele, que viajou para Atenas no último domingo de manhã. “Eu planeiei fazer com quem estivesse liderando, fosse ele italiano, alemão ou argentino. Não importava. Não tinha ideia de que seria um brasileiro. Quis fazer isso na Olimpíada, que é o maior evento do esporte.”

Horan disse, no entanto, que não pretendia agredir o brasileiro. “Minha intenção era apenas parar na frente dele por alguns segundos e deixá-lo prosseguir. Não queria afetar o resultado da maratona. Mas eu sou uma pessoa muito nervosa, estava tenso, não sei o que aconteceu, porque acabei fazendo aquilo”, declarou.

O ex-padre, no entanto, diz não se arrepender, já que conseguiu atrair a atenção para a sua mensagem de que “a segunda vinda do Cristo está para ocorrer”.

No ano passado, Horan já havia protagonizado cena parecida ao invadir o circuito de Silverstone, durante o GP da Inglaterra. Curiosamente, na ocasião, Rubens Barrichello ganhou a corrida.

Bastante seguro em suas respostas, Horan lembrou — e mencionou espontaneamente — a vitória do brasileiro na ocasião. Segundo ele, desde então, planejava uma segunda “demonstração”.

Horan disse à *Folha* que nunca mais fará nada parecido. “Já consigo passar a minha mensagem. Atingi meu objetivo.” No entanto não é a primeira vez que o irlandês faz essa promessa.

“Depois de Silverstone, ele havia dito que nunca mais faria aquilo”, disse Leslie Broad, editor de versões eletrônicas de três livros que Horan escreveu, dois sobre a “volta de Cristo” e um terceiro, uma espécie de autobiografia.

“Eu jurei que nunca mais voltaria a fazer aquilo na Inglaterra, não em outro país estrangeiro, como a Grécia”, respondeu Horan, que ficou dois meses preso pela invasão na F-1 no ano passado.

Segundo ele, a polícia grega o libertou antenem e sem multa. A próxima instância do processo na Grécia ocorrerá em seis meses, e ele ainda não sabe se terá de pagar. “Tenho pouco dinheiro. Virei da assistência do governo.”

A atitude de Horan envergonhou sua família e seus amigos. Broad disse, por exemplo, que não sabe se continuará sendo amigo de Horan. “Ele fez papel de bobo. Cometeu um ato absurdo contra um homem que se revelou um cavalheiro, um atleta que deveria servir de exemplo a todo o mundo do esporte”, afirmou.

Horan diz que muitas pessoas — inclusive a família — não entendem “sua missão”. Faz questão de dizer que, ao contrário do que a imprensa tem publicado, ele ainda mantém o título de padre, mas confirma que já não atua em nenhuma paróquia há dez anos. Afirma ainda sofrer de depressão.

Em relação a Lima, Horan disse ainda que gostaria muito de conversar com o atleta brasileiro e que sofreu muito ao ver as imagens da cena depois. “Eu não consigo vê-lo mais de perto para cima dele, não sabia que ele era tão frágil. Queria falar com ele.”

Lima chegaria na madrugada de hoje ao Brasil. Pela manhã, o maratonista será homenageado por um de seus patrocinadores e receberá prêmio de R\$ 200 mil — o valor seria pago apenas em caso de ouro. Após a solenidade, o paranaense segue para Maringá. A chegada está prevista para as 15h.

Colaboração: o Reportagem: Laci Al



Cornelius Horan, que invadiu a maratona, quando era padre

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo

d) Dia 2 de setembro

O jornal acompanhou o retorno do “herói” para casa e seu sentimento em busca de descanso após ter terminado a batalha, “Popstar, Vanderlei quer folga e pescar”. Mas os efeitos de agora ser uma das pessoas mais conhecidas do momento fazia com que Vanderlei tivesse muitos compromissos, afinal, todos queriam contato com o atleta brasileiro destaque na Olimpíada.

Figura 36 - Folha 2/9/04

D 4 quinta-feira, 2 de setembro de 2004 **ESPORTE** **FOLHA DE SÃO PAULO**

ATLETISMO Depois de dizer que 'a ficha não caiu', maratonista chora e afirma não ligar para o dinheiro obtido com a fama

Pop star, Vanderlei quer folga para pescar

MARIANA LAJOLO
DA REPORTAGEM DE CUIABÁ

Vanderlei Cordeiro de Lima chegou ontem a ter dimensão da fúria que o virou de um desconhecido em sua chegada ao Brasil. "Disseram que eu sou a pessoa mais conhecida do mundo".

O maratonista não foi recebido por milhares de pessoas como os campeões do vôlei, mas já sentiu o efeito do novo status alcançado após o bronze e o incidente com o ex-padrinho irlandês. "Não caiu a ficha ainda. Continuo como se nada tivesse acontecido, como se eu não tivesse ganhado o bronze".

"Não quero ir pescar e rever a família. Faltou com saúde".

A pescaria será breve. No domingo, Vanderlei será comentarista da transmissão da meia-maratona do Rio. Este foi um dos primeiros cortes que chegaram para o atleta desde que ele cruzou a linha de chegada em Atenas.

O maratonista foi chamado para entrevistas comerciais e dar dezenas de entrevistas, inclusive fora do país. Uma proposta do Chile, por exemplo, inclui cachê de US\$ 500, passagem aérea de primeira classe e hotel cinco estrelas. Até a TV japonesa quer falar com ele.

"Em Atenas, quando sai para pousar, nem conseguia andar na rua. Todo mundo podia autografar, queria tirar foto. Tenho muito orgulho da minha glória, mas continuo mantendo minha humildade. Do jeito que está, para mim já está bom", disse Vanderlei, que ganhou prêmio de R\$ 200 mil de seu patrocinador — valor que seria pago em caso de morte.

A Confederação Brasileira de Atletismo e o Nike também darão a premiação máxima ao atleta. A BM&F, seu outro patrocinador, ainda não havia definido o valor.

Vanderlei disse estar ciente de que, se não tivesse sido atacado por Cornelius Horan, talvez não tivesse metade do reconhecimento. Quando soube que o ex-padrinho irlandês havia dito à Folha que "Deus dará a Vanderlei o que ele merece", o maratonista não se conteve e chorou copiosamente.

"Nunca pensei em dinheiro. É muito difícil chegar até onde eu cheguei sem apoio. Herói não se faz de uma hora para outra".

Na entrevista em São Paulo, o ex-bola-fria de Quêntaro D'Oeste (PR) estava à vontade. Sentado entre o senador Aloísio Mercadante (PT) e Abílio Pinheiro (PSB),

OPINIÃO

Ministro Agnelo protagonizou uma patriotada arcaica

DEMÉTRIO MAGNOLI
CUIABÁ PARA A FOLHA

"NÃO DEVE SE esquecer." O maratonista brasileiro Vanderlei Cordeiro de Lima, que foi atropelado por um fanático religioso quando lidava a prova que levou a Olimpíada de Atenas, não só consegue completar a prova na terceira posição, mas também revelou um equilíbrio que parece faltar ao ministro de Esporte, Agnelo Queiroz.

Enquanto o esportista recusava-se a formular um prognóstico impossível, o ministro emitia nota criticando o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e solicitando ao Comitê Olímpico Brasileiro "providências firmes" sobre o incidente. Não satisfeito, também pediu a "expediente" do Ministério para "reforçar as ações brasileiras junto ao governo grego e a entidades internacionais envolvidas na questão".

Logo após o encerramento da maratona, o comitê presidido por Carlos Arthur Nuzman formulou um recado que demandava a concessão de uma medalha de ouro a Vanderlei Cordeiro de Lima.

O destino do recado é a Corte de Arbitragem do Esporte, sediada em Lausanne, na Suíça. Esse tribunal nada tem a ver com os governos nacionais. O Comitê Olímpico Internacional, os comitês olímpicos nacionais e o Comitê Organizador dos Jogos de Atenas também não têm relação com Estados ou governos.

O ministro Agnelo evidenciou muita ridículo que perigos. Durante duas semanas, comentaristas esportivos repetiram incoerentemente o lugar-comum que descreve os Jogos Olímpicos como um "compromisso entre os povos".

As Olimpíadas da Era Moderna são, na verdade, uma representação simbólica da guerra. Os atletas, enquanto esportistas, se confrontam com seus adversários, mas os Estados encaram o evento como palco de afirmação do prestígio nacional, e as potências dedicam-se com afinco a galgar posições no teatro de combate do quadro de medalhas.

Concluído, de modo geral, as autoridades de governo evitam qualquer formal e explicitamente o espetáculo olímpico.

O ministro Agnelo produziu uma contradição: exortou, envolvendo o governo brasileiro em assuntos que concernem exclusivamente aos órgãos esportivos.

Com um olho nos holofotes da mídia e outro no calendário eleitoral, descobriu um atalho para um palco reservado a outros heróis.

Por sorte, ele não está em posição de declarar guerra aos atenienses.

Demétrio Magnoli, diretor de imprensa da BM&F, o editor da revista "Wander" e fundador da agência de publicidade "Wander & Partners", disse que não se preocupava com o fato de que o atleta não fosse brasileiro.

TOQUE DE MÍDIA
Premiação dos patrocinadores em caso de medalha

	BRONZE	OURO
BM&F	250 mil de ouro	1 kg de ouro
Pin de	R\$ 70 mil	R\$ 200 mil
Acicor	R\$ 6 mil	R\$ 10 mil

Prêmio de Vanderlei
R\$ 200 mil de ouro

Italiano, e não irlandês, irritou atleta

DA REPORTAGEM DE CUIABÁ

Vanderlei Cordeiro de Lima entrou no estádio fazendo avistamentos, feliz da vida. Após a prova, disse que não guardava rancor do homem trindade que prejudicou sua prova. Mas, no pódio, recusou-se. O motivo foi o comportamento do atleta que ostentava a medalha de ouro. "Ele [o italiano Stefano Baldini] nem falou comigo. Depois, disse que seria campeão de qualquer jeito".

"Ele foi muito seduloso. Mas isso só valorizou a minha medalha. Daqui a 20, 30, 40, 50 anos, quando pensarem na maratona de Atenas, todos lembrarão do brasileiro que foi impedido de vencer, e não do campeão".

Após falar da "luta de espírito olímpico" de italiano, Vanderlei citou Emanuel como contraponto. Ontem, na TV, o atleta do vôlei de praia ofereceu simbolicamente seu ouro ao maratonista.

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo

e) Dia 3 de setembro

Na Folha de S. Paulo do dia 3 foi destacado um novo ponto de vista, criando mais uma conexão nessa história envolvendo o maratonista brasileiro. Agora, o ponto de vista era dos irlandeses. Na notícia eles se sentiam envergonhados e pediam desculpas pela atitude de seu conterrâneo.

f) Dia 4 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

g) Dia 5 de setembro

Uma das imagens de destaque no Caderno de Esporte foi a do Vanderlei junto com os jogadores da seleção brasileira de futebol se preparando para o próximo confronto. Houve de certa maneira uma grande simbologia nesse registro, afinal, o esporte futebol sendo a paixão

nacional, o mais querido ao olhar da população, se rendia e reverenciava a presença do maratonista e seus feitos.

h) Dia 6 de setembro

Não há notícias relacionadas.

i) Dia 7 de setembro

Não há notícias relacionadas.

j) Dia 8 de setembro

Vanderlei foi destaque na edição do dia 8 de setembro, mas dessa vez, longe do Caderno de Esporte. Sua aparição foi no Primeiro Caderno da Folha de S. Paulo ressaltando que o maratonista era um dos destaques nos festejos do dia 7 de setembro em Brasília. O fato já o colocava com status de celebridade, na qual, todo o processo de espetacularização que foi composta na Olimpíada passava a ser repercutido em outras esferas.

k) Dia 9 de setembro

Não há notícias relacionadas.

l) Dia 10 de setembro

Não há notícias relacionadas.

m) Dia 11 de setembro

Não há notícias relacionadas.

n) Dia 12 de setembro

Não há notícias relacionadas.

o) Dia 13 de setembro

Não há notícias relacionadas.

p) Dia 14 de setembro

A manchete personalizou o grego que ajudou Vanderlei na prova quando houve o “ataque” do ex-padre e destacava: “Anjo de Vanderlei pede apenas um aperto de mão”. Nas frases, palavras como “coração” e “força” para personificar Vanderlei são utilizadas. O próprio grego que ajudou o maratonista foi considerado um herói anônimo pela reportagem. E o interessante é que o Jornal a Folha de S. Paulo resolveu contar a sua própria odisséia em busca de identificar a identidade do “anjo”. Para isso buscou as autoridades locais e publicou em um jornal local com o objetivo do grego se identificar, fato que realmente ocorreu.

Figura 37 - Folha 14/9

FOLHA ESPORTE

PÁGINA D 1 ★ SÃO PAULO, TERÇA-FEIRA, 14 DE SETEMBRO DE 2004 ★ CONCLUÍDO ÀS 22H59

Tel: (11) 3113-2244
E-mail: esporte@folha.com.br
Fax: (11) 3113-2200

Serviço de atendimento ao assinante:
Grande São Paulo: (11) 3113-2244
Demais localidades: (0800) 701-8080



O ex-padre Cornelius Horan avança sobre Vanderlei Cordeiro de Lima na maratona, disputada no dia 29 de agosto, mas é contido pelo grego Polyvios Kossivas, que...

Eu infelizmente não tive a chance de apertar suas mãos. Um dia, espero encontrá-lo e explicar como é grande minha admiração pelo feito que ele conseguiu, contar que respeito sua coragem e força e, finalmente, dizer que ele é o verdadeiro medalhista de ouro na maratona

Mensagem que Polyvios Kossivas pediu para ser transmitida a Vanderlei Cordeiro de Lima

‘Anjo’ de Vanderlei pede apenas um aperto de mão

GUILHERME ROSÉGUMI DA REPORTAGEM

Folha acha em Atenas o ex-basqueteiro grego que apartou o maratonista de seu apressor irlandês e tudo o que ele quer agora é ver o brasileiro



...então, com sua mulher.

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo

q) Dia 15 de setembro

A matéria foca agora no anjo, o personagem que ajudou o corredor Vanderlei Cordeiro de Lima no momento mais crítico da corrida. E dessa vez o foco é a indicação do COB - Comitê Olímpico Brasileiro no desejo de trazer o grego ao Brasil.

r) Dia 16 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

s) Dia 17 de setembro

Não foi só no âmbito esportivo que Vanderlei se destacou. Com o carisma e reconhecimento internacional, ele também foi o destaque em eventos políticos do governo, como, neste caso, com o premiê japonês.

y) Dia 23 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

z) Dia 24 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

aa) Dia 25 de setembro

“Vanderlei curte fama e deixa treino de lado” foi a manchete que mostrava o novo ciclo na carreira do maratonista. “Sua agenda virou de ponta cabeça após o bronze obtido em Atenas. De convite para estrelar filme à participação em eventos inusitados - até para inauguração de uma farmácia seu nome foi lembrado -, ele esgota horários em situações que nunca encarou” (COUTO, 2004, p.3). Essa era a confirmação mais evidente que - agora considerado herói - as responsabilidades e as atividades do Vanderlei Cordeiro de Lima também tiveram que alterar.

ab) Dia 26 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

ac) Dia 27 de setembro**ad) Dia 28 de setembro**

Não houve notícias relacionadas.

ae) Dia 29 de setembro

Não houve notícias relacionadas.

Figura 39 - Folha 27/9/04

D 2 segunda-feira, 27 de setembro de 2004

ESPORTE

FOLHA DE S. PAULO

PAINEL FC

Confissão de culpa

Na resaca da derrota para o Grêmio, Marcelo Portugal Gouveia afirmou ontem que está satisfeito com o trabalho de Emerson Leão, que venceu apenas um dos cinco jogos que fez à frente do São Paulo. Mas criticou os jogadores que ele próprio contratou. "A gente contrata e espera o melhor, mas às vezes isso não acontece", justificou.

Muro das lamentações

No aniversário do conselho Orlan Ayres de Alencar, que reuniu ontem boa parte da cúpula são-paulina, todos reclamaram muito do time ao presidente.

Para Cristo

A torcida vascaína resolveu pegar no pé do goleiro Tadić, que chegou ao clube com a credencial de ser amigo do também servo Petković. Na derrota para o Palmeiras, toda vez que agarra a bola fácil, a torcida aplaudia. Quando bateu a cabeça na trave ao defender chute de Alencar, ouviu o coro: "É seleção".

Ver para crer

O Manchester United revelou hoje quanto paga aos agentes que cuidam dos contratos de seus jogadores e aos envolvidos em suas transferências, segundo o "Financial Times". A transferência do volante Kleberson do Atlético-PR para o clube inglês, no ano passado, foi uma das negociações a gerarem polêmica.



Da água para o vinho

Antes reticente em relação à construção de um novo estádio para o Corinthians, a MSI quer agora a exclusividade na exploração de uma futura arena. Só não está certo se o assunto será incluído no eventual contrato de parceria ou num fidejussório para tratar do "Fielão".

Passaporte à mão

O iraniano Kia Joorabchian deve desembarcar até a próxima quinta-feira no Brasil. Para, segundo disse em Londres, assinar contrato de dez anos com o clube do Parque São Jorge.

Pé-frio

Nelson Nastasi, presidente da Confederação Brasileira de Tênis, nem chegou a assistir ao único ponto brasileiro ontem na Davis, em Brasília. O dirigente havia abandonado sua posição naquela hora para ir comer.

Filme antigo

Após obter três medalhas no Chile, em etapa da Copa do Mundo, Daniele Hypólito teve negado pedido para ir ao Rio. A CBG alega que os Flamengo não teria treino e técnico adequados ao programa. No passado, suas idas evindas entre Rio e Curitiba já foram causa de atritos.

Na mesma

A Confederação Brasileira de Desporto Universitário espera saber do COB nesta semana se a entidade vai liberar verba do desporto estudantil para seus representantes participarem do Mundial de Futsal. A CBUD acreditava que após a normatização da Lei Piva passaria a receber diretamente o dinheiro, mas sua expectativa foi frustrada.

Para poucos

Popó comemorou no fim de semana com "Sexta modesta, só

ATLETISMO Maratonista quer viajar à Colômbia para retomar seus treinamentos

Após rotina de celebridade, Vanderlei pede dias de paz



Vanderlei Cordeiro de Lima (de branco) participa de corrida na Cidade Universitária, em São Paulo

GUILHERME ROSQUEMI
DA REPORTAGEM LOCAL

O bebê ainda não completou um ano e parece assustado no meio de tanta bulharia.

A mãe nem liga. Sorriteira, chega com o filho bem próximo ao atleta olímpico mais badalado do Brasil no momento e dispara: "Pega ele no colo, por favor, que eu preciso fazer uma foto".

Vanderlei Cordeiro de Lima, 33, aceita o pedido sem titubear, segura a criança com cuidado e sorri quando o flash pipoca.

A cena aconteceu ontem, em São Paulo, na primeira apresentação do maratonista após o bronze obtido em Atenas — ele percorreu 5 km em uma corrida de revesamento, na Cidade Universitária.

O ato representa, com exatidão, como o atleta encicou a transformação de anônimo em herói nacional desde o dia 29 de agosto, quando superou o ataque do irlandês Gormley para chegar ao pódio na Olimpíada.

De cerimônias no Palácio da Alvorada à inauguração de farmácias no interior do Paraná, Vanderlei recebeu os mais variados convites de sua carreira nesse período. E negou pouquíssimos.

"Tento fazer tudo o que me pedem. Eu juro que nada disso me incomoda", conta o atleta.

Mesmo assim, sabe que a festa precisa ter fim. Ontem, ao ter a real dimensão de seu impacto com o público, concluiu que deve deixar o país para retomar ao cotidiano dos treinos solitários.

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo

5.2.3 Jornada do Herói - Vanderlei

Na cobertura da imprensa sobre Vanderlei Cordeiro de Lima, ao colocarmos dentro do contexto idealizado por Campbell, é possível constatar todos os principais arquétipos dentro da análise realizada. Diferente de Senna, o maratonista foi alçado na função de "Herói" após um fato inusitado, de forma rápida, da noite para o dia. Mas ainda assim, só consegue este status porque vence os obstáculos pelo caminho e ganha grande admiração. O "Arauto" está simbolicamente colocado na "carta", destacado no dia 31 de agosto na Folha de S. Paulo na reportagem "Lima tira a sorte na maratona nas cartas" (FILHO, 2004, p. D3). Na notícia é destacada: "Sem credencial, treinador do medalhista na maratona teve acesso limitado ao pupilo e o incentivou por escrito".

O “Mentor” está na figura do próprio treinador do atleta que o incentivou através das cartas que o “Herói” fosse para a aventura. Já o “Guardião de Limiar” está nas situações vividas pelo atleta na infância e até posteriormente, quando atuou como bóia-fria. Os jornais, o Globo e a Folha de S. Paulo repetiram essas informações diversas vezes para enfatizar o seu poder de transformação e superação ao obstáculo. A “Sombra” está na figura controversa do ex-padre Cornelius Horan e os jornais fazem questão de ressaltar sua figura de vilão através de seu histórico, como na reportagem do dia 3 de setembro “De volta ao banco dos réus” (O GLOBO, 2004, p. 39)

O ex-padre é acusado de ter molestado sexualmente crianças em dois episódios ocorridos em 1990 e 1993 e pode ser condenado a cinco anos de prisão. Ele já passou algumas semanas atrás das grades no ano passado, em represália à invasão da pista do Autódromo de Silverstone durante o GP da Inglaterra de Fórmula-1. Pela gracinha em Atenas, Horan foi condenado a um ano de prisão pela Justiça grega caso volte a perturbar eventos esportivos, além de ter sido multado em 3 mil euros, valor que, por sinal, ainda não pagou. (DUARTE, 2004, p. 39)

Além disso há o Pícaro, neste caso, na função do grego Polyvios Kossivas, que ajudou o atleta no momento mais difícil da maratona nas Olimpíadas, quando colaborou para que o atleta brasileiro voltasse à prova depois do ex-padre o ter empurrado. Tanto na Folha como no Globo sua figura funciona como um artifício mais descontraído da narrativa, até pela forma humilde do grego se comportar diante das novas entrevistas, como na reportagem do dia 14 de setembro: “‘Anjo’ de Vanderlei pede apenas um aperto de mão” (ROSEGUINI, 2004, p. D1).

Novamente na história contada pelos dois impressos nos 30 dias de análise, observa-se a presença do Monomito em seus três estágios: *Partida*, *Iniciação* e *Retorno*. A partida caracterizada pelo seu início de carreira difícil e também antes da prova, na sua concentração no parque olímpico incentivado pelas cartas do treinador; a iniciação, tendo como auge a prova da maratona e sua recuperação, e o seu retorno, a parte mais explorada pela imprensa, com os desdobramentos que sua conquista de superação representou. Neste terceiro estágio, destaque para a etapa: “A negativa ao regresso”, quando é possível encontrar notícias em ambos os seus veículos sobre o desejo de apenas voltar a pescar, de treinar e esquecer todo o holofote da mídia em cima dele.

5.3 Seleção Brasileira

Quando falamos em futebol e ainda por cima de Seleção Brasileira, a abordagem subjetiva da imprensa se torna ainda mais enfática em sua cobertura. Narrar uma vitória ou derrota no esporte significa selecionar principais personagens e acontecimentos, situar no tempo e no espaço, conferindo-lhe assim um sentido. No entanto, como a torcida e os jornalistas compartilham um entusiasmo ainda maior pela seleção na modalidade, passa a se descrever uma narrativa com contornos dramáticos, com uma supervalorização de conquistas e derrotas ainda mais intenso. O foco na informação em si sempre está acompanhado de adjetivações, de um tom mais literário ou de opiniões enraizadas.

Quando se trata da seleção em Copas do Mundo, o tema costuma provocar discussões ainda mais acaloradas. Nas vitórias, ícones, heróis, guerreiros. Na derrota, tons de indignação e tristeza dão a tônica das reportagens que vão ser consumidas pelo público, na qual, sempre se busca um vilão, um culpado, ou muitas vezes, mais do que um, mesmo que ele não tenha entrado em campo como técnicos e dirigentes.

Esse cenário que coloca a derrota com uma força devastadora está muito atrelado a uma derrota que marcou a história do futebol brasileiro, a de 1950, ano em que ocorreu a perda do título de campeão mundial dentro do próprio país para o Uruguai. Na época, Bigode e Barbosa foram acusados de terem cometido erros decisivos no jogo. As falhas não teriam sido de problemas de ordem tática ou técnica, mas sim à possibilidade de ambos terem se acovardado diante dos uruguaios.

Registros apontam que antes dessa data, não ocorria o sentimento de ‘luto’ ou de “escolha de vilões” diante das derrotas do selecionado nacional em Copas do Mundo, já que o país não produzia bons resultados. Rodrigues (2004, p. 113) indica que, entre 1930 até 1938, o nosso país tinha “uma longa e terna convivência com a derrota”, e pelo fato da seleção não ser tão próxima da vitória, a relação com o fracasso fluía sem excessivo desespero. Com melhores resultados aumentou-se a expectativa e o inevitável espanto diante da perda de um título. A derrota passou a ser considerada o desvio do caminho natural da vitória. Na época, em 1950, registros apontam que existia um auto esforço da mídia em tentar explicar a derrota e responder à pergunta, “por que o Brasil perdeu?”. Essa talvez seja a pergunta chave para as matérias ainda produzidas hoje que buscam uma explicação plausível diante de cada nova derrota da seleção em Copas do Mundo, principalmente as que resultam em eliminação da competição. Como demonstra Schmitz (2001), dependendo das circunstâncias, um erro, em princípio natural, pode

ser potencializado e super focado pela imprensa, e a pessoa que o cometeu transformado em “vilão” ou “traidor da pátria”.

Se em 1950 houve a criação do vilão no futebol de forma mais fortalecida, após as conquistas da Seleção Brasileira, em 1958, 1962 e 1970 – e a “confirmação da superioridade brasileira nos gramados” –, a pergunta “por que o Brasil perdeu?” se transformou no mote preferido para a busca dos culpados, além de ser o fio condutor das narrativas da derrota produzidas, principalmente, pela imprensa. Novos vilões apareceram, muitos chamados de covardes, mascarados e mercenários no âmbito futebolístico ou sempre erguidos em antítese. O vilão erra, como o herói, só que de forma displicente, relapsa e sem esforço. O vilão é um “traidor da pátria” porque trai as expectativas da torcida e da imprensa.

E quanto maior a expectativa, maior pode ser a decepção. Em 2014, isso não foi diferente. O otimismo em relação ao desempenho da Seleção Brasileira na Copa do Mundo realizada no Brasil era enorme. Isso criou uma responsabilidade a mais para atletas e comissão técnica e fez com que, antes mesmo de estrear, os jogadores brasileiros fossem descritos como heróis nacionais, os guerreiros, representantes de 200 milhões de pessoas. Os únicos capazes de reacender o país para um caminho de felicidade.

De fato, alguns deles já haviam justificado esse otimismo e *status* durante suas respectivas carreiras. A conquista da Copa das Confederações, também no Brasil, no ano anterior (2013), levantou a autoestima e o clima positivo. A vitória na final da competição em cima da ex-campeã Mundial, Espanha, por 3x0, reforçava uma sensação de invencibilidade do Brasil. O time contava também com craques de nível internacional, alavancados por Neymar, que constituía a trajetória típica de uma saga heroica, e de zagueiros que eram considerados como verdadeiros guerreiros pela sua raça em campo, caso de David Luiz e Thiago Silva. Sem falar do técnico Luiz Felipe Scolari, aquele que foi capaz, apesar de toda adversidade, conquistar a Copa do Mundo para o Brasil em 2002. Que seria, então, o “comandante”, o “general” e “líder” capaz de fazer com que chegássemos a mais um novo triunfo.

No entanto, da mesma forma que se enaltece nas vitórias, quando o Brasil perde, invertesse esse papel. Principalmente, se a derrota determina o fracasso definitivo na competição. O técnico Luiz Felipe Scolari experimentou esse amargo gosto na Copa do Mundo de 2014. O antes salvador, que fez o Brasil conquistar o pentacampeonato mundial em 2002, foi crucificado doze anos depois diante da vexatória derrota de 7x1 sobre Alemanha e 3x0 sobre a Holanda. O sentimento de fracasso, de perda e luto nacional tomado pelos brasileiros, teve pela mídia alguns vilões e responsáveis, que não pouparam, principalmente, o técnico Felipão

A seguir, na parte da análise da Seleção Brasileira, serão apresentados os próximos 30 dias de cobertura dos jornais O Globo e Folha de S. Paulo após a derrota para Alemanha por 7x1 e como esses dois veículos de comunicação realizaram a cobertura com ênfase na Seleção Brasileira. Notou-se que o futebol possui um viés muito dinâmico e acelerado, tendo assim a característica da lamentação, da revolta, da crítica e do otimismo. Os analistas esportivos constataram que o futebol brasileiro conduzido pelo técnico Luiz Felipe Scolari e pela CBF - considerada retrógrada - seria o responsável pelo fracasso. E nesse ponto, vários elementos comportamentais, de relacionamento, de conduta e até de posicionamento político foram utilizados como forma de chancelar a crítica.

02/06/2014 11:00:00 Capa 2014 9

"Se achava que poderia ser um time que as pessoas se fudiam com a vontade que dá de ir e que se jantava?"
BRUNO LAURINI
 Diretor de futebol

"Se a gente não temia o Brasil, tem que temer o futebol, de todo jeito que é importante técnico, jogador, tudo?"
JOSE CARLOS LIMA
 Treinador

"Adrenal e novidade do futebol, de ele ser muito diferente e responsabilidade, a Alemanha se tem uma oportunidade?"
VALERIA LIMA
 Atre

"Como assistir que a gente não durava mais a noite, estava muito mais impressionado pela forma como?"
FERNANDES
 recém-chegado ao Brasil

Reunidos: jogadores e técnicos, jogadores. O técnico brasileiro não mudou de ideia, mas a ideia mudou. O Brasil não tem o mesmo futebol que tinha em 2010. O Brasil não tem o mesmo futebol que tinha em 2010. O Brasil não tem o mesmo futebol que tinha em 2010.

Um técnico anestesiado

PALARINHO

DO LEMBRADO

Felipão diz não se arrepender de nada e explica que não tem nada em comum com Bernard para confundir o técnico alemão

Maneja-fôceca

interrogatório. O técnico brasileiro, que já foi treinador de jogadores como Ronaldo, foi questionado sobre a sua atuação. Ele disse que não se arrepende de nada e que não tem nada em comum com Bernard. Ele também disse que não se arrepende de nada e que não tem nada em comum com Bernard.

...a ideia de que o Brasil não tem o mesmo futebol que tinha em 2010. O Brasil não tem o mesmo futebol que tinha em 2010. O Brasil não tem o mesmo futebol que tinha em 2010.

...a ideia de que o Brasil não tem o mesmo futebol que tinha em 2010. O Brasil não tem o mesmo futebol que tinha em 2010. O Brasil não tem o mesmo futebol que tinha em 2010.

ESPAÇO PARA JOGAR

Desempenho eficaz

Corredores para jogar

Finalizações centralizadas

...a ideia de que o Brasil não tem o mesmo futebol que tinha em 2010. O Brasil não tem o mesmo futebol que tinha em 2010. O Brasil não tem o mesmo futebol que tinha em 2010.

D4 **FOLHA DE SP** • 15 DE JULHO DE 2014

BRASIL 2014

Na Copa, atitudes do técnico, que teve a saída oficializada, ontêm, irritaram CBF e atletas

DUAS VEZES FELIPÃO

Técnicos da seleção da Copa e volta a ser goleador da história da seleção

OPINIÃO PÚBLICA

Pesquisa Ipsos, 21 de maio 2014
Quanto você acha que o técnico da seleção da Copa de 2014 fez de errado?

Resposta	Porcentagem
Muita coisa	74,4%
Pouca coisa	25,6%

Resposta correta

Opinião pública

Resposta correta

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Opinião pública

Resposta correta

Opinião pública

Resposta correta

Opinião pública

Resposta correta

Opinião pública

Resposta correta

Opinião pública

Resposta correta

Opinião pública

Resposta correta

Opinião pública

Resposta correta

Opinião pública

Resposta correta

Opinião pública

Resposta correta

Opinião pública

Resposta correta

Opinião pública

Resposta correta

Opinião pública

Resposta correta

Opinião pública

Fonte: Acervo Folha

Legenda: O técnico Felipão é colocado como um dos responsáveis pelo fracasso

Após esse momento de condenação, o noticiário esportivo passou a criar a expectativa de que o novo técnico substituto seria o “salvador da pátria”, capaz de inovar e modernizar o futebol. No entanto, a escolha do Dunga como sucessor de Felipão fez com que o novo técnico assumisse o novo comando - nesta trama chamada Seleção Brasileira - como vilão. Como ex-técnico do Brasil entre 2006 a 2010, Dunga também foi crucificado no passado por perder a Copa do Mundo de 2010 e pelo seu relacionamento de atrito com a imprensa. Dentro da Jornada do Herói, “Dunga” seria o quem Campbell consideraria como Camaleão. Aquele que possui uma personalidade dúbia, na qual não se há a certeza se está do lado do bem ou do mal.

5.3.1 Jornal O Globo

a) Dia 9 de julho

Na edição do dia 9 de julho, o jornal O Globo apontou o sentimento da maioria dos brasileiros após a derrota da Seleção Brasileira de Futebol para Alemanha por 7x1: “Vergonha, vexame, humilhação”. Essas foram as palavras mais destacadas naquele momento. No ato futebolístico, aquela derrota foi comparada ao “pior vexame de toda a história da seleção brasileira”, que completava 100 anos da sua primeira partida exatamente em julho de 1914. Já na capa, o jornal deu as primeiras nuances do culpado pelo incidente: “O técnico Felipão surpreendeu ao escalar Bernard na vaga de Neymar, afastado por lesão na coluna, tendo treinado essa formação apenas alguns minutos na Granja Comary. [...] ‘Eu queria confundir o técnico deles’, disse. Confuso ficou o time, que levou cinco gols até os 28 minutos do primeiro tempo, quatro em um intervalo de seis minutos”. Dentro do Caderno de Opinião, no artigo escrito por Fernando Calapez, há dois grandes culpados: a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e os técnicos - que não se atualizaram a nova linguagem do futebol. (CALAPEZ, 20014, pág. 2),

Outro ponto ainda no dia 9 de julho está na crítica fortíssima da avaliação da atuação dos jogadores, inserindo características que diminuía os atletas. Já a matéria “Vexame que torna honrosa a derrota de 1950”, suscita um debate para que o futebol brasileiro recupere a identidade perdida. O que é interessante perceber também é que a alçada de críticas ao Felipão e a dirigentes da CBF passam da parte técnica do time para destacar posturas controversas para a reportagem.

[illegible]



Fonte: Acervo O Globo

b) Dia 10 de julho

A capa destaca mais uma fala do técnico brasileiro: “Para Felipão o desempenho não foi ruim”. O jornal já começa a procurar possíveis substitutos como um sinal da necessidade urgente de mudança. No caderno especial, a manchete ironiza uma de suas declarações: “Para Felipão, Brasil foi bem”.

Figura 42 - Globo 10/7



Fonte: Acervo O Globo

Há destaque também para a fala do coordenador técnico da Seleção Carlos Alberto Parreira que indicou: “tudo funcionou”. A ênfase estava na tentativa de defesa para diminuir os impactos que aquela derrota provocava. Em outra reportagem o foco está nos “sete pecados

capitais” da seleção com muitos “por quês?” abertos. Ainda assim, há uma tentativa do Jornal O Globo de buscar um ânimo para a última partida, que seria a disputa do terceiro lugar.

c) Dia 11 de julho

Novamente as análises para indicar possíveis culpados não faltaram nas páginas do O Globo do dia 11. As crônicas esportivas foram as que mais exploraram essa vertente e abordagem. Nas colunas do Fernando Calazans e do Renato Maurício Prado, por exemplo, o culpado da vez pelo momento do futebol brasileiro está nas divisões de base, que já não formam grandes jogadores. Neymar colocou seu ponto de vista após a derrota. Por não ter jogado e ser considerado a grande estrela do futebol brasileiro - de certa forma - foi poupado de críticas e até elogiado por aparecer para dar as caras após a derrota. Várias notícias mostraram muitos torcedores ainda solidários e apoiando o Brasil, independente do resultado (haveria o jogo contra a Holanda). Em mais entrevistas, a culpa está sempre focada no país ter parado no tempo. Não ter se atualizado e isso passa muito pela forma como o Brasil joga e o que o Felipão escolheu como esquema tático principal.

Figura 43 - Globo 10/7/14



Thiago Silva
vê geração
marcada
pelo placar

Caçador não acha que sua presença em campo tratada a história do jogo

Caçador não acha que sua presença em campo tratada a história do jogo

Caçador não acha que sua presença em campo tratada a história do jogo

d) Dia 12 de julho

Todas as reações de jogadores e técnicos passaram a ser avaliadas de forma negativa. Se antes uma dança era símbolo de bom astral, de grupo unido, isso passou a ser questionado como na legenda da foto: “E eles ainda dançam” (em referência aos jogadores) ou como na manchete do Caderno de Esporte “E ele ainda quer ficar...” (em referência ao técnico Felipão que indicou a vontade de permanecer na seleção pós-copa e só saia se a CBF o demitisse).

A coluna de Calazans repercute a entrevista de Neymar um dia antes, enaltecendo a postura do jogador em assumir os erros da seleção, ao mesmo tempo condenando a entrevista da comissão técnica que “não têm o hábito, ou a humildade, de admitir as derrotas, nem mesmo as mais normais e transparente” (CALAZANS, 2014, p.2). O foco da edição também está no comportamento das duas seleções para final: Alemanha e Argentina.

e) Dia 13 de julho

A capa deu o tom para se assemelhar como a do jogo anterior: “Mais do mesmo: Brasil se despede com novo vexame”. O fato da capa é referência à derrota para Holanda por 3x0 em Brasília na disputa para o terceiro lugar. No Caderno de Esporte a derrota foi indicada com a expressão “deprimente” e buscou ironizar o técnico brasileiro: “Brasil dá novo vexame e Felipão elogia” (O GLOBO, 2014, p.1).

f) Dia 14 de julho

“Mais do mesmo: Brasil se despede com novo vexame”, essa foi a manchete do Globo para indicar a derrota de 3x0 para a Holanda na semifinal. As tentativas da comissão técnica em indicar que o Brasil esteve no caminho certo e que o jogo contra a Alemanha tinha sido uma pane de seis minutos (período que levou quatro gols), foram abaixo após a derrota elástica contra a Holanda e a imprensa não perdoou essa situação. Com 13 minutos de jogo já estava 2x0 para a Holanda. Tudo isso foi o suficiente para criar mais munição contra as próprias declarações do Felipão. Na análise e notas dos jogadores, a menção à Felipão já estava evidente, principalmente, com a nota 0 recebida: “Vá embora! Seu time, novamente, não conseguiu produzir um futebol digno. Merece ser demitido” (A FOLHA DE SÃO PAULO, 2014, p.5). Em outra matéria mais críticas ao comportamento do treinador em não admitir o mau momento: “Universos paralelos e desconectado”. “Felipão parece totalmente desconectado da realidade. Continua com o discurso de que tudo de ruim que acontece com o Brasil no Mundial se resume a seis minutos de pane contra a Alemanha. Tanto que ontem ele chegou ao cúmulo de afirmar que os jogadores brasileiros merecem aplausos por sua participação na Copa.” (A FOLHA DE SÃO PAULO, 2014, p.5). Houve um show de desculpas dos jogadores repercutidas pelo jornal.

E já colocavam possíveis treinadores como opções para substituí-lo, inclusive, nomes internacionais, como o técnico português Mourinho.

g) Dia 15 de julho

Dia 15 de julho foi confirmada a demissão do Felipão na Seleção Brasileira de Futebol. Na charge do Chico, na capa, o chargista ironiza com Felipão emocionado e acenando com o troféu de ouro do seu próprio rosto, sinalizando as declarações do técnico de que o trabalho foi bem conduzido e o melhor possível. Houve novamente um indicativo de possíveis técnicos que podem substituir Felipão dentro do Caderno de Esporte. Foi destacado também o recebimento como heróis tanto da Alemanha como da Argentina em seus países.

Figura 44 - Globo 15/7/14



Fonte: Acervo O Globo

h) Dia 16 de julho

O Caderno de Esporte destaca a busca brasileira ainda pelo novo informando que a CBF deve indicar primeiramente um coordenador técnico no dia seguinte. Felipão não foi citado, apenas o antigo coordenador técnico da seleção que apontou deficiências na formação do jogador brasileiro como uma das causas do mau momento da seleção.

i) Dia 17 de julho

O Caderno de Esporte do O Globo destaca a dança das cadeiras dos técnicos pós Copa, incluindo a do Luiz Felipe Scolari. Entre 11 e 16 seleções terão mudanças de técnico. A reportagem apresenta o motivo - que são variados sobre as mudanças de treinador. No caso do

Brasil, a reportagem indica: “Luiz Felipe Scolari saiu após o enorme desgaste provocado pelas derrotas acachapantes para Alemanha e Holanda nos dois últimos jogos do Mundial”.

j) Dia 18 de julho

O jornal explorou a reformulação que a CBF procura após a Copa do Mundo. Foi apresentado Gilmar Rinaldi, novo coordenador de seleções. Em entrevista coletiva, ele destacou sobre as mudanças que deseja implementar. Houve um clima, nas próprias linhas do texto, que davam um sinal de incerteza e esperança.

k) Dia 19 de julho

Os jogadores da Seleção Brasileira foram citados, mas a ótica era de valorização de mercado, que mesmo com o resultado da Copa do Mundo, os defensores do Brasil estavam valorizados.

l) Dia 20 de julho

No Caderno de Esporte, com o título “Fábrica de craques”, o jornal O Globo mostrou a fórmula utilizada pela Alemanha para que o futebol conseguisse ser campeão do mundo. E a receita estava no projeto de formação de talentos, no qual investiu 700 milhões de euros. A matéria mostrou como um caminho a ser seguido pelo Brasil. Houve também a cogitação do novo técnico da seleção, na qual, pela primeira vez, surge como hipótese Dunga, ex-técnico na Copa de 2010. A hipótese fez com que os colunistas enchessem de críticas essa possível escolha, já que ele não era considerado pelos críticos especializados como uma boa opção.

m) Dia 21 de julho

A confirmação da contratação de Dunga aconteceu. Na manchete, a reportagem indicou: “No momento em que a seleção busca a identidade perdida, CBF resgata símbolo do futebol de resultado.” “No momento em que o esporte pede socorro para recuperar a identidade e o prestígio de outrora, a CBF contratou um ex-empresário de jogador, Gilmar Rinaldi, para coordenar a reestruturação, e anunciará, amanhã, a volta do técnico Dunga, símbolo do futebol de resultados e da combatividade” (GUEIROS, 2014, p.1). Na coluna do Calazans, ele define o técnico como “Um Felipão piorado”. “Dunga não passa de um Felipão piorado, sobretudo em termos de grosseria e falta de educação. Com essa CBF que nós temos, de Marín e Del Nero, não é possível esperar coisa melhor” (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p.2).

Figura 45 - Globo 21/7/14



Fonte: Acervo O Globo

n) Dia 22 de julho

No Caderno de Esporte houve uma reportagem traçando a personalidade de Dunga e como ele se tornou uma figura ao mesmo tempo controversa no futebol.

o) Dia 23 de julho

Dentro das matérias do Jornal O Globo houve uma desconfiança com a escolha do técnico. No título do Caderno de Esporte a seguinte manchete deu o tom dessa abordagem: “Sem revolução - por resultados para se afirmar, Dunga prega rejuvenescimento gradual”. Na matéria, o treinador se mostrou mais ameno, principalmente, na busca de ter uma boa relação com a imprensa, algo que não aconteceu na primeira passagem dele como técnico e nem quando era jogador nos anos de 1990.

p) Dia 24 de julho

A seleção voltou a pauta e o nome da comissão técnica foi o que chamou a atenção no Caderno de Esportes do Globo deste dia 24 de julho. A escolha de ex-companheiros do Mundial dos EUA, como Taffarel e Mauro Silva são noticiados.

q) Dia 25 de julho

Dunga vivava o centro das atenções, substituindo o lugar como a nova figura controversa da seleção brasileira. E a desconfiança em cima dele fez com que vários momentos do seu passado fossem investigados, como possível intermediário de jogadores.

r) Dia 26 de julho

Na crônica Panorama Esportivo, apesar de ver como incerto o funcionamento da nova comissão técnica, há a consideração de que houve um acerto: Dunga não assumir a seleção brasileira nas Olimpíadas por conta dos resultados passados. Toda vez que um mesmo técnico assume os dois comandos o país não vai bem.

s) Dia 27 de julho

A escolha do Dunga como técnico da seleção brasileira ainda estava engasgada pelo colunista Fernando Calazans: “Os outros eram melhores”, em referência à declaração do coordenador da seleção Gilmar Rinaldi, que destacou outros quatro nomes cotados para assumir o cargo: Muricy Ramalho, Cuca e Marcelo Oliveira.

Figura 46 - Folha 27/7



Fonte: Acervo O Globo

t) Dia 28 de julho

No dia 28 de julho, a entrevista do técnico Dunga para o Fantástico foi repercutida, onde ele falou o que viu de errado na seleção durante a Copa do Mundo e como pretendia imprimir seu trabalho.

u) Dia 29 de julho

Um dos símbolos da derrota do Brasil, o atacante Fred é destacado na edição. Apesar da má fase, seu técnico no Fluminense indica que ele em breve voltará a ter oportunidade também no clube.

v) Dia 30 de julho

O técnico Felipão foi contratado pelo clube brasileiro Grêmio, do sul do país. A notícia ganhou destaque já que ele assumia a equipe gaúcha alguns dias depois do vexame na Copa do Mundo.

w) Dia 31 de Julho

A apresentação do novo técnico do Grêmio ganhou repercussão novamente. As reportagens mostram um mundo paralelo no time gaúcho, onde foi recebido por cerca de 8 mil torcedores. Felipão buscou se defender das críticas também relacionadas à derrota da Copa do Mundo. Destaque para a matéria:

Scolari voltou a reclamar do uso pejorativo da goleada sofrida para a Alemanha sobre sua carreira como treinador. O técnico fez questão de ir contra todos os fatos e insistiu em rejeitar a ideia de que ficará marcado para sempre pela derrota. - Pode ter reflexo dentro da imagem que algumas pessoas têm do resultado na final da Copa do Mundo. No cômputo geral, não. Eu acredito que os resultados gerais não dão a oportunidade, que algumas pessoas usaram, para manifestar isso de uma forma muito pejorativa quanto a tudo aquilo que eu fiz até hoje. Os dados que podem ser observados são diferentes - disse. (ILHA, 2014, p.34)

w) Dia 1 de agosto

Personagens como Dunga, CBF e dirigentes de futebol foram citados em matérias no Caderno de Esporte, mas as pautas não possuíam ligação direta com a Copa do Mundo ou com a preparação da Seleção Brasileira.

x) Dia 2 de agosto

O lado negativo deu lugar, agora, a expectativa do que realmente aconteceria com a seleção tendo o seu mais novo comandante. Em matéria no dia 2 de agosto do Jornal O Globo, a pauta foi sobre o próximo amistoso da seleção contra a Colômbia e o Equador e a expectativa de quais atletas seriam convocados.

y) Dia 3 de agosto

Não houve notícias relacionadas.

z) Dia 4 de agosto

Não houve notícias relacionadas.

aa) Dia 5 de agosto

Não houve notícias relacionadas.

ab) Dia 6 de agosto

Não houve notícias relacionadas.

ac) Dia 7 de agosto

Descobrir fórmulas para transformar o futebol brasileiro foi uma das pautas do O Globo no dia 7 de agosto. Para isso, traz uma entrevista com o técnico e ex-jogador Leonardo, que destaca situações ruins na gestão do futebol no país que fizeram culminar na goleada no 7x1. A tão sonhada reformulação que se prometia também já mostrou os primeiros passos. Houve mudanças da caracterização inicial e planejamento para o Pós-Copa e uma outra notícia do O Globo destacou esses pontos.

ad) Dia 8 de agosto

30 dias após a derrota para a Alemanha por 7x1, o Globo destacava algumas situações ainda da partida perdida pelo Brasil. Entre eles a desconfiança em cima do jogador David Luiz, na apresentação do seu novo time PSG, já que teve uma contratação milionária antes da Copa e depois da competição teve a sua imagem abalada pela derrota elástica na Copa. Há também o indicativo sobre um site chamado brasilalemanhaeterno que replica a soma de 7 a 1 para Alemanha a cada 90 minutos. O título da matéria foi: “Quando o vexame dura para sempre”.

5.3.2 Folha de São Paulo

a) Dia 9 de julho

“Seleção sofre pior derrota da história” é a chamada da capa da Folha de São Paulo, que reservou sua primeira página praticamente a esse assunto. A foto - já com um tom de luto e apagão -, apenas com o placar no estádio, reflete o sentimento escolhido para destacar essa situação de dificuldade.

Figura 47 - Folha 9/7/14



Fonte: Acervo Folha de São Paulo

Praticamente todos os colunistas da Folha colocaram seus posicionamentos, desde a atuação ruim do time, até a repercussão política. Juca Kfoury: “Goleada espantosa ensina que humilhação dói menos que golpe inesperado como o de 1950”; Antônio Prata: “Se para algo servir o massacre, que seja para passarmos a acreditar menos na mágica e mais no trabalho”; Tostão: “Desculpa de que Brasil perdeu pelos desfalques não faz sentido, diante da superioridade alemã”; Rosely Sayão: “É hora de apoiar as crianças, acolher o choro e mostrar que o erro é uma oportunidade de aprendizado”; PVC: “É necessário um processo de renovação total para que o futebol brasileiro sobreviva”; Igor Gielow: “Ao fim, a Copa trazida no auge da euforia da era Lula virou uma bomba para os políticos”. O Caderno de Esporte não foi diferente com uma cobertura bem ampla sobre a derrota tendo como Felipão o maior culpado.

Figura 49 - Folha 10/7/14

FOLHA DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 2014

ilustrada E9

Ueba! Somos Todos Fred!

JOSÉ SIMÃO

E o FelipANTA, o Touro de Rodeio? Jogaram gás paralisante no Felipanta? 5 X 0 e a anta paralisada!

um time feminino. Como aquele time de peladeiras da Vila Mimosa: Maria Randa Larga, Amélia Raspadinha, Vanda Teleférico, Claudinha UPP, Camila Disque Denúncia, Vilma Pamela Chela e Elza Bom Prato! É isso que tava faltando na Seleção: a Claudinha UPP. Rará! Rará!

Essa Copa não pode acabar nunca. A Copa não é a Seleção! Rará! Rará!

Ainda bem que nós sofre, mas nós goza!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinôgeno!

simao@folha.com.br
@jose_simao

BUENBIA! BUENBIA! Macaco Simão Urgente! O escultor-bador-geral da República! Oktoberfest! Oktoberfest fora de época! Morai da Seleção! Levamos um salsichão. Ponto.

Regna de pingue-pongue: 7 a 1, elimina! E como se diz "é tóis" em alemão? Se diz: "é trolha". Salsichão! Rará! Rará!

E o FelipANTA? Tem que tomar férias SCOLARIS! Pra sempre! Rará! Rará!

Não foi um papelão, foi um pastelão! Quase morri! De rir! Como se diz no Ceará: o que dá pra rir, dá pra chorar!

E jogador brasileiro gosta mesmo é de dar showzinho pra televisão. Demite todos. Por justa causa! Somos TodosFred! Não devia ter tido nem segundo tempo!

Como disse o tuitelro Amoeiro: "Por isso que eu gosto de UFC, quando o cara tá morrendo, o juiz manda parar". Rará! Rará!

E como gritou a tuiteira samarizdays em desespero: "Felipão, coloca o Fuleco e o Exoesqueleto!". Isso! Somos TodosFred!

E uma seleção sem vícios: não bebe nem fuma nem joga! Futebol é uma caixinha de gols. Da Alemanha!

E ainda bem que no intervalo a Alemanha não fazia gol. E diz que eles fizeram mais uns três gols no vestiário! Eles foram pro vestiário e continuaram fazendo gol! Rará! Rará!

E o FelipANTA, o Touro de Rodeio? Jogaram gás paralisante no Felipanta? 5 X 0 e a anta paralisada! Rará! Rará!

E a música tema do Felipão: "Não

E como gritou a tuiteira samarizdays em desespero: "Felipão, coloca o Fuleco e o Exoesqueleto!". Isso! Somos TodosFred!

E uma seleção sem vícios: não bebe nem fuma nem joga! Futebol é uma caixinha de gols. Da Alemanha!

E ainda bem que no intervalo a Alemanha não fazia gol. E diz que eles fizeram mais uns três gols no vestiário! Eles foram pro vestiário e continuaram fazendo gol! Rará! Rará!

E o FelipANTA, o Touro de Rodeio? Jogaram gás paralisante no Felipanta? 5 X 0 e a anta paralisada! Rará! Rará!

E a música tema do Felipão: "Não

adianta vir de guaraná porque só quero chocolate". Rará! Rará!

E se a seleção jogou assim pro Neymar, imagine se tivesse jogado pro Fred! Diz que o Fred não paga imposto de Renda, paga IPTU! Rará! Rará! E cambista devolve dinheiro? E a Dilma devia contratar uns jogadores cubanos! Queremos Mais jogadores! Rará! Rará!

É mole! É mole, mas sobe! E o Felipanta devia ter escalado



Fonte: Acervo Folha de São Paulo

Outro atleta que teve sua atuação ridicularizada foi o atacante Fred. Na coluna Copa e Cozinha foi indicado que Felipão buscava alternativas para movimentar o ataque após o desempenho pífio da dupla de cones Frederico (Fred) e João Alves (Jô). Nele, objetos são colocados como mais eficientes do que os dois atacantes. Houve também a entrevista com Felipão que buscou dar novas explicações e versões pela derrota.

Figura 50 - Folha Copa 10/7/14

D2 FOLHA DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 2014

COPA & COZINHA POR SANDRO MACEDO

146 X 19

NOVO ATAQUE
Felipão busca alternativas para movimentar o ataque após o desempenho pífio da dupla de cones Frederico e João Alves

6 gols
James Rodríguez (COL)

5 gols
Müller (ALE)

4 gols
Mori (ARG) e Neymar (BRA)

3 gols
Schuster (ALE), Enner Valencia (ECU), Bernardini (ITA), Robben e Van Persie (NED) e Shwartz (CHI)

2 gols
Rabiot, Klose e Klose (ALE), Robben e Simon (ALE), Cabal (ARG), David Luiz (BRA), Bony e Gervinho (CIV), Sánchez (CHI), Jackson Martínez (COL), Bryan Ruiz (ECU), Mandzukic e Perisic (CRO), Dempsey (USA), André Ayew e Karamoko (GAB), Deppe (MEX), Musa (NIG) e Suárez (URU)

ESTÁTICO
Sube quando posição e sempre fica onde Felipão quer. Beza a beza que corre 2 km a mais que Fred nos treinos.

JÔ BOBO
Não se arregaça: 10 Bolos é agi, sabe can para simular falta, mas logo beirada

AIR FRED
Jogador leve, que sabe usar os braços para ganhar vantagem e se bem no jogo aéreo

UM DIA PARA A INFÂNCIA
Até que é de outro for a pior dia da sua vida esportista! Para angula a choro e pensa no tamanho da sua

ARTILHEIROS



Fonte: Acervo Folha de São Paulo

c) Dia 11 de Julho

A escolha da imagem do Neymar, com os olhos chorando e o título grande com a palavra “Perdão” deu a clareza de uma tentativa de desculpa pela derrota, apesar do atleta não ter participado da partida e ser um dos poucos preservados pela imprensa após a derrota. A simbologia dos heróis está presente também na edição do dia 11 da Folha de São Paulo. Uma página inteira destacava diversos atletas na forma de personagens de super-heróis. E na chamada já ironizava a própria participação dos jogadores brasileiros: “Confira alguns craques do Mundial (e Fred) e como eles usaram seus superpoderes no Brasil:

“O homem invisível (Fred): Fred usou seus poderes para passar despercebido pela Copa. Fez até um gol (um a mais que Jô), mas poucos se lembram como foi. Hulk (Hulk): Único herói com nome na camisa, mas nunca foi incrível. Mas nada a dizer sobre o assunto.” (MACEDO, 2014, p.D2)

Figura 51 - Folha 11/7/14



Fonte: Acervo Folha de São Paulo

A edição colocou também o tão criticado cartola e presidente da CBF, José Maria Marin com o poder de também criticar e transferindo a culpa e a responsabilidade da derrota brasileira em cima do Felipão.

d) Dia 12 de julho

O destaque do dia 12 foi no confronto da Seleção Brasileira contra a Holanda, na disputa do terceiro lugar, mas a ótica já era, de certa forma, ressaltando números que poderiam se tornar os piores índices do país na Copa. Um dos indicativos disso foi a manchete: “Felipão encerra ciclo e tenta evitar novo fiasco”. Em outra matéria o jornal buscou fazer uma previsão de como o 7x1 poderá ser expressado, assim como o Maracanazo foi adotado para atribuir a derrota de 1950 contra o Uruguai. Era a expectativa de ter um título que representasse essa história e que ainda seria muitas vezes contada como o grande vexame da Seleção Brasileira de Futebol. Na manchete, “Vergonhaço ou Mineirazo podem batizar a queda, dizem especialistas”.

e) Dia 13 de julho

“Nocaute”, com essa chamada, a Folha de S. Paulo refletiu o atual momento da Seleção Brasileira. Após a derrota para a Holanda por 3x0 jogando mal, o sentimento era de devastação. Dentro da reportagem, no Caderno de Esporte foi destacado as vaias para o Felipão e que mais uma vez o técnico não cumpriu o que prometeu. “Felipão foi vaiado pelo estádio logo que o placar eletrônico estampou sua imagem. O treinador voltou a tática errada do despiste. Na véspera, dissera que faria duas ou três mudanças no time, que, no entanto, foi a campo com seis mudanças.” (ILHA, 2014, p. D4)

O jornal também deu certa a saída do técnico ao indicar que “derrota deixa situação de Felipão insustentável”. Entre tantas reportagens sobre a Copa do Mundo, uma chamou a atenção no Caderno de Esporte D3, que indicou: “‘Já deu’, afirma Fred sobre o seu futuro na seleção”. Nele, na verdade, se destacou várias falas dos próprios jogadores sobre a situação, com destaque para a fala do atacante brasileiro sobre a utilização da mídia do recurso de construção de herói ou vilão. “Aqui no Brasil se faz muito isso. Quando se ganha, criam um Deus. Quando perde, culpam um ou dois. A culpa é de todos por esses resultados” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014, p. D6).

f) Dia 14 de Julho

Os comparativos com o final da Copa do Uruguai surgiram novamente, em uma nota, quando a Folha indicou como foi a cerimônia de encerramento com a entrega da taça para Alemanha e lembrou que em 1950, pela comoção após a derrota brasileira de virada, por 2 a 1, Jules Rimet, presidente da Fifa entregou a taça ao Uruguai sem nem tocar o hino, fugindo do protocolo previsto.

Apesar de ter tido apenas um campeão e todos os outros times foram perdedores, a Folha - ao indicar os grandes perdedores da Copa, colocou como destaque os brasileiros Luiz Felipe

Scolari e Carlos Alberto Parreira, que já foram campeões do mundo. A demissão do Felipão foi também destacada assim como mais uma vez a responsabilidade da derrota nas palavras da coluna do Abílio Diniz: “Faltou-lhes uma comissão técnica atualizada, esquema tático, liderança - faltou o coletivo” (DINIZ, 2014, p. D 18).

g) Dia 15 de Julho

No dia 15 de julho, uma das notas na capa mostrou a continuidade da imprensa em destacar o Felipão como o maior culpado pela derrota: “Os erros de Felipão: CBF oficializa saída do treinador, que acumulou atritos com jogadores e dirigentes no Mundial”. Uma matéria bem ampliada no Caderno de Esporte destacou que atitudes do técnico irritaram CBF e atletas. A reportagem indicou os desentendimentos com atletas, a falta de segurança deles no comando e até como a CBF estava descontente com a atitude do treinador. A desconstrução máxima do técnico e do seu estilo, colocando em cheque até 2002, ano do pentacampeonato e quando a seleção era chamada carinhosamente de “família Scolari”.

h) Dia 16 de Julho

No dia 16, outro considerado da equipe de “vilões” por participar da comissão técnica da Seleção Brasileira indicou que abandonaria o futebol. Carlos Alberto Parreira, atuando como coordenador técnico da seleção, deu entrevista e falou sobre a situação.

i) Dia 17 de Julho

O assunto de um novo técnico para a Seleção Brasileira era um dos temas mais destacados no Caderno de Esporte. A repercussão estava na pesquisa realizada pela Datafolha que apontava que brasileiros não gostam de técnicos estrangeiros. Entre os favoritos para assumir o cargo estava Tite, que foi campeão mundial pelo Corinthians. A reportagem mostrou vários dados, entre eles, que 60% dos entrevistados acreditavam que a comissão técnica teve muita responsabilidade na derrota de 7 a 1 para a Alemanha, que 51% achavam que os jogadores são os responsáveis e que 49% responsabilizavam como culpados pela derrota do Brasil os dirigentes da CBF.

j) Dia 18 de Julho

A notícia do momento era a contratação do ex-empresário e jogador Gilmar Rinaldi para coordenador das seleções. Foi destacado a sua inexperiência, mas sobre um possível projeto que prevê cota de jovens na convocação da seleção principal. Há um cenário de incerteza pela próxima condução da matéria a respeito sobre o futuro da seleção. A desconfiança em seu nome o coloca como um personagem como Camaleão, na qual Campbell indica dentro da Jornada do Herói, como aquele dúbio, em cima do muro.

Figura 52 - Folha 18/7/14

OPINIÃO O NOVO TÉCNICO

Com Dunga de volta à seleção, futebol do Brasil dá marcha a ré

Técnico nunca teve —e nunca terá— capacidade para comandar a equipe

HUMBERTO PERON
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Estranho é o futebol brasileiro. Toda vez que ele precisa de um processo de renovação ele volta vários passos. Era esperada uma mudança radical com a saída de Ricardo Teixeira do cargo de presidente da CBF, mas ele foi substituído por José Maria Marin, que já na década de 1980, havia transformado a Federação Paulista de Futebol em um caos, e agora está fazendo o mesmo a frente do futebol brasileiro, com atos como estes —só para ficar nas asneiras dos últimos dias: a indicação de Gilmar Rinaldi como coordenador e Dunga como técnico da seleção.

Dunga nunca teve a capacidade —e nunca terá— para comandar a seleção brasileira. O ex-volante não fez um bom trabalho quando foi técnico da seleção. Tudo bem que os que o defendem usam o bom retrospecto e alguns títulos conquistados para justificar que ele foi bem —aliás, Felipão também tinha bons números até o desastre contra a Alemanha...

No período que ele comandou a seleção, Dunga não fez nenhuma inovação, não revelou nenhum grande jogador. Para a Copa de 2000, levou um time envelhecido com jogadores que não tinham condições de jogar uma Copa do Mundo —se não temos um bom time hoje, Dunga tem grande participação nisso.

Na Copa da África do Sul, Dunga armou um time sem um repertório de jogadas ofensivas e que na primeira adversidade, contra a Holanda, perdeu totalmente o rumo.

Fora da seleção, ele fez um trabalho medíocre no Internacional, no ano passado (OK, ele venceu o Gaúcho).

Mesmo tendo um dos elencos mais caros do país, Dunga não deu padrão de jogo à equipe e mais uma vez, deixou terra arrasada —não custa lembrar que o time foi ameaçado de rebaixamento.

No momento em que se fala que o futebol brasileiro precisa uma revolução tática, Dunga tem muito pouco repertório para fazer isso.

Moderno —e modelo de time vencedor— para ele é o Brasil que conquistou o tetra no Mundial de 1994, equipe em que ele era o capitão. Ou seja, o time armado no tradicional 4-4-2, com três ou dois "Dungas" no meio.

A Alemanha, fazendo tudo certo, precisou de 12 anos para montar um time que ganhou a Copa. Com "Marin", "Pulos", "Gilmarés" e "Dungas" vamos precisar de uns 30 anos, pois nossos projetos de renovação, nos últimos anos, sempre fizeram nosso futebol dar marcha a ré.

LEIA MAIS sobre a situação do futebol brasileiro na pág. 14



Dunga lamenta chance perdida na partida entre Brasil e Holanda na Copa do Mundo de 2010

Fonte: Acervo Folha de São Paulo

k) Dia 19 de Julho

As possíveis mudanças anunciadas pelo novo coordenador de seleções fizeram com que a Folha de São Paulo visualizasse alguns possíveis nomes a serem convocados como técnico do Brasil e sobre o futuro do país no futebol. Era uma tendência em visualizar um caminho para a seleção, com a expectativa positiva e de otimismo, típica da torcida do Brasil em sempre torcer acima de tudo.

l) Dia 20 de Julho

Acontecia uma reviravolta. As críticas ao Felipão voltaram-se aos dirigentes da CBF. Na coluna de Paulo Vinícius Coelho, o autor destacou a falta de ambição e a escolha da comissão técnica de forma precipitada. O jornal também trazia uma entrevista com o consultor da ONU para Copa sobre a necessidade de rediscutir o atual modelo do esporte no país. Mais uma vez revelava-se o interesse da mídia de tentar redesenhar as melhores possibilidades para a Seleção Brasileira de futebol. No noticiário, Dunga apareceu como um dos favoritos para assumir o cargo de treinador do Brasil.

m) Dia 21 de julho

A volta do Dunga foi confirmada como o substituto de Felipão e foi destaque na capa e no Caderno de Esporte. A notícia indicou a escolha e fez uma reapresentação do histórico desse novo personagem, desde os clubes que disputou, além também das suas conquistas. Entretanto, a notícia provocou um verdadeiro mar de críticas da imprensa em geral e também na Folha de São Paulo. Na análise de Humberto Peron, se destacou o retrocesso que a seleção de futebol passaria a ter com a entrada do novo técnico: “Com Dunga de volta à seleção, futebol do Brasil dá marcha-ré”.

Na reportagem “Fracasso na Copa do Mundo em casa” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1994, p.1), houve o destaque e escolhido novamente a figura dos vilões: “Embora a responsabilidade de Scolari no fracasso histórico de 2014 seja inegável, ela não é isolada. Só faltou comando competente na seleção é porque ele falta na CBF e no governo. Abundam nos três planos truculência, arrogância e pretensão, a capacidade gerencial escasseia” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1994, p. D4).

n) Dia 22 de julho

A Seleção Brasileira voltou a ser pauta e o foco agora estava em Dunga. Foi feito um apanhado de seu período desde que foi técnico do Brasil (entre 2006 a 2010), além de algumas falas que mostravam como ele deveria se comportar à frente da seleção. Há um trabalho bem completo com infográfico fazendo um histórico sobre o treinador quando dirigiu o Brasil também, sempre com uma certa desconfiança do que estaria por vir em seus próximos passos. Com isso, a Folha se preocupou em contextualizar e criar uma narratologia que fizesse com que o leitor estivesse mais ciente deste novo personagem apresentado.

o) Dia 23 de julho

Continuaram as incertezas nas colunas da Folha de S. Paulo, traduzidas em frustração pela escolha de um técnico que não representava a inovação e a modernização que a imprensa pregava tanto. Seja isso no editorial da Folha: “A seleção gira em falso”, seja na coluna do Tostão: “Triste realidade” ou no Painel FC: “Dunguinha paz e amor”.

p) Dia 24 de julho

Foram apresentados os novos personagens que passariam a conduzir a Seleção Brasileira; a comissão técnica. Até a forma da diagramação da página como foram apresentados - com suas fotos em destaque - dava uma característica de novo grupo que estava para encarar uma missão. À frente deles, Dunga, como líder, mostrava ter confiança em quem escolheu para a trajetória. A Folha de São Paulo buscou apresentar mais detalhes de cada personagem, como

foi o caso do volante Mauro Silva, que era o outro volante campeão mundial ao lado de Dunga em 1994 quando atuavam como jogadores e que assumia um cargo de auxiliar.

Figura 53 - Folha 24/7/14

JORNAL DO Povo 14 de maio de 2010

DESPORTO 13

A NOVA COMISSÃO TÉCNICA DA SELEÇÃO

Veja quem são os profissionais que acompanharão Dunga

Coordenador técnico
Gilmar dos Reis
Comandante do Dunga na Copa de 1994, infelizmente se tornou agente de jogadores nos últimos anos

Assistente técnico
Gilmar dos Reis
Formado em educação física, foi assistente de Dunga no Mundial de 1994 em 2013

Assistente técnico português
Carlos Roberto
Comandante de Dunga na Copa de 1994, está a presente no cargo de treinador

Preparador de jogadores
Cláudio Taffarel
Comandante de Dunga na Copa de 1994, atualmente trabalha como preparador de jogadores no Galatasaray, da Turquia

Médico
Rodrigo Lasmar
Depois de cumprir funções de Dunga em 1994, assumiu como o chefe do grupo de seleção brasileira

Fisioterapeuta
Adriana Souza
Participante da comissão de Dunga em 2013, foi escolhida para continuar no cargo

Quem é?
Carlos Roberto
Quem é?

Quem é?
Rodrigo Lasmar
Quem é?

Quem é?
Adriana Souza
Quem é?

Dunga afirma que comissão técnica tem 'DNA campeão'

SELEÇÃO Treinador chama Taffarel e Mauro Silva, vitoriosos com ele em 1994

A CBF anunciou nesta quarta-feira (12) a formação da nova comissão técnica da seleção brasileira, que será comandada pelo técnico Dunga e pelo coordenador Gilmar dos Reis.

O ex-jogador Taffarel, que havia sido convidado, acabou a se converter a ser responsável pela preparação de jogadores da seleção brasileira.

Atualmente no Galatasaray, da Turquia, ele já havia trabalhado no time nacional na Copa de 2010, quando Dunga também era técnico. Dunga e Gilmar de encabeçar a comissão técnica da seleção brasileira com jogadores da geração de 1994, foi também o nome de Mauro Silva. Volante ao la-

do de Dunga na conquista nos Estados Unidos, ele será o primeiro dos assistentes técnicos — Gilmar era goleiro reserva naquela Copa.

Mauro Silva trabalhou nos dois primeiros assistentes da seleção, contra Colômbia e Equador, em setembro.

"Touros campeões do mundo para a seleção ter um DNA campeão, para transparecer essa experiência e qualidade", afirmou Dunga na apresentação dos nomes dos profissionais escolhidos.

O treinador e o coordenador de seleção da CBF tiveram autonomia para escolher os profissionais que a comissão técnica que era tradicionalmente usada pela confederação da toda desafiada.

Dunga não está mais como treinador e o lateral Jorgeinho, que também esteve em

1994, Auxiliar de Dunga no Mundial da África do Sul, o primeiro dos assistentes técnicos — Gilmar era goleiro reserva naquela Copa.

Mauro Silva trabalhou nos dois primeiros assistentes da seleção, contra Colômbia e Equador, em setembro.

"Touros campeões do mundo para a seleção ter um DNA campeão, para transparecer essa experiência e qualidade", afirmou Dunga na apresentação dos nomes dos profissionais escolhidos.

O treinador e o coordenador de seleção da CBF tiveram autonomia para escolher os profissionais que a comissão técnica que era tradicionalmente usada pela confederação da toda desafiada.

Dunga não está mais como treinador e o lateral Jorgeinho, que também esteve em

preparador físico, estão comandados por Paulo Paolino. Luiz Raul, ex-jogador da seleção brasileira, foi escolhido para ser o assistente técnico de Dunga. Ele trabalhou para ser o assistente técnico de Dunga. Ele trabalhou para ser o assistente técnico de Dunga. Ele trabalhou para ser o assistente técnico de Dunga.

1994, Auxiliar de Dunga no Mundial da África do Sul, o primeiro dos assistentes técnicos — Gilmar era goleiro reserva naquela Copa.

Mauro Silva trabalhou nos dois primeiros assistentes da seleção, contra Colômbia e Equador, em setembro.

"Touros campeões do mundo para a seleção ter um DNA campeão, para transparecer essa experiência e qualidade", afirmou Dunga na apresentação dos nomes dos profissionais escolhidos.

O treinador e o coordenador de seleção da CBF tiveram autonomia para escolher os profissionais que a comissão técnica que era tradicionalmente usada pela confederação da toda desafiada.

Dunga não está mais como treinador e o lateral Jorgeinho, que também esteve em

DESPORTO 13

Mauro Silva (8 seg.) e Dunga (12 seg.) jogando na Copa de 1994

OUTRO volante

Campeão mundial ao lado de Dunga em 1994, **Mauro Silva** será assistente da seleção em **dois jogos**; no ano passado, criticou gestão da CBF, e, como jogador, reclamou de patrocinador e rejeitou convocação

Mauro Silva, 38 anos, nasceu em 1972, em São Paulo. Foi jogador de futebol profissional por 15 anos, entre 1990 e 2005, quando se aposentou. Foi jogador da seleção brasileira em 1994, quando conquistou o título de campeão mundial. Foi jogador da seleção brasileira em 1994, quando conquistou o título de campeão mundial.

Mauro Silva, 38 anos, nasceu em 1972, em São Paulo. Foi jogador de futebol profissional por 15 anos, entre 1990 e 2005, quando se aposentou. Foi jogador da seleção brasileira em 1994, quando conquistou o título de campeão mundial. Foi jogador da seleção brasileira em 1994, quando conquistou o título de campeão mundial.

Imagens de Dunga, de Silva e de Gilmar dos Reis, que foram convocados para serem assistentes de Dunga

crise

A favor de Dunga, que tem tudo para dar conta do recado

Depois de uma comissão técnica formada por Paulo Paolino, Luiz Raul, ex-jogador da seleção brasileira, foi escolhido para ser o assistente técnico de Dunga. Ele trabalhou para ser o assistente técnico de Dunga. Ele trabalhou para ser o assistente técnico de Dunga.

Depois de uma comissão técnica formada por Paulo Paolino, Luiz Raul, ex-jogador da seleção brasileira, foi escolhido para ser o assistente técnico de Dunga. Ele trabalhou para ser o assistente técnico de Dunga. Ele trabalhou para ser o assistente técnico de Dunga.

Mauro Silva, 38 anos, nasceu em 1972, em São Paulo. Foi jogador de futebol profissional por 15 anos, entre 1990 e 2005, quando se aposentou. Foi jogador da seleção brasileira em 1994, quando conquistou o título de campeão mundial. Foi jogador da seleção brasileira em 1994, quando conquistou o título de campeão mundial.

Mauro Silva, 38 anos, nasceu em 1972, em São Paulo. Foi jogador de futebol profissional por 15 anos, entre 1990 e 2005, quando se aposentou. Foi jogador da seleção brasileira em 1994, quando conquistou o título de campeão mundial. Foi jogador da seleção brasileira em 1994, quando conquistou o título de campeão mundial.

Mauro Silva, 38 anos, nasceu em 1972, em São Paulo. Foi jogador de futebol profissional por 15 anos, entre 1990 e 2005, quando se aposentou. Foi jogador da seleção brasileira em 1994, quando conquistou o título de campeão mundial. Foi jogador da seleção brasileira em 1994, quando conquistou o título de campeão mundial.

Mauro Silva, 38 anos, nasceu em 1972, em São Paulo. Foi jogador de futebol profissional por 15 anos, entre 1990 e 2005, quando se aposentou. Foi jogador da seleção brasileira em 1994, quando conquistou o título de campeão mundial. Foi jogador da seleção brasileira em 1994, quando conquistou o título de campeão mundial.

(14)

Fonte: Acervo Folha de São Paulo

q) Dia 25 de julho

A credibilidade de Dunga, já abalada por conta da sua última passagem pela Seleção Brasileira, não fez com que o técnico se tornasse um possível herói de imediato, pelo contrário, em muitos momentos, a escolha dele era caracterizada na função de vilão ou de alguém que possuía muitos defeitos. A prova disso foi que no dia 25 de julho, algumas faces desse Dunga mais controverso, com um tom maior de vilão foram expostas. Em notícias no Caderno de Esporte foi indicado a cobrança da receita por suspeita de imposto não pago pelo treinador e também o fato dele ter sido intermediário de negociações de jogador, o que nunca foi visto com bons olhos pela imprensa sobre treinadores.

Figura 54 - Folha 25/7/14



Fonte: Acervo Folha de São Paulo

r) Dia 26 de julho

Mais uma vez Dunga, o novo técnico da seleção, foi colocado em cheque, principalmente depois que caiu em contradição sobre a operação investigada. Sua figura, se remetermos a configuração trazida por Campbell na Jornada do Herói, fez com que o papel de Dunga dentro da Seleção Brasileira ainda não estivesse tão claro. Ora ele era colocado como possível Herói, em outros momentos como Sombra e em outros como Camaleão.

s) Dia 27 de julho

Assim como em toda história típica da Jornada do Herói, foi apresentado o novo “Mentor” desta chamada Seleção Brasileira. A Folha de S. Paulo trouxe uma entrevista exclusiva com o guru de Dunga, o ex-técnico do Milan, Arrigo Sacchi, curiosamente, o mesmo técnico que dirigiu a seleção da Itália em 1994, quando o Brasil foi tetracampeão mundial nos pênaltis. O italiano indicou que espera um trabalho fantástico do seu, quase pupilo, que mantinha conversas com o brasileiro e que acreditava que ele seria capaz de alcançar seus objetivos.

Figura 55 - Folha 27/7/14

D4 esporte ★ ★ ★ DOMINGO, 27 DE JULHO DE 2014 **FOLHA DE SÃO PAULO**

Obsoletas discussões

TOSTÃO

Se Kroos e Schweinsteiger fossem formados no Brasil, seriam meios ofensivos, bons, porém comuns

DUNGA FALOU que a maioria das seleções na Copa marcou atrás, para contr-atacar, como se dissesse: "A Seleção, comigo, jogou assim". Ele não falou que as marcas principais da Alemanha e da Espanha, os dois últimos campeões, e dos melhores times do mundo são a troca de passes e o futebol compacto, criativos que as seleções dirigidas por ele e por Felipão não fizeram.

Luxemburgo, que voltou ao Flamengo, disse que não viu nada de novo na Copa. Chou a Holanda, que jogou com três zagueiros, uma maneira considerada ultrapassada. A Holanda não jogou bem por causa dos três zagueiros. As discussões sobre qual seria o melhor sistema tático, sobre futebol arte ou de resultados, defensivo ou ofensivo e muitas outras, incentivadas por parte da imprensa, dos técnicos e de ex-atletas saudáveis, estão ultrapassadas.

Os problemas do futebol brasileiro são outros e mais graves, dentro e fora de campo. Dias atrás, a **Folha** publicou uma lista dos melhores jogadores entre 19 e 21 anos, que devem participar das Olimpíadas. Alguns poderiam estar nas próximas convocatórias da seleção principal e na Copa-2018. Quase todos são titulares de grandes equipes brasileiras ou de times médios ou pequenos da Europa.

Fiquei mais preocupado. Todos são bons, mas nenhum promete ser excepcional, destaque na Seleção e/ou nos melhores times do mundo. A geração atual, de 2014, é inferior à anterior, que tinha Kaká, Ronaldinho, Adriano, Robinho, Luís Fabiano, e superior à que vem por aí.

Longo após a Copa de 2010, todos escalavam a Seleção de 2014 com Neymar, Pato e Ganso. Se Ganso tivesse sido formado na Alemanha ou na Espanha, seria colocado, desde as categorias de base, para ser um armador, jogar na posição e nas funções de Schweinsteiger, Kroos, Xavi e outros, de uma área à outra.

Nos treinos, seria cobrado para não perder a posse de bola, para esperar o momento certo de dar um passe decisivo, para tocar, avançar, receber, tocar e, quando time perdesse a bola, voltar rápido para marcar e proteger os defensores. Provavelmente, seria tão bom quanto os melhores armadores do mundo, pois tem talento para isso.

Se Kroos, Schweinsteiger e outros fossem formados no Brasil, seriam escalados desde as categorias de base de meios ofensivos, para atuar da intermediária do rival ao gol. Seriam cobrados para entrar na área. Provavelmente, seriam apenas bons jogadores, como Ganso, irregulares, pois teriam poucos espaços e seriam mais marcados. De vez em quando, fariam uma bela jogada.

A razão dessa diferença é que os técnicos brasileiros, décadas atrás, dividiam o meio-campo entre os volantes para marcar e os meios ofensivos. Sumaram os armadores.

Neymar, que ainda vai evoluir, é tão fenomenal que resistiu, passou por cima, das instruções dos técnicos das categorias de base.

RAIO-X
ARRIGO SACCHI

NASCIMENTO
1 abr. 1946 (68 anos), em Fiumanese (Itália)

COMO JOGADOR
Ator, pelo Ugentino e pelo Bari. Nunca foi campeão

COMO TREINADOR
Dirigiu Parma, Milan, Itália e Atlético de Madrid. Ganhou um Italiano (1988), duas Copas dos Campeões (1989 e 1990) e dois Mundiais de clubes (89 e 90); foi vice da Copa 1994

COMO DIRIGENTE
Foi diretor de futebol do Real Madrid; hoje, é coordenador da base da seleção italiana

RAFAEL REIS
DE SÃO PAULO

"Os brasileiros precisam entender que o futebol mudou. Há 30 ou 40 anos, saímos de um jogo individual para o coletivo. Na Copa, todos os jogadores brasileiros pareciam ser ruins porque não existia uma equipe."

A análise antecipa o modelo de futebol que Dunga deve tentar implantar na seleção. Afinal, vem do principal mentor do treinador gaúcho.

O nome do italiano Arrigo Sacchi, 68, foi citado intimamente vezes pelo técnico em sua entrevista coletiva de apresentação, na terça-feira (22). Comandante do Milan no bi-europeu de 1989 e 1990, vice da Copa do Mundo de 1994 com a Itália, ele atualmente coordena as categorias de base da federação italiana.

Sacchi passou a Copa discutindo futebol com Dunga —ambos trabalharam como comentaristas no torneio e conversaram "no hotel" e "durante as refeições".

Vê nele, o capítulo do time que impediu que sua Itália conquistasse o título mundial nos EUA vinte anos atrás, o "técnico ideal" para modificar a estrutura da seleção brasileira e tornar a equipe um time menos dependente do talento de um só jogador.

"O Dunga é um salto do futebol", disse Sacchi à **Folha**.

"Gosto dele desde o tempo de jogador. Ele sempre foi moderno, já compreendia que o jogo tinha de ser mais coletivo. Minha única dica para ele é buscar jogadores que se adaptem ao projeto, já que em seleção não há muito tempo para se treinar."

Na primeira passagem pela seleção, Dunga já deu mostras de que prioriza o grupo coeso ao individual. Apesar do clamor popular, não levou os então garotos Neymar e Ganso à Copa-2010. Mas Graiele, Kleber e Jô foram à África do Sul.

A imagem que a seleção brasileira deixou em Sacchi na recém-encerrada Copa foi péssima. Segundo ele, ressaltou a necessidade de um nome como o de Dunga.

"Foi uma decepção muito grande. Não tinha possibilidade de dar certo, já deu para ver contra o México o empate em 0 a 0. Contra a Alemanha, foi um massacre."

Segundo o ex-técnico e hoje cartista italiano, a goleada por 7 a 1 na semifinal nem "parecia um jogo de futebol".

"De um lado, havia um apinhado de jogadores bons, mas que pareciam ruins porque não se comportavam como um time. Do outro, era um time de verdade. Todos os jogadores pareciam operários, mas eram muito bons."

A tetracampeã mundial é o exemplo do que Sacchi considera futebol moderno. Uma equipe que põe o coletivo acima de qualquer individualidade, formada por atletas que se destacam pela boa execução do trabalho em grupo.

"Vimos nas duas últimas Copas que quem venceu foi o coletivo. E só ver: Messi, Ribéry e Cristiano Ronaldo nunca ganharam nada por suas seleções. E alguns até tiveram resultados bastante ruins."

Arrigo Sacchi, ex-técnico do Milan e coordenador da base da seleção italiana

guru

DE DUNGA

Mentor do novo técnico da seleção, **Arrigo Sacchi** diz que Brasil não se comportou como time na **Copa** e que ex-volante da seleção é um **sábio do futebol**

Fonte: Acervo Folha de São Paulo

t) Dia 28 de julho

Dunga mais uma vez foi notícia. Dessa vez, ele falou sobre a Copa do Mundo anterior, indicando que a cena do choro prejudicou a seleção na Copa do Brasil.

u) Dia 29 de julho

Com a mídia noticiando o que o Dunga fala, o técnico mostrou algumas novas vertentes que esperava implementar neste novo trabalho. A Folha de S. Paulo repercutiu essas declarações, muitas vezes em forma de enredo. Uma delas se remeteu ao jogador David Luiz, que disputou a última Copa do Mundo sendo um dos protagonistas da seleção, mas que teve, assim como todo grupo, sua imagem manchada pelas derrotas marcantes. Dunga resolveu

colocá-lo como bode-expiatório daquela seleção tão criticada, pelas atitudes demonstradas durante a competição.

v) Dia 30 de julho

Felipão voltou a ser o destaque na edição do dia 30 da Folha de São Paulo e isso se deve a ter assumido o Grêmio como técnico. Segundo o jornal, o aceite do treinador se deve como uma forma de breca o declínio da sua carreira. A reportagem ainda mostra um infográfico na qual apontou sua curva de ascensão, seu momento como herói, como ídolo e depois a sua transformação como vilão diante dos resultados ruins.

Figura 56 - Folha 30/7



Fonte: Acervo Folha de São Paulo

Pw) Dia 31 de julho

De um lado mostrou um Felipão considerado vilão em busca novamente de se tornar um herói em mais uma nova jornada. De outro, na coluna da Juca Kfourri, mais uma vez há um tom de críticas de forma contundente aos dirigentes da CBF, sempre colocados como grandes vilões do crescimento do futebol brasileiro.

Figura 57 - Folha 31/7



Fonte: Acervo Folha de São Paulo

y) Dia 1 de Agosto

Sobre a Seleção Brasileira houve uma matéria indicando a inauguração do museu da CBF para contar a história do Brasil nas Copas do Mundo de futebol.

z) Dia 2 de Agosto

Dois dos atletas que a opinião pública mais criticaram- Júlio César e Fred - foram citados pelo novo técnico da seleção Dunga que indicou que ambos ainda poderiam ser chamados e aproveitados para disputar partidas pelo Brasil. O técnico ressaltou que não existia uma “lista negra” de nomes completamente riscados.

aa) Dia de 3 de Agosto

Sobre a seleção, a coluna do Tostão trouxe o artigo: “Mentiras têm pernas curtas”, colocando vários personagens relacionados à seleção Brasileira como “Sombras”, na Jornada do Herói, entre eles Felipão, o Ministério do Esporte e também os dirigentes da CBF.

Figura 58 - Folha 3/8/14

D8 esporte ★ ★ ★ DOMINGO, 3 DE AGOSTO DE 2014

FOLHA DE S. PAULO

AS MENTIRAS são frequentes em todas as áreas, em todo o mundo, especialmente no futebol brasileiro. Muitas se confundem com os autogols.

O desconhecimento, a indústria do entretenimento e o marketing exagerado ajudam a criar grandes mentiras. Jogadores medianos são anunciados como bons, e os bons, como craques. Técnicos medíocres são tratados como mestres. O torcedor, consumidor, é enganado. A mentira de que o Brasil continuava com o melhor futebol do mundo foi desmascarada na Copa. Mentiras têm pernas curtas.

No Mundial, a mentira começou antes, nos motivos pelos quais Felipão e Parreira foram contratados. Disseram que foi somente pela experiência e pela qualidade técnica. Não sei se houve um encontro for-

mal, mas, certamente, havia um grande desejo da CBF, de empresários, marqueteiros, investidores e do Ministério do Esporte de criar um ambiente de euforia, já que havia muito pessimismo e muitas críticas à realização da Copa no Brasil.

O carismático e popular Felipão, campeão do mundo, era a pessoa ideal para levantar a torcida.

Até declarações otimistas de Felipão e de Parreira, de que o Brasil seria campeão, devem ter sido pensadas por marqueteiros.

Antes de ser anunciado como técnico, Felipão era consultor do Mi-

Há muitas mentiras no futebol brasileiro; o 7 a 1 para a Alemanha desmascarou algumas delas

nistério do Esporte. Não sei por qual razão. Já devia fazer parte dos planos. Falam ainda que Felipão saiu do Palmeiras porque já tinha acertado com a CBF.

Na época, recebi, para minha grande surpresa, um telefonema de Marin. Já contei isso em um artigo para a revista Piauí. Apesar de não ter nenhuma simpatia por ele, tra-

tei-o educadamente. Ele parecia querer me dizer ou perguntar algo e dava voltas. A ligação caiu ou ele desligou, já que não ligou novamente. Deve ter percebido que telefonara para a pessoa errada. Pouco tempo depois, Felipão foi contratado.

Quando uma pessoa acredita em algo, em alguém ou em um estilo de jogo, passa a concordar com todos os que pensam como ele. Perde a independência e o bom senso.

Até o 7 a 1, tudo o que Felipão falava ou fazia era verdade. O técnico Prandelli, por tentar fazer com que a Itália jogasse um futebol ofen-

sivo e agradável, o que é bom, passou a ser superelogiado, até pelos erros que cometeu.

Vem aí mais uma mentira. A da contrapartida dos clubes para compensar o longo parcelamento de suas dívidas. Se não fossem os protestos, haveria uma anistia total, de R\$ 4 bilhões.

Os políticos não entram em acordo sobre qual será essa contrapartida. A dificuldade é achar uma boa mentira para atenuar as críticas.

Outra mentira era a de que, se o Brasil fosse eliminado, mesmo por um placar de 2 a 1, haveria uma grande tragédia e surgiriam vários Barbosas. Nada disso aconteceu.

Houve mais piadas do que críticas. O torcedor percebeu que o país é mais importante que o futebol. A grande derrota foi uma vitória da nação.

TOSTÃO

COLUMNISTAS DA SEMANA segunda: Juca Kfourí e PVC, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourí, sexta: Fábio Seixas, sábado: Xico Sá, domingo: Juca Kfourí, PVC e Tostão

Fonte: Acervo Folha de São Paulo

ab) Dia 4 de agosto

Sem notícias.

ac) Dia 5 de agosto

Sem notícias.

ad) Dia 6 de agosto

Sem notícia.

ae) Dia 7 de agosto

A Folha de S. Paulo colocou mais um novo personagem com credibilidade para criticar os novos escolhidos para comandar a seleção Brasileira: Zico.

Figura 59 - Folha 7/8/14

FOCO

Zico critica escolhas de Dunga e Gilmar Rinaldi para seleção

DE SÃO PAULO

Um dos principais jogadores do futebol brasileiro nos últimos 40 anos, Zico criticou as escolhas de Dunga e Gilmar Rinaldi para comandar a seleção brasileira.

O ex-volante foi chamado para voltar ao cargo de treinador, que ocupou entre 2006 e 2010. Rinaldi é o novo coordenador de seleções.

"Sou amigo do Gilmar. Mas não concordo com a contratação. Quantas pessoas são coordenadoras há dez anos? De que adianta fazer um projeto no Cruzeiro, por exemplo, ganhar título e quando é para ir para a seleção vai um empresário de jogador?", disparou Zico, citando a atividade anterior de Rinaldi.

Ele esteve em São Paulo para participar de evento de

academia de futebol da qual é parceiro e administra as escolinhas de futebol.

A queixa do ex-camisa 10 é quanto à filosofia da CBF.

"Nunca tive interesse em ser treinador no Brasil. Mas se fosse e tivesse as mesmas conquistas que obtive no exterior, meteria o pau nessa situação. Ex-jogadores que nunca fizeram carreira sendo contratados para comandar a seleção", completou.

Quando assumiu o cargo pela primeira vez, em 2006, Dunga não tinha nenhuma experiência como técnico.

"Ele já treinou a seleção e passou pelo Internacional depois disso. Eu não o contrataria da primeira vez. Mas o Dunga já começou na classe AA, lá em cima. Os outros tiveram de ralar desde baixo."

(MARCEL RIZZO)



Zico participa de atividade com crianças em academia

Fonte: Acervo Folha de São Paulo

af) Dia 8 de agosto

Um mês após a derrota da seleção para a Alemanha, a Folha trouxe um apanhado sobre o atual cenário do futebol brasileiro e as mudanças que aconteceram até aquele momento.

Figura 60 - Folha 8/8/14

FOLHA DE SÃO PAULO SEXTA-FEIRA, 8 DE AGOSTO DE 2014 ★ ★ ★ esporte D3

FICOU NO passado

Um mês depois do 7 a 1, David Luiz diz não ver a hora de disputar o próximo jogo pela seleção e, em resposta às críticas de Dunga, afirma que não finge ser um bom moço

David Luiz treina em Paris após ser apresentado pelo novo clube

CRACILIANO ROCHA
COLABORAÇÃO PARA A PÁGINA DE FÓTOGRFIA

SETE FATOS APÓS O 7 A 1
Veja o que aconteceu no Brasil após derrota humilhante para a Alemanha há um mês

1. **SAI FELIPÃO, VOLTA DUNGA**
Após a demissão de Parreira e de Felipão, Gilmar Rinaldi, conhecido por sua atuação como empresário de atletas, foi contratado como coordenador de seleções da CBF, e Dunga foi anunciado como novo técnico da seleção principal.
2. **REUNIÕES COM A GLÓRIA**
Quando da audiência na TV não refletiu a insatisfação do torcedor com a baixa qualidade do Campeonato Brasileiro, Dunga disse, a Glória, que detém os direitos de transmissão, tem marcado reuniões com a CBF e com os clubes para discutir o futebol nacional.
3. **ESTÁDIO DE COPA, PÚBLICO DE SÉRIE B**
O Itaquera e outros estádios utilizados durante a Copa foram "revelados" por seus clubes no Campeonato Brasileiro. Os públicos das partidas foram muito menores que aqueles dos jogos da Copa.
4. **RESPONSABILIDADE FISCAL EM DEBATE**
A lei que trata do financiamento das dívidas dos clubes por até 25 anos desde que eles vigem parâmetros de responsabilidade fiscal entrou na pauta da Câmara dos Deputados e seu atual teor foi criticado por representantes do Bom Senso F.C.
5. **PRÉ-TEMPORADA MAIS LONGA**
A CBF mudou o calendário da temporada de 2015 do futebol brasileiro com alterações significativas, como o aumento da pré-temporada para 25 dias.
6. **LIMITE DE JOGOS**
Após reivindicações do Bom Senso F.C. no ano passado, CBF decidiu impor limite de 65 partidas anuais por atleta em competições organizadas no país a partir de 2015.
7. **MEDALHÕES DE VOLTA**
Diante do Campeonato Brasileiro de baixa qualidade, com a pior média de gols desde 2006, os grandes clubes buscam outros caminhos. Depois da Copa, chegaram Itália (São Paulo) e Fluminense (Santos).

BRASIL VAI ENFRENTAR O JAPÃO EM CINGAPURA
A quarta partida da seleção sob o comando de Dunga foi definida na quinta (7). Será contra o Japão, em 14 de outubro, em amistoso, no estádio Nacional de Cingapura. Com o anúncio deste jogo, o calendário do time da CBF no segundo semestre ficou completo. Ao todo, vão ser cinco jogos. Os outros são contra a Colômbia e o Equador, nos dias 5 e 9 de setembro, pela ordem. Depois, vai enfrentar a Argentina, dia 11 de outubro, e a Turquia, no dia 12 de novembro.

contemporizou: "Dunga simplesmente falou aquilo que é natural. Um treinador quer 11 jogadores que joguem bem e que mostrem o seu melhor dentro de campo."

SEM SELFIES
Logo no início da apresentação, o presidente do PSG, o qatariense Nasser Al-Khelaifi, justificou o alto investimento na transferência do jogador para o futebol francês. David Luiz não custou "caro" porque, segundo o cartão, se trata do "melhor zagueiro do mundo" e outros times estavam na disputa. Al-Khelaifi entregou a David Luiz a camisa número 12 que ele vestirá nesta temporada. Ele estreia no jogo contra o Bastia na segunda rodada do francês, no dia 16 — o campeonato começa hoje. Com a camisa do novo clube nas mãos, o jogador — que usava terno e gravata — pôs-se para fotos, oscilando entre sorrisos e caracóis.

Do lado de fora do luxuoso hotel Peninsula, perto do Arco do Triunfo, onde foi realizada a cerimônia, uma pequena multidão se aglomerava, debaixo de chuva, para ver o novo reforço do PSG.

David Luiz, que se notabilizou por não rejeitar o contato com o público, deixou o local da apresentação por uma porta lateral, frustrando a cerca de uma centena de fãs que esperava com celulares prontos para fotografá-lo.

“A gente [zagueiros na Copa] não jogou só dois jogos até hoje em nossas carreiras. A gente jogou muito mais. No futebol, a gente sempre fala do último jogo e do que está por vir

REAÇÃO A DUNGA
Ao ser indagado pela Folha sobre as declarações do técnico Dunga contra jogadores que fazem marketing pessoal na seleção, David Luiz disse que não se finge de "bom moço" nem "vende imagem" para agradar a torcida.

“Sempre fui assim na vida. Nunca vendi uma imagem, sempre fui eu. As pessoas optaram por gostar ou não. Não me faço de bom moço ou de bad boy para as pessoas gostarem ou não. Eu tenho minha opinião própria”, respondeu o zagueiro brasileiro.

Ele defendeu seu estilo excêntrico: “Todo mundo gosta de ser acalorado e ter essa ligação com a torcida. Os brasileiros conseguiram enxergar o verdadeiro eu”, afirmou o jogador da seleção.

No último dia 29, a Folha revelou que o discurso anti-marketing pessoal adotado pela nova comissão técnica da seleção brasileira misturava o carismático zagueiro, cabalado e sorridente.

O incômodo de Dunga ficou evidenciado em uma entrevista ao programa “Fantástico” (TV Globo) onde, perguntado sobre David Luiz, afirmou que “jogador tem que jogar por eficiência, não porque vende uma imagem.”

Em seguida, David Luiz

Fonte: Acervo Folha de São Paulo

5.3.3 Jornada do Herói - Seleção Brasileira

Os componentes da Seleção Brasileira, diferentes das análises anteriores, não foram transformados em heróis, mas sim em vilões pelos veículos de comunicação. A partir da derrota por 7x1 sofrida pela Alemanha, a forma como a mídia retratou faz como que apareçam alguns arquétipos comuns nesta narrativa. Para o caso específico da seleção, entende-se que há dois momentos distintos de grupos de análise. O primeiro deles, o grupo do técnico Felipão, que sofreu a derrota histórica; já o segundo, o grupo do técnico Dunga, que assumiu o cargo após a demissão do treinador anterior.

O herói, na verdade, não se mostrou presente, pelo contrário, existiu a mudança de percepção e transformação dos “guerreiros” em pessoas que envergonharam o país. Para não dizer que todos foram colocados na mesma redoma, o atleta Neymar, jogador de mais destaque do Brasil e que não participou do jogo derrotado, teve em diversos momentos sua imagem preservada e enaltecida pela imprensa, principalmente depois de entrevistas coletivas que pedia desculpa em nome do grupo, transformando-se no fio heroico da Seleção Brasileira.

No aspecto voltado para o grupo treinado pelo Felipão, o que fica enfático é a transformação de vários personagens em “Sombra”, como o próprio técnico Luiz Felipe Scolari - devido às declarações indicando que o trabalho estava ótimo e devido a incapacidade de reação do time no confronto; há também como sombra jogadores como Fred e Jô, atacantes do país, que não conseguiram realizar os gols esperados pela mídia e pela torcida; além da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), uma das mais criticadas pela sua gestão considerada ultrapassada.

Já no viés do grupo do técnico Dunga, ele não é colocado como Herói e possível salvador dos problemas da seleção brasileira, pelo contrário, seu personagem se assemelha ao camaleão, figura controversa que não se sabe ao certo se está do lado do bem ou do mal. Quando interpretado como o do bem, a imprensa faz questão de destacar Dunga, seu histórico vitorioso como atleta (campeão e capitão da Copa de 1994) e até seu novo mentor, como a reportagem do dia 27 de maio “Guru de Dunga.” (FOLHA, 2014. p. D4). “Mentor do novo técnico da seleção, Arrigo Sacchi diz que Brasil não se comportou como time na Copa e que ex-volante da seleção é um sábio do futebol”. Por outro lado, quando no papel de vilão, seu lado mal, além do comportamento são colocadas matérias que colocam em cheque até a própria índole de Dunga como pessoa honesta, como visto no dia 25 de maio: “Receita cobra R\$ 907 mil de Dunga por suspeita de imposto não pago (FOLHA, 2014, p. E1)

Nesta terceira análise há novamente a identificação dos três estágios do monomito: Partida, Iniciação e Retorno. Tanto a Folha de São Paulo, quanto O Globo, mostram todo o processo de chegada à seleção até ali, durante a Copa, inclusive, fazendo um retrospecto da primeira partida disputada que, na época de 2014, completava cem anos. A Iniciação como “Vilão” está também representada nas matérias e crônicas indicando as falhas por todo o processo, que acompanharam a seleção em ambos os casos: com Felipão e Dunga. E o Retorno, após a derrota, com as consequências que elas provocam: demissão da comissão técnicas, desvalorização dos jogadores, alguns alvos de chacotas, e com as severas críticas para a CBF.

6 CONCLUSÃO

Os fenômenos de massa como os espetáculos de futebol, Olimpíadas, Fórmula 1 e grandes eventos esportivos não conseguem se sustentar por muito tempo sem a presença de “heróis” e de “ídolos”. São eles, figuras fundamentais na produção dos eventos de massa que exercem um enorme fascínio na comunidade, quem levam aos indivíduos se identificarem e se espelharem, criando assim, uma necessidade de “consumo” do evento ou daquilo em que este ídolo esteja envolvido. Os veículos de comunicação acabam sendo fundamentais no mecanismo de retroalimentar essa construção de *status* heroicos, de ampliar a dimensão do evento e também de gerar mais audiência para si próprio. De acordo com Luyten (2000), os homens têm uma necessidade interna por heróis. Eles são restauradores de problemas e praticamente imutáveis no tempo e no espaço. Povoam um setor privilegiado do nosso imaginário, governado pela fantasia. O pesquisador e psicólogo Jacob Goldberg (2010), indica que o ídolo é aquilo que os admiradores gostariam de se tornar, ou seja, um ser "transferencial" porque o “homem comum” transfere para ele tudo aquilo que, de alguma forma, gostaria de viver.

Ao mesmo tempo que essa cobertura cria uma *celebrificação* desses indivíduos, transforma o evento em uma ampla espetacularização com o despertar do público tanto pelo personagem quanto pelo evento. Essa é uma forma do próprio veículo de comunicação gerar maiores audiências, patrocínios e aumentar sua lucratividade e influência. A descoberta dessa retroalimentação, segundo Sousa (2005), criou essa atmosfera que o esporte e a mídia compartilham, afinal, o esporte está relacionado com aspectos lúdicos da sociedade, mas que encontra na mídia uma forma de se posicionar como espetáculo que garante retorno em venda e em audiência.

Um dos motivos desta combinação ter funcionado tão bem está na particularidade do próprio enquadramento que o esporte recebe em suas coberturas. Por ter uma característica intrínseca de entretenimento, os acontecimentos esportivos são noticiados em uma editoria de conteúdos mais brandos e leves, contrapondo ao já natural noticiário econômico, político e de fluxos informativos do cotidiano da sociedade. Essa característica do caderno esportivo permite gerar uma variedade de histórias de interesse humano e, de certa forma, um tratamento diferenciado e de mais liberdade na formatação e linguagem das reportagens. Através dessa articulação do gosto do público com os objetivos implícitos da inserção esportiva nas pautas da imprensa, nota-se que a mídia colabora e incentiva para a construção de identidades, tendo na figura dos ídolos esportivos um dos elementos principais para estabelecer seus objetivos.

Toda a produção de figuras heroicas ou daquelas controvérsias é criada com uma prática cultural pré-estabelecida socialmente, mas que é induzida pela imprensa. Outros elementos que fortalecem essa contextualização são configurados pelo “agendamento” de grandes eventos esportivos, bem como sua repercussão junto ao público, além, dos contratos de leituras formados entre mídia e leitores. Há de se destacar que - através de tantas transformações tecnológicas - que facilitam desde coberturas mais completas e também um maior acesso do público aos conteúdos, a construção do discurso jornalista recebe influência de diferentes atores-sociais, entre eles os veículos de comunicação (jornal, rádio, telejornal e websites), o próprio jornalista e os personagens e fontes que fazem parte da notícia. A métrica de controle dos veículos de comunicação relacionada aos seus conteúdos, por exemplo, está muito em cima de obter maior audiência, apesar dele se permanecer legitimado como imparcial pela própria sociedade, por tornarem públicas informações que são - supostamente - de interesse do próprio público e por não adotarem os sentidos de proximidade e subjetividade. Do ponto de vista do jornalista, responsável pelo conteúdo publicado, sua atuação está além de produzir a notícia, com a organização e estruturação do que é mais relevante a ser destacado, mas também como constante negociador com os outros atores-sociais, sejam eles os veículos de comunicação em que atuam (para não ferir os princípios ou a linha editorial/política da organização), como também suas fontes para a notícia (já que elas também possuem mútua interdependência).

A formatação desses três atores-sociais, a linha mais branda de notícias, o apelo de entretenimento que o esporte carrega, e o seu agendamento, faz com que os conteúdos utilizados possuam características próprias, apropriando-se de elementos literários e mitológicos. Nota-se nesse sentido o uso de determinadas palavras, a utilização de imagens selecionadas e a construção de discursos que apresentam elementos literários na compreensão da notícia. Entre esses recursos estão a demarcação e a hierarquização de episódios, personagens, pontos de virada. O recurso literário, de contar história, de contos mitológicos, é historicamente utilizado ao longo de toda nossa civilização como uma forma de fixar conteúdos e repassar informações. A “fórmula de sucesso” sobre sua estrutura de narração testada e comprovada no decorrer de séculos se remodela para ser utilizada hoje, justamente, em novas histórias, no cinema, nos quadrinhos e, claro, em alguns discursos jornalísticos dos veículos de comunicação, principalmente, quando a cobertura foca no esporte. Há nesse sentido, a utilização de elementos da Jornada do Herói, descrita por Campbell, nos desenvolvimentos dos contextos jornalísticos e apropriações de elementos da própria Mitologia.

Essa influência está na construção dos personagens, que tem elementos e virtudes heroicos semelhantes. Apesar de todo o atleta ter uma história passada, aqueles escolhidos pela imprensa para ganharem “super-poderes” ou terem seus feitos elevados como de um herói, devem passar por uma grande prova - ou torneio que tenha repercussão - para serem escolhidos em receber esse *status*. Sem essa prova, as conquistas não poderão ser mostradas. Tendo aprovação, como um modelo que dá certo para a replicação, a imprensa através dos discursos da espetacularização midiática busca a transformação de atletas em vilões e heróis. Aí, então, o jornalista, através do veículo de comunicação, passa a apurar e detalhar a vida do atleta, seus outros resultados, suas dificuldades até alcançar esta conquista importante, quem o ajudou nessa trajetória para conquista e como, agora, ele usufrui dessa vitória. Isso faz com que a narração da mídia seguindo o modelo de Campbell, tenham elementos que envolvem a *Partida*, *Iniciação* e o *Retorno*.

A *Partida* é momento em que o herói é impelido à aventura. No segundo nível, a *Iniciação*, quando o herói passa por uma série de provas e acontecimentos extraordinários que o levarão a um grande resultado. Nesse estágio, há a confrontação com uma figura antagonista, e, finalmente, no terceiro estágio, o protagonista retorna para o seu mundo comum trazendo na bagagem as recompensas de sua conquista e a admiração de todos. Dentro da análise para esta dissertação, nota-se que apesar dos três elementos, a ordem utilizada pelos veículos de comunicação para a construção de heróis e vilões é diferente. Assim, eles se apresentam primeiro pela “*Iniciação*”, quando o fato ou resultado extraordinário acontece e se transforma em pauta de interesse da mídia. Em seguida, há o “*Retorno*”, trazendo os indicativos do que aquele resultado surpreendente repercutiu entre as diferentes camadas de público, para depois embarcar em notícias focadas na “*Partida*”, com elementos que mostram as barreiras iniciais que fizeram os “heróis” quase desistirem em seu início.

Muda-se o nome dos personagens, mas as características similares entre eles também continuam, principalmente dos estereótipos do herói: aquele que o espectador tem grande identificação; o Arauto: aquilo ou aquele que dá o ponto de partida, que faz o chamado ‘à aventura ao herói; O Mentor: aparece dentro dos contextos geralmente na forma de um ser mais velho, uma figura mais experiente, que traz a motivação necessária para o herói continuar em sua jornada; e a Sombra: normalmente, caracterizado como o vilão da história que atrapalha o herói em seu crescimento e conquistas. O vilão, inclusive, tem papel fundamental, afinal, não existe herói sem vilão ou vice-versa. Ambos são fundamentais um para o outro e isso pode ser constatada em todas as análises realizadas nesta dissertação.

Sobre o processo de análise foram lidas e verificadas 180 edições do Jornal O Globo e o Jornal Folha de S. Paulo, divididos em épocas que coincidiam intervalos de dez anos em cada uma delas. Cada personagem analisado possui sua peculiaridade. O piloto brasileiro Ayrton Senna, por exemplo, já gozava de grande apreço pelo público, que o consideravam como herói, principalmente pelos seus resultados e por conquistar a representação de símbolo da parte do Brasil que dá certo. Sua morte, em plena corrida, fez com que a esfera em torno dele se tornasse ainda mais elevada, criando um imaginário mais profundo da relação do público com Senna. Os jornais analisados após o incidente mostravam essa dimensão em busca de endeusar tudo que envolvia o piloto - seja como o homem perfeito, religioso, que ajudava os mais necessitados, que conseguiu feitos incríveis, que era símbolo para maioria. Esses fatores contribuíram para a transformação do piloto em ícone e mártir.

O caso do maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima já teve um viés diferente. Se antes não gozava de tanta popularidade, o seu ato de continuar a prova depois de um incidente inusitado em meio às Olimpíadas e de ter comemorado mesmo com o terceiro lugar fez com a mídia comesse a noticiar informações que o transformou em uma celebridade da noite para o dia. O seu discurso simples, o seu jeito carismático e sua feição de passado sofrido fizeram com que esses elementos o tornassem mais próximo do público. Os jornais fizeram questão de contar e procurar todos os personagens que envolviam o incidente, o que despertou ainda mais a curiosidade sobre esse novo herói criado.

E no caso da Seleção Brasileira de futebol, o amor incondicional - para o bem e para o mal - da torcida e da própria cobertura dos jornalistas sempre estiveram presentes. Falar em futebol, mesmo que jornalisticamente, é ultrapassar do linear da neutralidade para ir ao campo mais passional. O fato de em 2014, a seleção ter chances de conquistar o hexacampeonato jogando no Brasil criou-se muita expectativa e a derrota elástica fez com que a imprensa se colocasse no papel de torcedor para noticiar as informações. A derrota foi tomada como sinal de que nos faltou algo e a investigação dos motivos que estão por trás do fracasso em campo era algo iminente, assim como: revelação dos problemas internos como brigas, excesso de confiança; procura pelos culpados da derrota; esquadrinhamento dos problemas externos ao campo relativos à organização do futebol nacional. Há o entendimento que a derrota pode ser interpretada como uma lição. Seja contra a arrogância, contra a desorganização ou mesmo incompetência de treinadores e jogadores. Entender um motivo e buscar uma solução foram os enfoques na procura de um personagem - a Seleção Brasileira - que certamente ainda acompanhará as pautas esportivas por muito tempo.

Conclui-se dessa dissertação que essa prática de elementos mitológicos e literários dentro das coberturas jornalísticas esportivas mostrou ser uma receita bem aceita pelo público e bem executada pela imprensa, afinal, não apenas foram repetidos com características muito semelhantes no intervalo de 20 anos analisados, como também fazem o escopo de identificação ao longo da história do Jornalismo Esportivo. A mídia deseja impactar e o público está sedento em ser impactado. Isso faz com que esse modelo onde se mistura mitologia, esporte e jornalismo possa ter ainda muitos capítulos a serem construídos com diferentes personagens a serem encontrados.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Flávio. Notas sobre o futebol como situação dramática. In: **Cultura brasileira: temas e situações**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 151-166.
- AMARAL, L. **Técnica de Jornal e Periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- ANTUNES, Fátima Martin: Rodrigues Ferreira. **Com brasileiro não há quem possa!**: Futebol e identidade Schmitz e nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- BARBOSA, Suzana. **Modelo JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração**. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE PERIODISMO EN LA RED, 3. Madrid: Facultad de Periodismo da Universidad Complutense de Madrid, 2008
- BAKHTIN, M. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação. A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica**. Org. e equipe de trad. V. Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BARREAU, Jean-Claude & MORNE, Jean-Jacques. **Epistemología y antropología del deporte**. Tradução: Enrique Soto Rodríguez. Madrid: Alianza, 1991.
- BARTHES, R. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa. In R. Barthes, A. J. Greimas, C. Bremond, H. Eco, J. Gritti, V. Morin, C. Metz, T. Todorov & G. Genette. **Análise Estrutural da Narrativa** (pp. 19-63). Petrópolis: Vozes, 1981.
- BARTHES, Roland. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa; In: BARTHES, Roland et al. (Org.). **Análise estrutural da narrativa**. 7. Ed. Petrópolis: Loyola, 2011. 300p.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Trad. Rita Buongermino e Pedro de Souza. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BIRD, S. E.; DARDENNE, R. W. Myth, chronicle, and story - exploring the narrative qualities of news. In: J.W. Carey (Ed.), **Media, myths, and narratives - television and the press** (pp. 67-86). Newbury Park, CA: Sage Publications. 1988.
- BONFIM, Danyele. Como Nasce um Ídolo: o Mito e suas Narrativas. **Revista Opinião Filosófica**, Porto Alegre, v. 06; nº. 01, 2015
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão** – seguido de a influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- BRYANT, J., Brown, D., Comisky, P. W., & Zillmann, D. (1982). Sports and spectators: Commentary and appreciation. **Journal of Communication**, Vol. 32, n.1, pp. 109-119.

BRYANT, J., Comiskey, P. W., & Zillmann, D. (1977). Drama in: sports commentary. **Journal of Communication**, vol. 27, n.3, pp. 140-149.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia**: Histórias de Deuses e Heróis. 34ª edição. Tradução de David Jardim. Rio de Janeiro, Ediouro, 2006. 360p.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo, Pensamento, 1993.

CAMPBELL, Joseph.; Moyers, Bill. **O poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 2009.

CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1986.

CASSIRER, Ernst. 1985. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva.

CELESTINO, Luis. **História e jornalismo**: Aproximações e distanciamentos Disponível em: <http://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=Hist%C3%B3ria+e+jornalismo%3A+aproxima%C3%A7%C3%B5es+e+distanciamento> Acesso em: 30 Mar. 2017.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática. 2005.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2004. 120 p.

COSTA, Leda Maria 2014. **A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo**. UERJ. Rio de Janeiro 2018 Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nepess/arquivos/teseledacosta.pdf> Acesso em: 8 mai. 2017.

DALAKAS, Vassilles. **Why sports fans need villains**. 2016. Disponível em: <https://theconversation.com/why-sports-fans-need-villains-66725> Acesso em: 8 mai. 2017.

DOURADA, Flávia. **Jornalismo e narrativa mítica**: Do ideológico ao imaginário. 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0637-2.pdf> Acesso em: 16 mai. 2017.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes. 1997

ECO, Humberto. **História da feiura**. 2014. Editora: Record.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva. 1978.

ESTADÃO. **Final da Copa do Mundo foi vista por mais de um bilhão de pessoas**. 2004. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,final-da-copa-do-mundo-foi-vista-por-mais-de-um-bilhao-de-pessoas,1564835> Acesso em: 20 jan. 2016.

FAUSTO NETO, Antonio. **Midiatização, prática social**: prática de sentido. In: Encontro anual da associação nacional dos programas de pós-graduação em comunicação (Compós), 2006, Bauru/SP.

FAUSTO NETO, Antonio. **Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos**. Intercom, 2007.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain: de. **Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010. 287p.

FRANÇA, Breno. **Porque fãs de esporte precisam de vilões**. 2016. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/porque-fas-de-esporte-precisam-de-viloes> Acesso em: 8 mai. 2017.

FRANÇA, Vera R. V. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, M. e outros. **Comunicação, representações e práticas sociais**. Rio de Janeiro: PUC, 2004

GASTALDO, É. L. et al. **Futebol, mídia e sociabilidade: uma experiência etnográfica**. Cadernos IHU Ideias, n. 43, p. 1-26, 2005.

GOLDBERG, J.P. **Comunicação e Cultura de Massa**. Google Books, 2010.

GIUSTI, Bruno. MACHADO, Afonso. **O herói Ayrton Senna: um modelo para a sociedade**. Lapespe/Brasil, 2009. Acessado em <http://www.efdeportes.com/efd138/o-heroi-ayrton-senna-um-modelo-para-a-sociedade.htm>

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HELAL, Ronaldo. **Mídia e Esporte: A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro**. INTERCOM (São Paulo), Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-36, 2003. Disponível em: < <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu-n7-Helal.pdf> > Acesso em: 28 ago. 2016.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HENDERSON, Joseph L. **Os mitos antigos e o homem moderno**. In: JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. 4.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 110.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques**. São Paulo: Contexto, 2006.

HERSCHMANN, M.; PEREIRA, C. A. M. (Orgs). **Mídia, Memória e Celebidades: Estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.

IG. **Cerca da metade do mundo deve acompanhar Jogos Rio 2016, diz COI**. 2016. Disponível em <http://esporte.ig.com.br/olimpiadas/2016-08-17/audiencia-coi-rio-2016.html> Acessado em 15 de abril de 2017

JUNG, Carl. Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Elementos do Jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LÉVY, Edna G. **Os Arquétipos e os Jogos de Vídeo Game**. 19 p. Disponível em: <[http://jogodeareia.com.br/artigos/Jogo_de_Areia_Os_arquetipos_e_os_Jogos_de_Video_Ga](http://jogodeareia.com.br/artigos/Jogo_de_Areia_Os_arquetipos_e_os_Jogos_de_Video_Game.pdf) me.pdf >. Acesso em: 30 jul. 2016

LIMA, Gomes. **Cotidiano Fantástico: A Influência da Mitologia na Atualidade** . 2011. Disponível em: http://www.academia.edu/4987557/Cotidiano_Fant%C3%A1stico_A_Influ%C3%Aancia_da_Mitologia_na_Atualidade Acesso em: 8 abr. 2017.

LOVISOLO, Hugo. **Estética, esporte e educação física (Rio de Janeiro: Sprint)**, 1997.

LULE, Jack. **Daily news, eternal stories: The mythological role of journalism**. New York: The Guilford Press, 2001.

LUYTEN, Sonia M.Bibe. **Mangá – O Poder dos Quadrinhos Japoneses**. São Paulo: Hedra, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2008.

MICHAELIS. **Definição: Inimigo**. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=&t=&palavra=inimigo> Acessado em 5 de abril de 2016

MIELIETINSKI, E. M. 1987. **A poética do mito**. Rio de Janeiro: Forense.

MORIN, Edgar. **Cultura em massas no século XX: O espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

MOTTA, F.C.P. **O que é Burocracia**. São Paulo: Brasiliense. 2000.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: Análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

MOURÃO, Leonardo. Arquétipos: **O nosso programa básico**. Superinteressante – O Livro das Mitologias, São Paulo, n. 280-A, p. 63-65, Julho 2010.

MURRAY, B. **Uma História do Futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.

PENA, F. Jornalismo. **Coleção 1000 Perguntas**. Rio de Janeiro: Editora Rio Universidade Estácio de Sá, 2005.

PORCHAT, M. E. **Manual de Radiojornalismo (Jovem Pan)**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

POZZI, L. F. **A Grande Jogada – Teoria e Prática do Marketing Esportivo**. Editora Globo: São Paulo, 1998.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

ROMANINI, Vinícius. **Mitos: Porque precisamos deles?** Terra. 144 ed. Peixes. 2004.

RODRIGUES, Nelson. **O berro impresso das manchetes.** Rio de Janeiro, Agir, 2007.

ROTHENBUHLER, Eric W.; COMAN. **News as myth: daily news and eternal stories.** Mihai (Eds.). Media anthropology. Thousand Oaks. CA: Sage. 2005. p. 101-110.

RUBIO, Kátia. **O atleta e o mito do herói** – O imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo, Caso do Psicólogo, 2001.

RUBIO, Kátia. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Revista virtual EFArtigos.** Natal/RN, v. 02, n. 04, 2004. Disponível em: <<http://efartigos.atspace.org/esportes/artigo24.html>> Acesso em: 2 jan. 2016.

SANTIN, Silvio. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento.** Porto Alegre, RS: ESEF – UFRGS, 1994.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

SANFELICE, G. R. **Elementos para a midiaticização do esporte.** Universidade Feevale/Brasil. 2014.

SCHMITZ, Antonio Guilherme Filho. Portela, Luiz Osório Cruz. Uma proposta de análise para as críticas jornalísticas esportivas realizadas durante a Copa do Mundo de 1998. In: **Cadernos de comunicação.** Santa Maria, N. 4, jun., 2001, p. 13-29.

SCHOLLES, Robert; KELLOGG, Robert. **A natureza da narrativa.** São Paulo: McGraw-Hill, 1977, 234p.

SELEPRIN, Maiquel José. **O mito da sociedade atual.** 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/O_mito_na_sociedade_atual.pdf Acesso em 15 mai de 2017

SILVA, Débora. **Narratologia.** Disponível em: <<http://www.estudopratico.com.br/narratologia-estrutura-e-elementos-da-narrativa/>>. 2014. Acesso em: 21 de Junho de 2017.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis: Vozes, 2002.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **O jornalismo midiaticizado e a reconfiguração das vozes narrativas.** 2014. Disponível em: http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm3/CSM3_DemetriodeAzeredoSoster.pdf Acesso em: 8 mai. 2017.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. **Noticiário esportivo no Brasil: uma resenha histórica.** 2005. Tese (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

SOUSA, Li Shang. **Cobertura esportiva na televisão: Jornalismo ou entretenimento**. 2015. Disponível em: http://repositorio.ufpe.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/3427/arquivo4676_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 8 mai. 2017.

SUPERINTERESSANTE. **Uma vez, um homem brincou de Deus**. O Livro das Mitologias, São Paulo, n. 280-A, p. 3, Julho 2010.

TODOROV, Tzvetan. 1975. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva.

TUBINO, M. J. G.; TUBINO, F. M. e GARRIDO, F. A. C. G. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. Primeira Edição. RJ: Editora Senac, 2007.

TYLER, B. David; COBBS, Joe. Rival Conceptions of Rivalry: Why Some Competitions Mean More than Others (November 24, 2014). **European Sport Management Quarterly, Forthcoming**. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=2530260>. Acesso em 10 mai. 2017.

VEJA. **Brasileiros na história: Vanderlei de Lima**. 2012. Disponível em <http://veja.abril.com.br/olimpiadas/2012/brasileiros-na-historia/19-vanderlei-lima.html> Acessado em 20 de janeiro de 2016

VEJA. **Do trauma de infância ao pódio: A incrível história de 5 atletas** 2016. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/ciencia/campeoes-tem-habilidade-espantosa-para-superar-dificuldades/> Acesso em: 8 mai. 2017.

VEJA. **O que devemos aos gregos - A maior herança deixada pelos jogos da antiguidade é a exaltação do espírito de competição**. 2004. Disponível em: http://veja.abril.com.br/especiais/olimpiadas/p_012.html Acesso em: 8 jan. 2016.

VERNANT, Jean Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. Trad. Constança M. Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1992.

VERNANT, Jean Pierre. **Mito e sociedade na Grécia antiga**. tradução de Myriam Campello. Rio de Janeiro: José Olympio. 2006.

VOGLER, C. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Sinergia; Ediouro, 2009.